



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS I  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGEM – PPGEL  
MESTRADO EM ESTUDO DE LINGUAGENS**

**FERNANDA FIGUEIRA FONSECA**

**OU NÓS VAMOS, OU A *GENTE* VAI**

**ANÁLISE DA VARIAÇÃO DO PRONOME DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL  
NA BAHIA**

Salvador  
2021

FERNANDA FIGUEIRA FONSECA

**OU *NÓS* VAMOS, OU A *GENTE* VAI**

**A VARIAÇÃO DO PRONOME DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Estudo de Linguagens do Departamento de Ciências Humanas  
– *Campus* I, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB,  
como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Norma da Silva Lopes

Salvador  
2021

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB

F676

Fonseca, Fernanda Figueira

Ou nós vamos, ou a gente vai: análise da variação do pronome de primeira pessoa do plural na Bahia / Fernanda Figueira Fonseca. - Salvador, 2021.

125 fls.

Orientador(a): Profª Drª Norma da Silva Lopes. Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de

CDD: 417

**OU NÓS VAMOS, OU A GENTE VAI**  
**A VARIAÇÃO DO PRONOME DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL),  
Linha de Pesquisa 2: Linguagens, Discurso e Sociedade, da Universidade do Estado da Bahia  
(UNEB), como requisito para obtenção do título de Mestre.

Banca Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Norma da Silva Lopes - UNEB  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristina dos Santos Carvalho - UNEB  
Avaliadora interna

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Celina Márcia Abbade - UNEB  
Avaliadora interna – Suplente

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Silva de Farias Araújo - UEFS  
Avaliadora externa

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Norma Lúcia Fernandes de Almeida. - UEFS  
Avaliadora externa - Suplente

Aos meus pais, Fernando e Salvelina, minhas irmãs. Jacynara e Keline, ao meu esposo Rafael e ao meu Filho Renato. A vocês, dedico esse trabalho, como retribuição de todo estímulo que disponibilizaram a mim.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer a Deus é reconhecer sua ação sobre nossa vida, por isso sou eternamente grata ao Senhor por essa conquista. Tenho a certeza que sempre esteve comigo desde a inscrição para a seleção, e, se consegui trilhar esse caminho, foi porque Ele me sustentou.

Agradeço imensamente a meu esposo Rafael e meu filho Renato, que diante de todas as dificuldades souberam superar as minhas ausências e renunciar alguns momentos por causa dos meus objetivos. Agradeço por sempre terem se colocado à disposição em me ajudar. Obrigada meu Amor Rafael, por ser cuidadoso comigo, o Senhor coloca a pessoa certa em nossa vida, nenhum encontro se dá ao acaso. Filho, obrigada por todo seu amor e por sua frase diária de incentivo: “Mãe, eu tenho orgulho de você, você é uma guerreira”. Tu és minha maior inspiração!

À minha família, minha mãe e irmãs, que não mediram esforços para me socorrer, principalmente com as ausências devido às viagens semanais, que souberam suportar os picos de *stress*. Gratidão por acreditarem em mim e por me motivar a seguir em frente.

Aos colegas de trabalho, em especial às minhas amigas-irmãs-mães Tânia e Maricelma, que se dispuseram a reorganizar a minha jornada de trabalho para que fosse possível concretizar esse sonho. Vocês são anjos de Deus em minha vida! Obrigada por todo amor e cuidado.

Às amigas Kenny, Tânia, Daiane, integrantes do quarteto fantástico, companheiras de caminhada acadêmica, desde a graduação, vocês são luz em minha vida.

À Tassila Guimarães, que me incentivou desde sempre a seguir essa trajetória acadêmica, gratidão por todo apoio.

À minha amiga irmã Geisa Fróes por sempre acreditar em mim e, mesmo distante, se disponibilizar a me ouvir, me acolher, mostrando quais caminhos deveria seguir. Minha fonte inspiradora para ir além. Amo você!

À minha querida Ticiania, obrigada por sempre estar em prontidão para me escutar e dizer, não o que desejo, mas o que eu preciso ouvir. Você é um presente de Deus! Obrigada por poder partilhar com você minhas alegrias e anseios.

À todos os colegas/amigos de mestrado (turma 2019) que levarei para a vida, em especial Ademário, Carla, Carol, Lis, Vivi (sempre disposta a ouvir as minhas angústias), por compartilharem essa jornada comigo, obrigada pelos bons momentos e pelos “apuros” que vivemos. Obrigada por tudo!

À Vaneiza, Leo, Tarcísio e Levi, que me acolheram em seu lar, nessas idas e vindas à Salvador. “Deus sempre recompensa nossa fidelidade a Ele nos presenteando com bons amigos.

Quando temos amigos, Deus beija nossa face com a existência deles” Pe. Luis Erlin. Não tenho como recompensar tudo que fizeram por mim.

Aos professores do PPGEL, em especial Celina Abbade, que sempre compartilhou seus conhecimentos conosco envolvida de alegria contagiante e muito amor; ao professor Gilberto Nazareno, pela convivência agradável; à professora Cristina Carvalho, por nos inspirar com todo o seu comprometimento e dedicação; ao professor André Gáspari, Elisângela, Conceição Reis, muito obrigada. Trilhar este percurso só foi possível porque vocês estavam diariamente nos mostrando o caminho.

De forma especial, agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Norma Lopes, minha orientadora, a quem eu tenho grande estima, que com seu jeito acolhedor soube compartilhar seus conhecimentos, para ampliar meu aprendizado. Que tenhamos a oportunidade de nos encontrarmos em outros momentos, seja na academia ou na vida. Não tenho como demonstrar em palavras o quanto foi importante para mim. Obrigada por acreditar em meu potencial.

Às professoras Silvana Araújo e Cristina Carvalho, por aceitarem fazer parte da banca, pelas valiosas sugestões na qualificação e pela confiança no trabalho.

“Nunca sabemos, nem saberemos tudo, é sábio quem é humilde e quem deseja aprender na convivência com os demais” Pe. Luis Erlin. Obrigada a todos por me ensinarem tanto. Gratidão pela contribuição de cada um para que esse sonho fosse possível.

As línguas são fascinantes.  
Não há aspecto delas que não nos maravilhe,  
seja sua enorme complexidade estrutural e social,  
seja sua imensa heterogeneidade,  
seja ainda o fato de que são realidades com história.  
Mudam constantemente no eixo do tempo,  
e essas mudanças não se dão nem para melhor, nem para pior;  
as línguas não melhoram, mas também não decaem – elas  
simplesmente mudam.  
Por outro lado, as línguas estão intimamente atadas às dinâmicas  
histórico-políticas  
e às construções imaginário-ideológicas das sociedades em que são  
faladas.  
Em outros termos, as línguas não existem em si e por si;  
elas não são entidades autônomas –  
as línguas são elas e seus falantes;  
elas e as sociedades que as falam.

Carlos Alberto Faraco, 2016

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1a:</b> A realização do pronome sujeito de 1ª pessoa do plural nas mesorregiões baianas: frequência geral	97
<b>TABELA 1b:</b> A realização do pronome sujeito de 1ª pessoa do plural nas mesorregiões baianas: frequência geral (com Ø + <i>Nós</i> juntos)	98
<b>TABELA 2:</b> Frequência das variantes em cada fator das variáveis controladas	100
<b>TABELA 3:</b> Condicionamento do PARALELISMO FORMAL na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas	102
<b>TABELA 4:</b> Condicionamento da SALIÊNCIA FÔNICA na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas	105
<b>TABELA 5:</b> Condicionamento do SEXO DO FALANTE na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas	107
<b>TABELA 6:</b> Condicionamento da FAIXA Etária na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas	109
<b>TABELA 7:</b> Condicionamento da Mesorregião na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas	112
<b>TABELA 8:</b> Atuação do EFEITO GATILHO na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas	114
<b>TABELA 9:</b> Frequência dos fatores do TEMPO VERBAL na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas	115

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1:</b> Grupo de fatores, Mendonça (2010)	50
<b>QUADRO 2:</b> Municípios de cada mesorregião x contemplados no ALiB x analisados na dissertação	69
<b>QUADRO 3 -</b> Constituição da amostra das variáveis sociais	95

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1:</b> Rede de Pontos Região Nordeste	68
<b>FIGURA 2:</b> Mapa Mesorregiões da Bahia	70
<b>FIGURA 3:</b> Localização da cidade de Barreiras, Bahia	73
<b>FIGURA 4:</b> Localização da cidade de Alagoinhas, Bahia.	74
<b>FIGURA 5:</b> Localização da cidade de Ilhéus, Bahia.	76
<b>FIGURA 6:</b> Localização da cidade de Irecê, Bahia.	78
<b>FIGURA 7:</b> Localização da cidade de Barra, Bahia.	80
<b>FIGURA 8:</b> Localização da cidade de Vitória da Conquista, Bahia.	81
<b>FIGURA 9:</b> Localização da cidade de Salvador, Bahia	84

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1:</b> A variação na realização do pronome sujeito de 1ª pessoa do plural nas mesorregiões baianas: frequência geral	98
<b>GRÁFICO 2:</b> Condicionamento do PARALELISMO FORMAL na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas	103
<b>GRÁFICO 3:</b> Condicionamento da SALIÊNCIA FÔNICA na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas	106
<b>GRÁFICO 4:</b> Condicionamento do SEXO DO FALANTE na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas	108
<b>GRÁFICO 5:</b> Condicionamento da FAIXA ETÁRIA na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas	110
<b>GRÁFICO 6:</b> Condicionamento da MESORREGIÃO na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas	113

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>16</b>
1.1 CONHECENDO A SOCIOLINGUÍSTICA	16
<b>1.1.1 Pressupostos Teóricos</b>	<b>17</b>
<b>1.1.2 A comunidade de fala</b>	<b>19</b>
<b>1.1.3 A noção de variável dependente e variantes</b>	<b>21</b>
<b>1.1.4 Variáveis independentes – o que são?</b>	<b>22</b>
1.1.4.1 Variáveis independentes linguísticas	24
1.1.4.2 Variáveis independentes sociais	25
<i>1.1.4.2.1 A variável Idade/Faixa etária</i>	<i>26</i>
1.1.4.2.1.1 O estudo da mudança em tempo aparente	27
<i>1.1.4.2.2 A variável Sexo</i>	<i>29</i>
<i>1.1.4.2.3 A variável Escolaridade</i>	<i>30</i>
<b>1.1.5 A mudança linguística</b>	<b>32</b>
<b>2 A ALTERNÂNCIA DE NÓS E A GENTE EM ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS</b>	<b>37</b>
2.1 OMENA (1996a e 1996b)	37
2.2 LOPES (1993)	42
2.3 OMENA (2003)	47
2.4 MENDONÇA (2010)	49
2.5 VIANNA E LOPES (2015)	53
<b>3 GRAMATICALIZAÇÃO - UM CAMINHO PARA A MUDANÇA LINGUÍSTICA</b>	<b>55</b>
3.1 ENTENDENDO O PROCESSO DA GRAMATICALIZAÇÃO	55
3.2 OS PRINCÍPIOS DE HOPPER	58
3.3 GRAMATICALIZAÇÃO DE A GENTE	62
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>66</b>
4.1 O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL – ALiB	66
4.2 ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOECONÔMICOS DAS MESORREGIÕES	71

<b>4.2.1 Extremo Oeste Baiano, Barreiras</b>	<b>72</b>
<b>4.2.2 Nordeste Baiano, Alagoinhas</b>	<b>74</b>
<b>4.2.3 Sul Baiano, Ilhéus</b>	<b>75</b>
<b>4.2.4 Centro Norte Baiano, Irecê</b>	<b>77</b>
<b>4.2.5 Vale São Franciscano da Bahia, Barra</b>	<b>79</b>
<b>4.2.6 Centro Sul Baiano, Vitória da Conquista</b>	<b>80</b>
<b>4.2.7 Metropolitana de Salvador, Salvador</b>	<b>82</b>
<b>4.3 VARIÁVEIS</b>	<b>84</b>
<b>4.3.1 Variáveis dependentes</b>	<b>84</b>
<b>4.3.2 Variáveis independentes</b>	<b>85</b>
4.3.2.1 Variáveis independentes linguísticas	85
4.3.2.2 Variáveis independentes sociais	93
<b>4.4 Programa de análise estatística utilizado: o GoldVarb X</b>	<b>95</b>
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS</b>	<b>97</b>
<b>5.1 ALTERNÂNCIA ENTRE <i>NÓS</i> E A <i>GENTE</i>: FREQUÊNCIA DAS VARIANTES ENTRE AS VARIÁVEIS CONTROLADAS</b>	<b>99</b>
<b>5.2 Variáveis selecionadas</b>	<b>102</b>
<b>5.2.1 Paralelismo formal</b>	<b>102</b>
<b>5.2.2 Saliência Fônica</b>	<b>105</b>
<b>5.2.3 Sexo</b>	<b>107</b>
<b>5.2.4 Faixa Etária</b>	<b>109</b>
<b>5.2.5 Mesorregião /Cidades</b>	<b>111</b>
<b>5.3 VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS</b>	<b>114</b>
5.3.1 Paralelismo documentador/entrevistado ou efeito gatilho	114
5.3.2 Tempo verbal	115
<b>5.4 VISÃO GERAL DA ANÁLISE REALIZADA</b>	<b>116</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>117</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>120</b>

## RESUMO

Este estudo sociolinguístico tem como foco a variação na expressão do pronome de primeira pessoa do plural como preenchimento do sujeito em sete mesorregiões do Estado da Bahia. Para o seu desenvolvimento, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista Laboviana, em interface com a Dialectologia (CARDOSO *et al.*, 2014). Tomamos como objetivo investigar os grupos de fatores condicionantes para a escolha das variantes do fenômeno, buscando mapear como essa variação se apresenta nas Mesorregiões da Bahia. Além disso, comparamos os resultados encontrados com outras análises, Lopes (1993), Omena (1996a, 1996b, 2003), Mendonça (2010), Foeger (2013), Mattos (2014), Vianna e Lopes (2015) sobre o mesmo fenômeno. O *corpus* alvo de observação são as entrevistas realizadas com 28 informantes, sendo 04 falantes da cidade escolhida de cada uma das mesorregiões baianas, a saber: Centro-Norte baiano (Irecê), Nordeste Baiano (Alagoinhas), Extremo Oeste Baiano (Barreiras), Vale São Franciscano Baiano, (Barra), Centro-Sul Baiano (Vitória da Conquista), Sul Baiano (Ilhéus) e Metropolitana de Salvador (Salvador), que são registradas pelo acervo do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, o ALiB. A pesquisa em questão parte do estudo pioneiro de Omena (1996a, 1996b), que indica fatores linguísticos e sociais que condicionam o uso de *a gente* ao invés de *nós*. Corroborando as pesquisas de Omena (1996a, 1996b), as análises de Lopes (1993) mostram que fatores linguísticos e socioculturais estão inter-relacionados ao favorecimento do uso de *a gente* e afirma que essa forma já é implementada no Português Brasileiro. As variáveis controladas nesta pesquisa foram: paralelismo formal, saliência fônica, tempo/modo verbal, sexo, faixa etária e mesorregião. Os resultados gerais denotam que a forma *a gente* é a preferida pelos falantes das mesorregiões baianas – 71,7%. Verificamos como favorecedores da forma inovadora os seguintes contextos linguísticos e extralinguísticos, respectivamente: a) quanto ao Paralelismo Formal: (i) um antecedente *a gente*; (ii) o *a gente* em 1ª referência; b) quanto à Saliência Fônica: (i) quando a diferença entre a 3ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural da forma verbal se restringe apenas acréscimo de *-mos*; c) quanto à variável Sexo, as mulheres são as propagadoras da variante; d) quanto à variável Faixa Etária, os jovens são os propulsores do *a gente*; e) quanto à variável Mesorregiões, são favorecedoras as mesorregiões Metropolitana de Salvador, Centro-Sul Baiano e Centro-Norte Baiano. A investigação da alternância *nós* e *a gente* demonstrou que, na variedade oral do português falado nas Mesorregiões baianas, assim como os resultados de diversas pesquisas sobre o fenômeno no português brasileiro, a ocorrência da forma *a gente* é bastante utilizada no lugar de *nós* e dá mostras de um crescente uso dessa forma, em sincronias futuras.

**PALAVRAS- CHAVE:** Sociolinguística. ALiB. *Nós* e *a gente*. Mesorregiões baianas.

## ABSTRACT

This sociolinguistic study focuses on the variation in the expression of the first-person plural pronoun as the subject's filling in seven mesoregions of the State of Bahia. For its development, the theoretical-methodological assumptions of Labovian Variationist Sociolinguistics were used, in interface with Dialectology (CARDOSO et al., 2014). Our objective is to investigate the groups of conditioning factors for the choice of the phenomenon's variants, seeking to map how this variation presents itself in the Mesoregions of Bahia. In addition, we compared the results found with other analyses, Lopes (1993), Omena (1996a, 1996b, 2003), Mendonça (2010), Foeger (2013), Mattos (2014), Vianna and Lopes (2015) on the same phenomenon. The corpus object of observation are the interviews carried out with 28 informants, being 04 speakers of the city chosen from each of the mesoregions of Bahia, namely: Center-North of Bahia (Irecê), Northeast Bahia (Alagoinhas), Far West of Bahia (Barreiras), Vale São Franciscano Baiano, (Barra), Center-South Baiano (Vitória da Conquista), Sul Baiano (Ilhéus) and Metropolitana de Salvador (Salvador), which are registered by the collection of the Linguistic Atlas Project of Brazil, the ALiB. The research in question is part of the pioneering study by Omena (1996a, 1996b), which indicates linguistic and social factors that condition the use of *us* instead of *we*. Corroborating the research by Omena (1996a, 1996b), the analyzes by Lopes (1993) show that linguistic and sociocultural factors are interrelated to favoring the use of *a gente* and states that this form is already implemented in Brazilian Portuguese. The variables controlled in this research were: formal parallelism, phonic salience, tense/verbal mode, gender, age group and mesoregion. The general results show that the *we* form is preferred by speakers of Bahia's mesoregions – 71.7%. We found that the following linguistic and extralinguistic contexts favored innovative form, respectively: a) regarding Formal Parallelism: (i) an antecedent to *us*; (ii) the people in 1st reference; b) as for the Phonic Salience: (i) when the difference between the 3rd person singular and the 1st person plural of the verbal form is restricted to the addition of *-mos*; c) as for the variable Sex, women are the propagators of the variant; d) regarding the Age group variable, young people are the people's drivers; e) as for the variable Mesoregions, the Metropolitan mesoregions of Salvador, Centro-Sul Baiano and Centro-Norte Baiano are favoring. The investigation of the alternation between *nós* and *a gente* showed that, in the oral variety of Portuguese spoken in the Mesoregions of Bahia, as well as the results of several researches on the phenomenon in Brazilian Portuguese, the occurrence of the form *we* is widely used in our place and gives shows an increasing use of this form, in future syncs.

**KEYWORDS:** Sociolinguistics. ALiB. *Nós* and *a gente*. Bahian mesoregions.

## INTRODUÇÃO

Normalmente, o falante possui diversas formas de dizer a mesma coisa. No português, ele pode preencher o sujeito de 1ª pessoa do plural com a forma *a gente explícito* (1) ou com o pronome *nós explícito* (2) ou implícito (3)<sup>1</sup>. Nas sentenças apresentadas, verificamos um sintagma nominal à esquerda da oração na posição de sujeito preenchido de formas distintas. As realizações (1), (2) e (3) nos chamam a atenção por apresentarem o mesmo referente. Esta Dissertação de Mestrado tem como enfoque o uso variável do pronome de primeira pessoa do plural na Bahia na posição de sujeito, que se realiza como *nós* e *a gente*.

(1) [...] ele é muito cestroso, cheio de coisa, mas **A GENTE** usa um cavalo manso, né? (ALiB 087/03 – Homem, Faixa 2, Barreiras)

(2) Aqui **NÓS** já tamos sabendo aqui é a frente... aqui é a costa. (ALiB 087/03 – Homem, Faixa 2, Barreiras)

(3) [...] depois **DEMOS** uma limpadinha, botamos (init) alguma arrumação também... (ALiB 088/03 – Homem, Faixa 2, Alagoinhas)

(4) colocar exemplo de a gente implícito

Não são raras as sentenças identificadas e analisadas pelas pesquisas sobre a língua que descrevem estruturas que apontam para ocorrências de preenchimento do sujeito com os pronomes *nós* e *a gente*, em localidades diversas (LOPES, 1993; OMENA 1996A, 1996B, 2003; MENDONÇA, 2010; FOEGER, 2013; MATTOS, 2014; VIANNA E LOPES, 2012). Os estudos procuram analisar a relação entre a língua e a sociedade, objetivando o controle de variáveis linguísticas e extralinguísticas, a saber: localidade, faixa etária, sexo, escolaridade, entre outros, buscando entender o fenômeno variável em estudo.

Alterações na representação do sujeito pronominal, no preenchimento do sujeito, na indeterminação do sujeito são estudos acerca de diferentes variáveis no português brasileiro acerca dos pronomes. A alternância de *nós* e *a gente* como sujeito tem sido observada em diversos estudos, os quais têm o intuito de apontar uma explicação para a escolha da variante linguística expressa, na alternância entre o uso de *a gente/nós*.

Isto posto, a proposta desta pesquisa é investigar os condicionadores da escolha do pronome sujeito de 1ª pessoa do plural nas mesorregiões da Bahia, buscando mapear como a variação se apresenta, em localidades até então não observadas sistematicamente com esse fim. Este texto analisa o fenômeno, através de dados observados em um município de cada uma das mesorregiões baianas: Centro-Norte Baiano (Irecê), Nordeste Baiano (Alagoinhas), Extremo-

---

<sup>1</sup> Considerando que os informantes podem utilizar tanto *nós* como *a gente* com verbos na 3ª pessoa do singular, nesta investigação não foram consideradas ocorrências de *a gente* implícito. Por esse motivo, não apresentamos exemplos desse caso.

Oeste Baiano (Barreiras), Vale São Franciscano Baiano (Barra), Centro-Sul Baiano (Vitória da Conquista), Sul Baiano (Ilhéus) e Metropolitana de Salvador (Salvador). Além disso, serão contrastados os resultados encontrados com dados obtidos em outras pesquisas, realizadas em outras regiões. Dessa forma, é possível com este estudo refletir sobre a contribuição dos resultados alcançados para o mapeamento do fenômeno e o entendimento da especificidade do português brasileiro.

O presente trabalho é de cunho sociolinguístico com base na vertente variacionista, que realiza uma análise quantitativa, uma vez que fazemos um levantamento numérico da realização do fenômeno linguístico e buscamos observar como esse fenômeno se comporta no contexto em que está inserido.

Este texto é constituído de 5 seções, as Considerações finais e as Referências. Além desta Introdução, segue-se a seção “Fundamentação teórica” na qual apresentamos os pressupostos teóricos que serviram como ponto de sustentação da pesquisa: a Teoria da Variação e da Mudança Linguística. Discorremos as bases da Sociolinguística, a partir das pesquisas desenvolvidas por William Labov (2008[1972]), e os estudos sobre princípios da teoria geral da mudança linguística propostos por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), além de teóricos brasileiros, a exemplo de Tarallo (1997).

Na seção seguinte, “A alternância de *nós* e *a gente* em estudos sociolinguísticos” fazemos uma abordagem de oito pesquisas que já foram desenvolvidas sobre os usos de *nós* e *a gente* como preenchimento de sujeito, os trabalhos pioneiros de Lopes (1993) e Omena (1996a, 1996b, 2003), além das investigações de Mendonça (2010), Viana e Lopes (2012, 2015) que revelaram os contextos de uso (fatores internos e externos à língua) que, nas comunidades por esses autores estudadas, favorecem a variante selecionada pelos falantes.

Na seção 3, “Gramaticalização: um caminho para a mudança linguística”, tratamos do processo de gramaticalização que ocorre em todas as línguas; e a gramaticalização do nome *gente*, mostrando todo o percurso da mudança dessa forma no português, de nome até o seu uso como pronome *a gente*. Em seguida, na seção 4, intitulada “Procedimentos Metodológicos adotados na pesquisa”, expomos informações sobre todo o processo de construção da pesquisa Sociolinguística. Assim, descrevemos as comunidades em análise, as variáveis que buscamos controlar, bem como uma breve contextualização das mesorregiões/cidades selecionadas para o estudo dos fenômenos.

Na seção 5, analisamos e discutimos os resultados encontrados referentes à variação *nós/a gente* nas mesorregiões baianas. Por último, nas Considerações finais, fazemos uma retomada dos pontos associados à teoria e estudos realizados, ademais refletimos sobre os

possíveis questionamentos que foram respondidos com os resultados, que permitiram conduzir para a conclusão dos trabalhos e mostraram quais caminhos podemos prever para a continuidade dos estudos do fenômeno.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ser humano, enquanto membro de uma sociedade e inserido em uma comunidade, partilha cotidianamente diversas experiências. Desse contato, resultam diversas semelhanças e divergências entre a maneira de ser e falar desses indivíduos.

A língua é resultado da interação entre os seres de uma sociedade, tendo como função básica e primária a comunicação entre os indivíduos de uma comunidade linguística. Eles compartilham particularidades históricas e sociais registradas em suas memórias e, em regiões diferentes, como se observa na presente dissertação, podem ser percebidas diferenças históricas e sociais, que se refletem na forma de ver o mundo e de expressar isso através da língua. Nesse sentido, a forma como cada indivíduo percebe o mundo pode ser revelada, o que permite ao homem propagar pensamentos e ideias.

Atualmente, muitos pesquisadores analisam a língua considerando os aspectos sociais, mas foi Saussure (2006 [1913]) o primeiro a se referir ao aspecto social da *langue*. No entanto, os estudos com base nos pressupostos *saussureanos* não reconheciam a variação senão na *parole* que, para Saussure, é apenas individual, não se justificando senão nas preferências do indivíduo e nas interferências do momento da realização linguística.

Nesta seção, expomos informações sobre a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, ou Sociolinguística Laboviana ou Sociolinguística Variacionista, isto é, os princípios estabelecidos por Labov, que são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa Sociolinguística. Seus estudos estabeleceram critérios e condições de analisar a língua em uso, a motivação social para a variação e para a mudança.

### 1.1 Conhecendo a Sociolinguística

As pesquisas sobre a linguagem, no cenário atual, têm considerado a estreita relação entre língua e sociedade. Essa relação é inquestionável pois é a base da constituição do ser humano. Sobre esse aspecto, Alkmim (2005, p. 21) reflete sobre o seguinte ponto: se língua e sociedade são indissociáveis, “[...] por que se fala, então, de Sociolinguística? Ou melhor, por que existe uma área, dentro da linguística, para tratar, especificamente dessa relação?”

Verificamos que, inicialmente, a Linguística não considerava em seus estudos os aspectos sociais e culturais, interessava pesquisar sobre a língua e sua estrutura interna, nada que estivesse fora dessas questões era considerado. Dessa forma, Alkmim (2005, p.23) afirma que “A relação entre língua e sociedade, reconhecida, mas nem sempre assumida como

determinante, encontra-se diretamente ligada à questão da determinação do objeto de estudo da Linguística.”, ou seja, os aspectos sociais eram deixados de lado na análise linguística.

Brigth (1974 [1964]) considera que definir a sociolinguística como a ciência que apenas trata da relação entre língua e sociedade é uma afirmação vaga. Para esse autor, a partir de uma nova perspectiva da linguística, a sociolinguística compreende que tanto a língua quanto a sociedade fazem parte de uma estrutura. É trabalho do sociolinguista “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, [...] até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção.” (BRIGTH, 1974 [1964], p. 17)

Sendo a Sociolinguística a área da Linguística que concentra sua investigação nos estudos da língua e sua relação com os aspectos sociais nos quais os falantes estão inseridos, é imprescindível, portanto, considerar a variação e a mudança. Dessa forma, as ocorrências de fala que se manifestam nas diversas variedades de uma língua são do interesse dos pesquisadores dessa área. É objetivo da sociolinguística compreender quais são os condicionamentos dos diversos fenômenos variáveis, a partir do pressuposto de que as variações não ocorrem por acaso, são motivadas por aspectos internos e externos à língua.

### **1.1.1 Pressupostos teóricos**

Embora tenha se originado da linguística estrutural, a abordagem sociolinguística rompe definitivamente com a ideia de se compreender a língua como um sistema homogêneo, uniforme ou ainda considerar que as divergências entre as formas de falar de uma comunidade sejam rotuladas como “variação livre”. O objetivo da Sociolinguística é desconstruir esse pensamento, comprovando que determinada variação não acontece na língua por acaso (BRIGTH, 1974 [1964], p. 18).

O objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística. Para Brigth (1974[1964]), existem fatores socialmente definidos que supostamente relacionam-se com essa diversidade. Bright (1974[1964], p. 18-19) evidencia três dimensões que são recorrentes na maior parte dos casos e que têm relação com os usos variáveis, e que condicionam algum tipo de comportamento linguístico específico:

- (i) a dimensão do emissor: a identidade social do emissor interfere na forma de se expressar uma vez que essas diferenças de fala estão relacionadas à sua posição na estratificação social;
- (ii) a dimensão do receptor: o estilo utilizado para falar a ou sobre uma pessoa justifica-se por características do receptor;
- (iii) a dimensão do contexto: o ambiente social em que os falantes estão envolvidos contribui para o tipo de linguagem que eles devem usar.

Segundo Labov (2008[1972], p. 221), “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa”, pois a variação é um processo comum a todas as línguas, que não interfere no funcionamento do sistema linguístico. Isso pode ser comprovado na forma como falantes do português brasileiro, mesmo falando de formas diferentes, nos diversos cantos do nosso país, tendo hábitos, costumes, idades e escolaridades diversas, conseguem estabelecer a comunicação com outros que não compartilham os mesmos traços, de forma que todos os envolvidos no processo comunicativo entendam um ao outro.

Segundo Tarallo (1997), os sociolinguistas compreendem a língua como veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana. E o trabalho desses pesquisadores constitui-se da análise do vernáculo, ou seja, da língua falada em situações naturais, na enunciação e expressão de fatos, ideias, sem preocupações de como enunciá-los. Dessa forma, o objeto de estudo da Sociolinguística, segundo esse autor, parte do aparente “caos” linguístico. O papel do sociolinguista é entender o processo da variação e evidenciar os condicionamentos para os usos, desfazendo a ideia comum de que a variação é o caos.

Diferentemente de um acidente linguístico, a variação é vista como algo previsto na língua, e um falante que utiliza uma forma tida como desprestigiada não pode ser considerado como um ser que possua capacidade inferior àquele que utiliza a norma prestigiada da língua, comum nos centros urbanos. O sociolinguista objetiva encontrar os possíveis elementos que determinam a variação e definir de que forma ela ocorre e entender a sua relação com a mudança linguística. Para fazer esse trabalho, utiliza-se de uma metodologia detalhada, para que possa coletar dados e analisá-los de forma segura. (COELHO *et al.*, 2015)

Conforme Coelho *et al.* (2015), o estudo da variação não se restringe aos níveis gramaticais isoladamente (fonológico, morfológico, sintático, lexical e pragmático), uma vez que podem ocorrer fenômenos variáveis em níveis morfossintático e morfofonológico, aspectos estes que são chamados de interfaces de níveis.

As mudanças que ocorrem na língua iniciam-se sempre como um fenômeno de variação, mas nem toda variação leva a uma mudança. Diante disso, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) afirmam que a variação não indica, necessariamente, que está acontecendo uma mudança linguística, entretanto, a mudança demonstra um processo de variação pelo qual uma determinada variável passou, ou seja, para os autores, é possível compreender que a variação ocorre de forma estruturada. Assim, os resultados analisados permitirão a descrição de regras gramaticais, uma vez que a influência para ocorrência de uma variável ao invés de outra é decorrência de fatores linguísticos e extralinguísticos. Nesse modelo de análise não há possibilidade de conceber a variação livre, como determinavam os estruturalistas.

### 1.1.2 A Comunidade de Fala

A Teoria Variacionista analisa a língua em comunidades de fala, observando como o contexto social (sexo, faixa etária, escolaridade, perfil socioeconômico dos falantes) pode implicar diferentes usos linguísticos dos falantes.

O modelo laboviano tem como foco a análise da língua de um falante-ouvinte real em situações de uso linguístico por um determinado grupo de indivíduos, contrapondo-se à proposta do falante ideal dos gerativistas. Pertencentes a uma mesma comunidade de fala, os indivíduos partilham de diversos traços em comum. Segundo Labov (2008 [1972]),

a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de usos. (p. 150)

Dessa forma, Labov (2008[1972]) considera que uma comunidade de fala consiste em um grupo de pessoas que partilha regras e comportamentos sociais e linguísticos. Mas não significa que o grupo de falantes possui a mesma forma para se comunicar. Esse grupo de falantes partilha as mesmas normas que regulamentam a língua utilizada por essa comunidade. Para caracterizar uma comunidade de fala, Labov (2008 [1972]) põe em evidência as atitudes conscientes dos falantes em relação às regras partilhadas pelo grupo.

Para compreender como a língua se organiza socialmente, a Sociolinguística, além de coletar dados linguísticos concretos nas comunidades de fala, analisa a relação entre os usos e o contexto social em que estão inseridos. Segundo Guy (2000, p. 18), “a noção de comunidade de fala fornece uma justificativa teórica para unir idioletos de falantes individuais [...] em objetos maiores, as línguas”. Além disso, o contexto que corresponde à comunidade de fala propicia uma base na qual se pode entender a variedade da língua que os falantes compartilham, divergindo-se de falantes de outros grupos.

Guy (2000), consoante com o pensamento de Labov, considera a comunidade de fala como um modelo que pode explicar semelhanças e diferenças da língua. A partir das definições de comunidade de fala existentes na sociolinguística, Guy (2000) verificou um grupo de características em comum para defini-la, simplificando-as da seguinte forma:

(i) características linguísticas compartilhadas, que correspondem a usos da língua que são feitos dentro da comunidade e não externos a ela;

(ii) densidade da comunicação interna relativamente alta, ou seja, os falantes comunicam-se mais com os membros da mesma comunidade do que com os de outros grupos; e  
(iii) normas compartilhadas, que são os comportamentos e avaliações partilhados sobre o uso da língua (GUY, 2000, p.18).

Para Guy (2000, p.19), quando o falante utiliza traços linguísticos específicos da comunidade a que pertence, estabelece um elo com a comunidade, ao passo que aquele que não faz uso desses traços é caracterizado como membro externo. Acrescenta, ainda, que “esse compartilhamento de características linguísticas em uma comunidade de fala inclui as restrições de processos de variação”. Entretanto, em relação às restrições linguísticas na variação, Guy (2000) chama a atenção de que a maioria delas apresenta efeitos universais. Essas restrições, porém, nem sempre são universais, e quando isso ocorre pode-se defini-las observando os aspectos locais de cada comunidade de fala.

Para se compreender como se configura uma comunidade de fala, tomou-se como critério observar os aspectos comuns e divergentes entre os membros e ainda as regras que regulamentam os seus usos. No entanto, Guy (2000, p.20) busca resposta para o seguinte questionamento: “por que todos os membros de uma comunidade deveriam fazer a mesma coisa e os não-membros não?” Para ele, é preciso considerar a densidade da comunicação, uma vez que “A comunidade de fala é o domínio no qual os processos sociolinguísticos de acomodação e convergência ocorrerão [...] fala-se como as pessoas com as quais se fala.”

Guy (2000) considera que “a mera exposição a um traço linguístico, todavia, não é suficiente para propiciar a acomodação e a aquisição do mesmo.” (p.20) É preciso considerar as normas compartilhadas em uma comunidade de fala, uma vez que os membros da comunidade comungam de normas e atitudes sobre o uso da língua, ou seja, existem convergências que normatizam o uso de determinada variável ao invés de outra.

Em relação às normas e comportamentos entre os falantes de uma comunidade, Labov (2008 [1972], p. 287) afirma que “as atitudes sociais para com a língua são extremamente uniformes dentro de uma comunidade de fala”. Nesse aspecto, salientando a pesquisa realizada em Nova York, pontua ser admissível definir uma comunidade de fala como um grupo de falantes que compartilham um conjunto de atitudes sociais frente à língua.

As definições expostas por Guy (2000) são convergentes com os fundamentos estabelecidos por Labov (2008 [1972]), uma vez que argumentam que a intersecção para definir a comunidade de fala concentra-se nos aspectos das normas linguísticas estabelecidas pelos usos dos falantes e nos comportamentos sociais associados à língua.

### 1.1.3 A noção de Variável dependente e variantes

Seja qual for a comunidade de fala, é evidente que, nela, há diversas formas de dizer a mesma coisa, ou seja, as formas linguísticas sofrem variações. Segundo Tarallo (1997), essas múltiplas formas de falar no mesmo contexto e com o mesmo sentido são denominadas “variantes linguísticas”, o conjunto de variantes é chamado de variável. Tem-se, como exemplo de variável linguística, a marcação de plural do sintagma nominal (ou a variação da concordância de número no sintagma nominal), que envolve duas variantes: a realização do morfema -s ou a ausência desse segmento, o  $\emptyset$  (ou morfema zero). Também é objeto de estudo nesta dissertação, a expressão pronominal do sujeito de 1ª pessoa do plural, que tem duas variantes: *o a gente* e *o nós*.

As variantes linguísticas correspondem a formas particulares que se apresentam numa relação de concorrência e podem ser consideradas pelos membros da comunidade de fala como prestigiadas, na maior parte conservadora; por outro lado, as variantes classificadas como não prestigiadas são quase sempre inovadoras e estigmatizadas pelos falantes de uma dada comunidade. (TARALLO, 1997)

Entretanto, segundo Tarallo (1997), nem sempre é possível fazer essa correlação entre padrão vs não-padrão; conservadora vs não-conservadora; de prestígio vs estigmatizada, devido a algumas situações complexas.

Nesse sentido, conforme Votre (2019), as formas consideradas padrão, conservadora e de prestígio “[...] são semente e fruto da literatura oficial, que transforma a língua em padrão. Estão reguladas e codificadas nas gramáticas normativas, em que adquirem estatuto de formas corretas a serem ensinadas” (p, 51-52). Ou seja, correspondem às formas de expressão socialmente mais utilizadas por pessoas consideradas superiores na escala socioeconômica, ocorrem em contextos mais formais e elitizados, tornando-se modelos entre os interlocutores.

Por outro lado, as formas de expressão reconhecidas como não-padrão, não conservadora e estigmatizada referem-se aos falares das pessoas que não possuem prestígio econômico e social, “[...] interpretada como inferior, em termos estéticos e informativos[...]. É objeto de comentário jocoso ou rejeição explícita na comunidade discursiva.” (VOTRE, 2019, p. 52). São vistas como vício ou erros nas gramáticas e manuais de estudo e ensino da língua, principalmente nos níveis fundamental e médio. Assim, os falantes dessas formas são caracterizados como descuidados e ignorantes.

Conforme Coelho *et al.* (2015), um estudo sociolinguístico realiza-se de forma detalhada, com descrição de uma variável (que corresponde ao fenômeno escolhido para

análise, também chamada de variável dependente), suas variantes e o contexto possível de ocorrência ou não. Compreende-se variável dependente o fenômeno variável que se pretende estudar, que inclui um conjunto de duas ou mais variantes, cujo fenômeno o sociolinguista precisa entender. Ele toma como pressuposto que a escolha da variante depende de um grupo de fatores; o seu papel na análise é descobrir os condicionadores dessa variação. Para isso, ele lança mão de variáveis independentes, isto é, de grupos de fatores que, na sua opinião, podem condicionar a seleção da variante a ser empregada pelo falante.

Para que uma forma ou mais seja denominada como variante, Coelho *et al.* (2015, p. 17) afirmam a necessidade de serem cumpridos dois requisitos: “[...] 1) devem ser intercambiáveis no mesmo contexto e 2) devem manter o mesmo significado referencial/representacional”. Tomando como exemplo a alternância de *nós* e *a gente*, a variável linguística corresponde à variação na realização do pronome de referência à primeira pessoa do plural e as variantes consistem nas formas concorrentes na realização da variável *nós* e *a gente*.

No processo de variação, conforme Mollica (2019), as variantes podem ocorrer de maneira simultânea, isto é, as duas ou mais formas podem estar em alternância no sistema linguístico em curto ou longo período, ou podem estar indicando um processo de mudança, sendo que, nesse processo, uma das formas deixa de existir. Dessa forma, percebemos que a variação e a mudança se dão em um determinado contexto “constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origens e níveis diversos.” (p.11)

#### **1.1.4 Variáveis independentes – o que são?**

Nas pesquisas variacionistas, compreendemos o interesse do sociolinguista em buscar explicação para as escolhas linguísticas. De acordo com os princípios da Sociolinguística, a língua não varia de forma aleatória, pois existem elementos que condicionam esse processo de variação. Ele parte de hipóteses e testa essas hipóteses. Busca, dessa forma, listar quais variáveis independentes podem estar condicionando os falantes a fazerem escolhas diferentes.

Dessa forma, Tarallo (1997, p. 11) considera que, para sistematizar uma variável, o sociolinguista deverá fazer o que se segue:

- 1) “Um levantamento exaustivo de dados da língua falada para fins de análise, dados esses que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade;”
- 2) “Descrição detalhada da variável acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem”;
- 3) “A análise dos possíveis fatores condicionadores (linguísticos e não-linguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s)”;

- 4) “Análise do encaixamento da variável no sistema linguístico e no social da comunidade em que o nível linguístico e social da comunidade a variável pode ser colocado;”
- 5) “Estudo da projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade”.

Na análise do inglês falado em Nova York, a partir das amostras aleatórias do *Lower East Side*, Labov (2008[1972]) realizou algumas investigações preliminares, entre elas analisou 70 entrevistas individuais e diversas observações anônimas em lugares públicos. A partir desses estudos, pôde definir as variáveis fundamentais que seriam analisadas para a análise da variação do /r/ em posição pós-vocálica. O estudo mostrou que essa variável se apresenta sensível à medição da estratificação social ou estilística, porque o /r/ é um diferenciador social em todos os níveis de fala em Nova York. Assim, não há condicionador que estabeleça que uma forma é melhor do que a outra, o que há, de fato, é uma questão de atitude sociolinguística dos falantes da comunidade.

Ao investigar a língua falada na ilha de Marta’s Vineyard, Labov (2008 [1972]) associou ao comportamento linguístico dos entrevistados em relação à pronúncia dos ditongos (ay) e (aw) vários grupos de fatores sociais, como: localização geográfica, grupos étnicos a que pertenciam, o trabalho que desempenhavam na comunidade, faixa etária, sexo, verificando como ocorre a centralização das vogais. Assim, constatou que o uso da forma centralizada dos ditongos (ay) e (aw) está relacionado ao modo de resistência dos moradores da ilha para com os visitantes veranistas, que invadiam a ilha anualmente, ou seja, era uma forma de se firmar como nativos, resistindo às ameaças de imposição da cultura desses forasteiros. Nessa perspectiva, Labov (2008 [1972]) verificou que as diferenças fonéticas, cada vez mais marcadas e estigmatizadas pelos nativos, eram uma forma de manutenção da sua identidade social.

Os condicionadores correspondem a fatores que favorecem a escolha feita pelos falantes entre uma ou outra variante. “É o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) rival(is)” (COELHO *et al.* 2015, p.20).

A partir das variáveis independentes estruturais (linguísticas) e externas (extralinguísticas), que permitem um controle da realização das variantes, é possível realizar o cruzamento de dados e identificar quais desses grupos de fatores condicionam ou desfavorecem a realização de determinadas formas linguísticas que se apresentam em alternância. A sociolinguística defende, segundo Coelho *et al.* (2015), a existência de uma forte correlação entre os mecanismos internos da língua e os fatores externos a ela.

Mollica (2019), sobre as variáveis extralinguísticas, detalha os grupos de fatores da seguinte forma:

[...] no conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva). Os do primeiro tipo referem-se a traços próprios aos falantes, enquanto os demais a características circunstanciais que ora envolvem o falante, ora o evento de fala. (p.11)

Dessa forma, as variáveis independentes correspondem aos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos (que envolvem os traços inerentes aos indivíduos, os sociais e os contextuais) que são controlados para descobrir quais deles motivam determinada ocorrência.

#### **1.1.4.1. Variáveis independentes linguísticas**

A pesquisa sociolinguística acredita que variáveis independentes contribuem para a identificação de favorecimento da escolha que o falante faz de uma variante ao invés de outra. Os fatores correspondentes às variáveis linguísticas podem ser apresentados em diversos níveis: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical, estilístico e pragmático. As pressões exercidas pelos condicionadores internos podem ocorrer entre fenômenos do mesmo nível linguístico (COELHO, *et al.* 2015).

Saliência fônica, paralelismo formal, mudança de referente, função sintática, tempo verbal, modalização, gênero discursivo, tamanho do grupo, entre outras, são alguns exemplos de variáveis linguísticas utilizadas em algumas pesquisas realizadas sobre a variação em aspectos morfossintáticos da língua.

Scherre (1988, p.64) considera a saliência fônica em seus estudos da concordância nominal no sintagma nominal. Segundo a autora, as formas mais salientes (com maior diferenciação fônica entre o singular e o plural) “são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes”. Lopes (1993) corrobora as ideias de Scherre (1988) quanto ao efeito dessa variável e afirma que há uma maior probabilidade de se marcar o plural quando há maior diferenciação fônica entre as formas de singular e plural, ou seja, quando há maior saliência fônica.

Embora a saliência fônica seja um aspecto do nível fonético-fonológico e exerça grande influência para condicionar uma determinada variante nesse nível, entendemos que essa variável também representa um forte condicionador em outros níveis. No que se refere ao processo de variação de um fenômeno morfossintático, a exemplo da concordância, como

atestado por Scherre (1988) e Lopes (1993), o princípio da saliência fônica tem grande relevância na realização desse fenômeno.

#### **1.1.4.2 Variáveis independentes sociais**

Conforme Labov (2008 [1972]), há um certo tempo, a linguística descritiva considerava a língua como um conjunto de normas sociais, que não sofriam variação e eram compartilhadas por todos os usuários de uma língua. Entretanto, pesquisas que apresentam uma abordagem mais minuciosa dos aspectos sociais comprovam que os elementos da estrutura linguística estão associados à variação ordenada que retrata a mudança e os aspectos sociais externos à língua. A respeito disso, Labov (2008 [1972], p. 140) diz que “a forma de comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante”.

Ao defender que os aspectos sociais interferem nas estruturas linguísticas, Labov (2008 [1972]) registrou que Nova York apresentava alguns problemas difíceis de serem interpretados pelos aspectos linguísticos, pois os nova-iorquinos mostravam notável variação estilística, estritamente associada ao padrão de estratificação social determinada por alguns aspectos da sociedade urbana. Esse autor tomou como base os indicadores fonológicos, uma vez que estes apresentam um enorme acervo de amostras e revelam um elevado grau de estrutura interna comparado aos outros sistemas linguísticos, oferecendo, assim, ao pesquisador possibilidades de resultados paralelos e convergentes.

Por outro lado, Camacho (2005, p. 60) observa que “a diversidade linguística não se restringe a determinações motivadas por origem sociocultural e geográfica”. Para o autor, um mesmo indivíduo pode utilizar diferentes formas alternando-as de acordo com as modificações nas circunstâncias relacionadas ao processo de interação verbal, associando a isso o contexto social, o conteúdo da comunicação, a identidade social do interlocutor.

Naro (2019, p.25), por sua vez, afirma que “a variação linguística é uma das características universais das línguas naturais que convive com forças de estabilidade. Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível.” Nesse sentido, são as variáveis sociais e linguísticas que comandam o uso. Elas não atuam individualmente, estão associadas a um grupo em que seus membros se relacionam, viabilizando o emprego ou impedindo o uso de determinadas variantes com o mesmo valor de sentido.

As variáveis sociais (sexo, escolarização e idade) são extremamente importantes para se explicar a ocorrência de fenômenos linguísticos, uma vez que estabelecem condições

específicas para que ocorram as variantes. Silva e Paiva (1996) fazem uma análise dessas variáveis sociais, pontuando como se apresentam em diversas investigações sociolinguísticas. Para isso, apresentam muitos resultados de pesquisas desenvolvidas, elencando como essas variáveis se comportam em cada análise.

De acordo com Mollica (2019), diversos estudos associam as variáveis sociais para explicar a ocorrência de fenômenos linguísticos. Entretanto, ainda existem muitos questionamentos que pretendem obter respostas acerca do efeito padronizado das variáveis sociais:

- a) o grau alto de escolarização concorre para um comportamento linguístico ajustado ao padrão culto?
- b) O gênero feminino é mais conservador do ponto de vista da norma?
- c) Há uma relação entre estigmatização sociolinguística, *status* e mobilidade social?
- d) Qual o impacto da mídia sobre a variação linguística? (MOLLICA, 2019, p. 27)

Na subseção seguinte, discutimos a importância da variável social Idade/Faixa etária no estudo de fenômenos linguísticos variáveis.

#### 1.1.4.2.1 A variável Idade/Faixa etária

Para confirmar se a variação já se apresenta como uma mudança em progresso, segundo Tarallo (1997), a partir da análise de uma variável, faz-se necessário relacionar suas variantes aos diversos grupos etários para que tenhamos uma comparação das ocorrências do fenômeno em estudo. Ao comparar a fala dos indivíduos mais jovens e dos mais velhos, é preciso analisar em que grupos etários há maior incidência da variante observada do fenômeno em questão. A partir dessa análise, podemos levantar uma hipótese de mudança em progresso.

Corroborando o pensamento de Tarallo (1997), Silva e Paiva (1996) consideram que observar a correspondência entre a idade e um fenômeno em variação é extremamente relevante para verificar se o fenômeno varia e permanece estável, ou seja, não muda; ou se está acontecendo uma mudança na língua. As autoras utilizam como exemplo os trabalhos desenvolvidos por Labov sobre a realização fonética de /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard, em que constatou a ocorrência da forma núcleo vocálico não centralizado entre os falantes mais jovens, ao passo que os falantes mais velhos favorecem a pronúncia centralizada, revelando que o fator idade é um indicador importante da possibilidade da existência de uma mudança em progresso.

Em alguns estudos sociolinguísticos no Brasil, a variável social idade é determinante para fornecer indícios de fenômenos em mudança em progresso. Os estudos realizados por Callou (1979 *apud* SILVA e PAIVA 1996) sobre a distribuição da vibrante na fala de pessoas de nível universitário demonstram que os falantes mais jovens tendem a utilizar a forma mais inovadora, a pronúncia fricativa velar, fato que pode ser um indicador de uma mudança em andamento.

Na análise da ocorrência de *nós* e *a gente* em Vitória, observando a variável faixa etária, Mendonça (2010) verificou que os mais jovens têm uma tendência ao uso da forma inovadora ao passo que os mais velhos optam pelo pronome conservador.

Ao analisar a hipótese de regressão no processo de levantamento das vogais pretônicas, observando a variável social idade, Bisol (1981 *apud* SILVA e PAIVA, 1996) verificou que os jovens alçam menos essas vogais do que os falantes mais velhos.

Sobre a importância da observação da faixa etária, no estudo da variação e da mudança, Silva e Paiva (1996) assim se expressam:

As diferenças etárias no uso de variantes linguísticas permitem suspeitar a existência de mudança em curso, funcionando como evidências do que Labov denominou de tempo aparente. A comparação da linguagem de pessoas de diferentes faixas etárias pode revelar diferentes estágios de uma língua. (p. 352)

Silva e Paiva (1996) acrescentam ainda que considerar o fator idade é um ponto necessário, no entanto não dá conta de se constatar uma mudança em curso. Para elas é fundamental que se faça distinção entre as diversas faixas etárias que indicam mudanças daquelas que apresentam características da linguagem dos jovens e dos mais velhos. Deve-se, por isso, fazer o confronto entre sincronias diferentes, para que se possa confirmar a tendência de mudança.

#### 1.1.4.2.1.1 O estudo da mudança em tempo aparente

Segundo a hipótese clássica, o mecanismo de aquisição de uma primeira língua acontece até os 15 anos. Sendo assim, ao investigar a língua falada por um informante de 50 anos, pode-se ter uma noção da forma como ele falava há 36 anos. Baseando-se nessa hipótese de que o falante aprende sua língua até a adolescência, através de pesquisas em tempo aparente, Naro (2019, p. 44) afirma que “o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida pelo falante quando tinha aproximadamente 15 anos”. O linguista diz ainda que

O que permite esta visão simultânea das diversas etapas do processo dinâmico de mudança é o congelamento do sistema linguístico do falante na época da puberdade, e é justamente este o postulado fundamental que subjaz à hipótese

clássica do relacionamento entre mudança linguística e idade: o processo da mudança se espelha na fala das sucessivas faixas etárias. (NARO, 2019, p.46)

Dessa forma, o sociolinguista acredita que, ao observar grupos de idades diferentes em uma comunidade de fala, pode-se ter ideia de traços inovadores de fala (dos falantes mais novos) e variantes que tendem ao desaparecimento (que estão presentes na fala das pessoas mais velhas). Esse é o estudo da mudança linguística em tempo aparente, que ocorre na observação das diferenças entre as faixas etárias.

Na análise da língua em tempo aparente, realiza-se um estudo nas diferentes idades, observando como as variantes são realizadas por falantes mais velhos e mais jovens. O trabalho de Labov (2008[1972]) sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na língua falada na ilha de Marta's Vineyard é um bom exemplo de uma investigação em tempo aparente. . Através dessa análise, podemos identificar o processo da mudança linguística em progresso.

Ao apresentar o trabalho de Gauchat (1905 *apud* NARO, 2019), que investigava aspectos fonéticos na fala dos informantes de uma aldeia na Suíça, Naro (2019) chama atenção de que esse estudo trouxe aspectos surpreendentes pois, à medida que os falantes avançavam na faixa etária, adotavam variantes apropriadas à sua idade, contrariando a proposta da estabilidade linguística a partir da fase da puberdade. Compreendemos, dessa forma, que o estudo em tempo aparente precisa ser seguido de uma análise em tempo real para que se apresentem resultados mais seguros acerca da mudança linguística.

De acordo com Labov (1966 *apud* SILVA e PAIVA, 1996), “o estudo da mudança no tempo aparente pode ser mais confiável se as diferenças etárias forem reforçadas pelos resultados associados a outras variáveis independentes, como por exemplo, classe social e sexo (p. 354). No estudo da pronúncia do /r/ pós-vocálico de Nova York, Labov associou as diferentes faixas etárias a um padrão de classe social. Ou seja, quando a mudança acontece na língua, ela parte de um grupo atrelado aos valores sociais que caracterizam este grupo.

Mattos (2013), em seus estudos sobre o uso das formas *nós* e *a gente* com os informantes de Goiás, constatou que os jovens são favorecedores da forma *a gente*, em contrapartida os falantes mais velhos desfavorecem o emprego dessa forma.

Seara (2000), ao observar a faixa etária em seus estudos da fala florianopolitana, acerca da variação do sujeito *nós* e *a gente*, verificou que a forma *a gente* é mais empregada pelos mais jovens do que pelos adultos. Os falantes com idade igual ou superior a 50 anos tendem a fazer menos uso de *a gente*, que continua em declínio). Segundo a autora, esse dado pode indicar que a forma *nós* está dando lugar para o *a gente*.

Borges (2004), ao fazer uma análise histórica, social e linguística do processo de gramaticalização do *a gente*, nos falares de Jaguarão e Pelotas, no que diz respeito à variável faixa etária, observou que os indivíduos mais jovens (16 a 25 anos) tendem a utilizar a forma *a gente*, enquanto os mais velhos (50 anos ou mais) usam cada vez menos a forma inovadora.

Na análise da variável faixa etária da investigação da primeira pessoa do plural no português rural falado em Santa Leopoldina, Foeger (2014) verificou que os falantes da faixa etária intermediária, 26 a 49 anos, são os que mais favorecem a forma inovadora.

Silva e Paiva (1996) chamam atenção para o fato de que é objetivo da Sociolinguística quantitativa estabelecer critérios para pesquisas sobre mudança em tempo aparente, enfatizando a estratificação social como indicador de mudanças em progresso.

#### 1.1.4.2.2 A variável sexo

É sabido que homens e mulheres apresentam diferenças marcantes na forma de falar, principalmente relacionadas ao timbre da voz. Entretanto, aspectos como estes se mostram pouco atraentes para a Sociolinguística. Interessa a essa área investigar de que forma as variáveis linguísticas nos diversos níveis são condicionadas pela variável sexo.

É evidente que os papéis que os falantes desempenham dentro de uma comunidade são importantes no estudo de variação e mudança. Há indícios de que o sexo exerça influência na maneira de dizer as coisas, além disso o cruzamento da variável sexo com idade pode trazer resultados significativos nos estudos sociolinguísticos.

O estudo pioneiro acerca dessa variável foi o trabalho de Fisher (1958 *apud* SILVA e PAIVA 1996). Nessa investigação, o autor analisou, no inglês, a variação entre *-ing* e *-in*, a partir de dados de fala de crianças em uma comunidade rural, da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos. O resultado desse trabalho demonstrou que a seleção das variantes é condicionada pelo variável sexo, pois os falantes do sexo feminino utilizavam a forma prestigiada, o *-ing*.

Na análise realizada sobre a presença ou ausência do /r/ pós vocálico em inglês, Labov (2008 [1972]) constatou que as mulheres fazem uso do /r/ com maior frequência do que os homens.

Borges (2004), em seus estudos sobre a gramaticalização do *a gente*, nas comunidades de Jaguarão e Pelotas, observou que, mesmo de maneira tímida, as mulheres favorecem mais o uso do *a gente*. Mattos (2013), na análise da variação de *nós* e *a gente*, ao examinar a variável sexo, constatou que na fala das mulheres predomina o uso da forma inovadora. Nesse sentido, acreditamos que o uso do *a gente* é mais empregado pelas mulheres já que essa forma não sofre estigma na língua.

Brustolin (2009), em sua tese de doutorado, ao analisar a variação de *nós* e *a gente* na fala e escrita de alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis, no que diz respeito à variável sexo, verificou que, na fala das alunas, 82% dos dados correspondem a forma *a gente* contra 18% da forma *nós*. Já os alunos apresentam um percentual de 53% para a forma *a gente* e 47% para forma *nós*. Na escrita, o percentual de uso da forma *a gente* é de 15% para as alunas e 11 % a forma *nós*.

Os resultados da investigação do variável sexo, nos estudos de Mendonça (2010), sobre a variação entre *nós* e *a gente* mostram que as mulheres são propagadoras de *a gente*.

As pesquisas sociolinguísticas que observam a realização da fala em centros urbanos, em sua maioria, e consideram variável sexo em suas análises, revelam que as mulheres tendem a utilizar formas padronizadas ou não estigmatizadas. Conforme Silva e Paiva (1996, p. 367), há uma preferência das mulheres pelas formas aceitas socialmente, o que ocorre tanto no processo de variação quanto na mudança. As autoras salientam ainda que é provável que essa diferença de comportamento entre os homens e as mulheres esteja associada “ao papel efetivo das mulheres na socialização das crianças.” As autoras afirmam que as mulheres convivem em menos grupos, isto é, as mulheres possuem menos oportunidades sociais. Ao passo que os homens possuem uma vida social mais efetiva em contato com pessoas com as quais compartilham traços linguísticos.

Labov (2008[1972]) considera que o comportamento linguístico das mulheres desempenha um papel importante no que se refere ao mecanismo de mudança, pois influenciam no processo de aquisição da linguagem das crianças, já que conversam mais com os filhos do que os homens, exercendo assim forte influência neste processo.

#### **1.1.4.2.3 A variável escolaridade**

À medida que o indivíduo avança na sua educação formal, vai modificando sua forma de se expressar. A sociedade espera que o contato com a escola contribua para que aconteçam mudanças, tanto na fala, quanto na escrita do estudante. Na visão de Votre (2019, p. 51), a escola é “veículo de familiarização com a literatura nacional”, cumpre a missão de imprimir nos estudantes “gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever.” Dessa forma, temos a expectativa de que a escolaridade exerça grande influência nos usos linguísticos realizados pelos falantes, na tentativa de perpetuação de uma variedade padrão, e tente impedir um processo de mudança linguística.

Muitas pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas mostram como a variável escolaridade interfere na ocorrência dos fenômenos estudados, pois a escola tem grande

importância na tentativa de defesa da norma padrão da língua. Ao investigar o emprego de *ne*, partícula de negação no francês falado em Montréal, por exemplo, Sankoff (1977 *apud* SILVA, PAIVA, 1996) mostrou que quanto mais escolarizado o falante é maior o uso da forma padrão.

Votre (2019) mostra que a escola exerce um controle sobre os usos de algumas formas como *pobrema*, no entanto ignoram formas redundantes como *há anos atrás*. Ao lado das formas não-padrão que são estigmatizadas, há formas não-padrão que não sofrem estigma na sociedade, não sendo, por isso, combatidas pelo trabalho escolar. Essas formas ocorrem sem serem percebidas, e se alastram por todos os grupos livremente, sem qualquer preconceito e podem acabar fazendo parte dos usos linguísticos normais da sociedade como um todo. E, segundo o autor, o estigma social, alvo das formas mais populares, está associado ao uso realizado pelos falantes desprovidos de prestígio social. Assim, essas variantes são classificadas como inferiores, como vícios, erros pela sociedade e os falantes que usam essas formas são qualificados como ignorantes ou descuidados. O autor acrescenta, no entanto, que a maior parte das orientações gramaticais, hoje, não correspondem à fala de qualquer falante brasileiro, referindo-se, principalmente a textos literários do passado e, por vezes, ao português europeu.

A investigação de Labov (2008 [1972]) sobre o inglês de Nova Iorque, que resultou na sua tese de doutoramento entre 1963 e 1964, contemplou o estudo de diversas variáveis fonológicas: presença ou ausência do (r) pós-vocálico; levantamento das vogais (eh) e (oh); variação das fricativas interdentais / θ / e / δ / e africadas ou oclusivas; variação entre [ŋ] e [n] na pronúncia do sufixo *-ing*; centralização de (aw) e passagem da vogal central [ʌ] para [a]. Ao analisar estas variáveis, Labov observou de que forma os aspectos sociais exerciam influência na variação destes fenômenos. No que se refere às fricativas, africadas e oclusivas, constatou que os falantes escolarizados empregam, com maior frequência, as fricativas e os menos escolarizados optam pelas africadas e oclusivas, não-padrão; quanto ao emprego de *-ing*, a escolaridade condiciona o uso dessa forma, já que os falantes mais escolarizados usam menos a forma não-padrão, a pronúncia alveolar.

Os estudos de Brustolin (2009), a respeito de *nós* e *a gente* na fala de estudantes do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis, mostram que os alunos da 5ª e 6ª série fazem mais uso da forma *a gente*. Entretanto, apesar de os alunos das 7ª e 8ª série fazerem o uso do *a gente*, os resultados mostraram desfavorecimento da forma inovadora.

Segundo Votre (2019), o domínio linguístico do padrão de prestígio depende de muitas variáveis. Entre essas destacam-se (i) compartilhamento das experiências, (ii) a consciência do grau de prestígio atribuído a cada participante do processo interativo e (iii) o esforço de cada

interlocutor em cumprir as tarefas comunicativas para garantir a comunicação adequada. (VOTRE, 2019, p. 56)

A escola exerce, pelo que apresentamos, uma influência forte na modificação dos usos linguísticos. Diante dessa constatação, é necessário analisar de forma crítica a influência da escolaridade na configuração linguística de uma comunidade.

### **1.1.5 Mudança Linguística**

Não é novidade que a língua passa por mudanças ao longo do tempo. Naro (2019) afirma que as transformações por que uma língua passa não sucedem de forma imediata, mas de forma gradual, pois acontecem em diversas dimensões. Considerando os aspectos sociais, o autor afirma que os falantes mais velhos tendem a preservar formas mais conservadoras, observando que isso pode ocorrer também com os falantes mais escolarizados, com indivíduos que ocupam uma posição de prestígio na sociedade.

A mudança linguística acontece em decorrência dos usos que os falantes fazem dentro de uma comunidade. Naro (2019) salienta que esse processo de mudança não acontece de forma mecânica e regular em um curto espaço de tempo. Para o autor, “em qualquer estado real da língua, costumam coexistir formas de diversos estágios em evolução. (p. 43)”.

De acordo com Paiva e Duarte (2019), o estudo da mudança em tempo real, que corresponde ao estudo da língua considerando intervalos maiores ou menores entre duas sincronias, pode fornecer elementos que contribuam para uma análise mais segura da mudança. Assim, ao confrontar dados em tempo real, em mais de uma sincronia, é possível verificar mudanças que se produzem de forma gradual em uma comunidade e mudanças que caracterizam o percurso de como a língua se comporta ao longo do tempo. (p. 181)

Nessa visão, Paiva e Duarte (2019) afirmam:

O estudo da mudança em tempo real, não isento de problemas [...] constitui um recurso imprescindível não apenas para identificar o momento de aparecimento ou morte de uma determinada variante linguística como também para verificar a regularidade na ação dos princípios que regem a variação e subjazem à implementação da mudança. (p. 182)

O estudo da mudança em tempo real, conforme Paiva e Duarte (2019), pode acontecer de duas formas: (i) tempo real de longa duração, que consiste na observância do fenômeno e do seu percurso através dos séculos; (ii) tempo real de curta duração, que corresponde à observação dos processos variáveis de uma língua em tempos mais reduzidos.

Apesar de o estudo em tempo real de longa duração ter sido importante em diversas pesquisas sociolinguísticas, muitos problemas precisam ser levados em conta para a concretização desse modelo de investigação. Isso porque, como se trata de uma pesquisa em um intervalo maior de tempo, é muito difícil encontrar falantes nativos, levando o pesquisador a recorrer a textos escritos e documentos que representam dada época. Dessa forma, o pesquisador precisa de muito cuidado, pois pode ficar a dúvida de o dado considerado ser de fato correspondente a uma realização da língua da comunidade de fala daquela época, já que se trata de documentos que já passaram por diversas edições. Além disso, a escrita representa grande influência da norma prestigiada, mais formal, e pode conter formas que já não existem (ou não existiram) mais na língua falada (na época alvo da pesquisa).

É preciso considerar que a mudança tanto acontece na forma como o indivíduo fala como também na comunidade em que ele está inserido. Se o indivíduo não muda sua língua, apesar da idade, ocorre a mudança na comunidade. Mas se o falante muda sua fala, “à medida que o falante vai mudando de faixa etária, muda a distribuição das variantes na comunidade” (NARO, 2019, p.48). Nessa situação, não ocorre a mudança.

Naro (2019) afirma que as possibilidades de análise em tempo aparente e tempo real não dão conta de responder a todas as questões acerca da mudança linguística, uma vez que não se têm extensas pesquisas empíricas necessárias sobre o tema. Ele considera que

[...] os resultados obtidos até o momento apontam para uma terceira possibilidade: o indivíduo muda no decorrer do tempo, mas não atinge precisamente a mesma posição em que estão os falantes mais velhos hoje. Pelo contrário, a tendência é exceder esta marca, indo na direção da *deriva* e assim implementando a mudança linguística. (p. 48)

Ao tratar da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) afirmam que não desejam desenvolver uma teoria da mudança linguística, mas buscam apresentar fundamentos empíricos que uma teoria deve explicar. Ou seja, uma teoria da mudança linguística deve observar as transformações ao longo de tempo por que passa a estrutura linguística de uma comunidade complexa. Os autores explicam dizendo que “em certo sentido a língua e a comunidade permanecem as mesmas, entretanto a língua adquire uma forma diferente”. É importante destacar que a comunidade também passa por mudanças, os indivíduos que fazem parte dela também passam por mudanças, mas estas alterações ocorrem de forma muito rápida. (WEINREICH; LABOV; HERZOG 2006, [1968], p. 37)

Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) estabelecem propostas reais de fundamentos empíricos que contribuirão para o desenvolvimento de uma teoria da mudança linguística, referindo-se

- 1) às descobertas empíricas que têm importância para a teoria, das quais a teoria tem de dar conta, e que indicam direções para a pesquisa frutífera;
- 2) a certas conclusões tiradas dessas descobertas quanto à complexidade mínima da estrutura linguística e a domínios para definir tal estrutura;
- 3) aos métodos para relacionar os conceitos e postulados de uma teoria à evidência empírica – ou seja, evidência baseada em regras para o acordo intersubjetivo entre os investigadores. (p.38)

Essas observações mostram a necessidade de o estudioso da linguística desenvolver uma teoria que apresente o processo evolutivo da língua de maneira global; aponte quais fatores contribuíram para essas modificações e, ainda, mostre se essas transformações na língua estão seguindo o mesmo caminho ou se estão tomando direções diferentes das que aconteceram anteriormente.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) uma teoria deve fornecer respostas quanto aos cinco problemas relacionados ao estudo da mudança linguística. São eles: os fatores condicionantes; a transição; o encaixamento; a avaliação e a implementação.

O problema dos *fatores condicionantes* refere-se à necessidade da investigação das mudanças possíveis e grupos de fatores que controlam essas modificações nas estruturas linguísticas, com o intuito de encontrar princípios universais que regulamentam a estrutura da língua e que impulsionam a mudança. Além disso, é preciso descobrir quais grupos de fatores sociais e linguísticos favorecem para que determinado fenômeno caminhe para a mudança. Dessa forma, é importante correlacionar os fenômenos variáveis às variantes linguísticas e extralinguísticas para que se possa estabelecer o conjunto de mudanças e condições possíveis para a mudança.

O problema da *transição* corresponde ao processo evolutivo por que a mudança passa. Isto é, a partir da transição procura-se entender como a mudança ocorre ao passo que a sociedade evolui, e como esse processo acontece até que uma forma seja implementada na língua. Em outras palavras, esse problema busca traçar o caminho do percurso da mudança, mostrando como ela ocorre dentro da comunidade, de uma geração a outra, isto é, no período da sua transição. Ao controlar os estágios da *transição*, o sociolinguista poderá compreender quando e como ocorre o processo de mudança, ou seja, entender os estágios de uma mudança em progresso, observando, por exemplo, como línguas em contato interferem na transferência de traços de um falante para outro, uma vez que “pela observação *in vivo*, podemos aprender coisas sobre a mudança linguística que estão simplesmente perdidas nos monumentos do passado”. (WEINREICH; LABOV; HERZOG (2006[1968], p. 122) Nessa visão, os linguistas consideram que a transição ocorre: “1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa; 2) durante o tempo em que duas formas existem em contato dentro de sua competência; 3)

quando uma das formas se torna obsoleta” (p. 122). Este processo de mudança de uma forma para outra pode se dar entre falantes de faixas etárias diferentes.

Em relação ao problema do *encaixamento*, devemos levar em conta que as mudanças linguísticas precisam ser estudadas como encaixadas no sistema linguístico como um todo, observando os aspectos linguísticos e sociais. Por meio do estudo do encaixamento, é possível compreender melhor os agentes e as implicações da variação e da mudança linguística. Dessa forma, confirma-se que as variações decorrentes na língua não acontecem de forma aleatória, não existem variações livres que flutuam fora do sistema. A língua é sistematicamente heterogênea por isso sofre variações que podem resultar em mudanças linguísticas; essas, por sua vez, correspondem a um conjunto de variáveis pertencentes a um mesmo sistema linguístico. Segundo Coelho *et al.* (2015), as mudanças não ocorrem na língua em bloco. Os fenômenos em mudança se encaixam no sistema sem que a mudança ocorra na língua por completo, isto é, ao mesmo tempo em que a mudança linguística está acontecendo, o sistema continua de forma estruturada, os falantes continuam comunicando-se entre si sem que haja problemas.

Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) apresentam dois tipos de encaixamento. O primeiro refere-se ao encaixamento na estrutura linguística, que acontece quando as variáveis alteram seus valores de maneira gradual de um polo para outro, ou seja, alterações acontecem dentro do mesmo sistema linguístico. Como essas alterações da estrutura linguística estão encaixadas em um contexto maior da comunidade de fala, os aspectos sociais tornam-se intrínsecos à estrutura linguística. O segundo, encaixamento na estrutura social, corresponde aos fatores sociais (sexo, faixa etária, escolaridade, etc.) que são correlacionados ao fenômeno da mudança linguística.

O problema da *avaliação* está associado a atitude do falante sobre as formas que estão em variação e mudança linguística, isto é, como o falante julga as formas linguísticas que estão em variação e mudança na comunidade de fala. Essa atitude pode se manifestar relacionada à *avaliação linguística* quando o falante analisa a funcionalidade do uso dessas formas na interação social, ou à *avaliação social* quando as formas variantes utilizadas pelo grupo são observadas e os falantes lhes concebem significado social. É a avaliação social que permite perceber se a variante utilizada pelos falantes sofre estereótipo ou estigma. Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), “o avanço da mudança linguística rumo à conclusão pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social” (p. 125).

Weinreich, Labov e Herzog, (2006[1968], p.37) apresentam alguns questionamentos que buscam respostas para compreender efetivamente como a mudança acontece na língua: “A que fatores se pode atribuir a implementação das mudanças? Por que as mudanças num aspecto estrutural ocorrem numa língua particular numa dada época, mas não em outras línguas com o mesmo aspecto, ou na mesma língua em outras épocas?”

O problema da *implementação* está relacionado à necessidade de o pesquisador investigar quais fatores ou grupos de fatores são responsáveis pela implementação da mudança. A partir dos estudos de como os condicionadores linguísticos e extralinguísticos atuam sobre a mudança, é possível explicar porque a mudança acontece em determinado tempo e contexto específico, tanto quanto verificar como ela vai se desenvolvendo nas diferentes estruturas linguísticas e sociais.

A partir da análise desses problemas apresentados por Weinreich; Labov; Herzog (2006[1968], p.125), percebemos a complexidade de estudar a mudança linguística, uma vez que a língua está em constante variação ao longo do tempo. Entretanto, “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.” Nesse sentido, verificamos a importância do trabalho da Sociolinguística em investigar a língua utilizada pelos falantes em seu cotidiano, considerando, além dos aspectos linguísticos, o seu contexto social.

## 2 A ALTERNÂNCIA ENTRE “NÓS E A GENTE” EM ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

Nesta seção, expomos alguns dos estudos que são aqui utilizados como norteadores para o desenvolvimento da presente pesquisa, os estudos de Omena (1996a, 1996b e 2003), Lopes (1993), que são referências no tratamento desse fenômeno variável, além de Mendonça (2010), Mattos (2013), Foeger (2014) e Vianna e Lopes (2015), com diferentes as abordagens, buscando entender as variáveis trabalhadas e os resultados encontrados.

### 2.1 Omena (1996a e 1996b)

Os textos aqui referidos como Omena (1996a) e (1996b), apesar de serem textos diferentes, remetem ao relatório final do projeto de pesquisa *Subsídios Sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação*, apresentado ao FINEP, em 1986, pelos pesquisadores do PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua. A constituição dos *corpora* desse banco de dados aconteceu a partir do interesse de um grupo de pesquisadores em estudar a língua portuguesa brasileira falada na cidade do Rio de Janeiro, uma realidade linguística urbana.

De acordo com Omena (1996a), para se referir às pessoas do discurso, os falantes utilizam formas do singular e do plural que se tornam muitas vezes ambíguas. Os pronomes *nós* e *a gente*, utilizados para indicar a primeira pessoa do plural, também podem estar relacionados à primeira pessoa do singular. Por esse motivo, o interesse da referida pesquisa pela investigação da alternância de *nós* e *a gente* é verificar os traços comuns existentes entre eles [+1ª pessoa gramatical], [+pluralidade] (p. 185). A investigação da autora considerou a alternância de *nós* e *a gente*, como sujeito (na forma implícita ou explícita), complemento [objeto direto], adjunto adverbial, adjunto adnominal, complemento nominal e predicativo do sujeito.

Omena (1996a) observa que, na língua portuguesa, a forma *a gente* originou-se do substantivo *gente*, utilizado para dar nomes de forma geral, indeterminadora e coletiva. Dessa forma, o *a gente* ampliou o seu uso passando a também representar a primeira pessoa do discurso. A autora explica que

Modificou-se, assim, a forma quer do ponto de vista semântico, quer do ponto de vista gramatical. Semanticamente, acrescenta-se ao significado, originalmente indeterminador, a referência a pessoa de fala, deitivamente determinada; gramaticalmente, a forma deixa de ser substantivo e passa a integrar o sistema de pronomes pessoais, conservando, porém, com o verbo a mesma relação sintática da terceira pessoa gramatical. (OMENA, 1996a, p. 188)

A inserção de *a gente* no quadro pronominal representa uma modificação, dentre tantas outras, que acontecem na língua e implicam na necessidade de reestruturação do nosso sistema linguístico<sup>2</sup>.

De acordo com Omena (1996a), gramáticas como a de Said Ali e Cunha e Cintra classificam a forma *a gente*, respectivamente, como pronome indefinido e como forma de representação da 1ª pessoa, usada na linguagem coloquial para substituir a forma *nós*. A autora chama a atenção ao fato de que essas divergências na classificação de *a gente* apontam a inclusão de uma nova forma que provoca um fenômeno de variação linguística. Salienta ainda que esse processo de inclusão de nomes com sentido geral, indeterminado, não é algo exclusivo da língua portuguesa, mas que ocorre em outras línguas românicas, como, por exemplo, no francês ocorre variação entre *on* e *tu/vous*. A autora acrescenta que o emprego da forma *a gente* em lugar de *nós* foi crescendo à medida que, na primeira pessoa do discurso, o falante desejasse empregar uma forma mais imprecisa, indeterminada, uma vez que a nova forma foi encontrando espaços mais propícios, resultando, assim, na variação.

Ainda Omena (1996a) observa que, como pronomes, *nós* e *a gente* apresentam-se em uma frequência maior na posição de sujeito do que na de objeto, característica bem peculiar dos pronomes pessoais. A autora destaca que os fatores linguísticos e pragmáticos associados aos aspectos sociais condicionam as escolhas das formas variantes pelos falantes. Dessa forma, a proposta da linguista é explicar o motivo da escolha do falante para forma *a gente* em detrimento da forma *nós*, buscando identificar “os condicionadores linguísticos estruturais e a atuação das características sociais do falante” no uso dessas formas (p. 193).

Inicialmente, Omena (1996a) concentrou a análise da variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito, controlando as seguintes variáveis: sequência do discurso; saliência fônica; indeterminação; e número maior ou menor de referentes.

Para observar como ocorre o condicionamento linguístico e extralinguístico, para a variável sequência do discurso e a manutenção ou não dos referentes, Omena (1996a) estabeleceu como fatores para essa variável:

- 1) 1ª referência (o uso do referente pela primeira vez no contexto);
- 2) Forma antecedente *a gente* com referente igual;
- 3) Forma antecedente *a gente* com referente diferente;
- 4) Forma antecedente *nós* com referente igual;
- 5) Forma antecedente *nós* com referente diferente;
- 6) Forma antecedente  $\emptyset$  com desinência verbal de terceira pessoa do singular com referente igual;
- 7) Forma antecedente  $\emptyset$  com desinência verbal de terceira pessoa do singular com referente diferente;

---

<sup>2</sup> Essa mudança da forma *a gente* de nome para pronome será tratada separadamente na subseção 3.3.

- 8) Forma antecedente  $\emptyset$  com desinência verbal de primeira pessoa do plural (ou quarta pessoa) com referente igual;
- 9) Forma antecedente  $\emptyset$  com desinência verbal de primeira pessoa do plural (ou quarta pessoa) com referente diferente. (p. 195)

A partir da análise desse grupo de fatores, observando a sequência discursiva, Omena (1996a) chegou aos seguintes resultados: a probabilidade de usar *o a gente* em lugar de *nós* é maior quando o antecedente formal for *a gente* e a referência for igual a anterior (pesos relativos: adultos 0,81 e crianças 0,78). A autora observou que o peso diminui quando muda o referente (adultos 0,65 e crianças 0,65). Esse mecanismo ocorre da mesma forma com o uso de *nós*.

Omena (1996a) constatou que, quando se tem o mesmo referente, antecedente com o sujeito zero e forma verbal na terceira pessoa do singular, há tendência do uso da forma *a gente* (peso 0,61). Quando o referente muda, há um favorecimento do uso de *nós* (peso 0,60). Quando a forma verbal traz em si a desinência *-mos*, com sujeito nulo, há o favorecimento de *nós* (peso 0,62), com o mesmo referente. Já quando há mudança de referente, há um desfavorecimento do uso de *nós* (peso 0,40). A autora chama atenção para a neutralidade no condicionamento do fator de 1ª referência, já que o peso fica em torno de (0,50), mostrando que a escolha de uma das formas, quando é nomeada pela primeira vez, é condicionada por outros fatores. Entretanto, quando escolhida, exercerá influência sobre as formas subsequentes, até que um novo fator atue, impulsionando uma nova escolha (p.197).

Além dos aspectos discursivos, Omena (1996a) considerou, em suas análises, a influência dos aspectos morfossintáticos e semânticos. A maior diferença existente entre as formas verbais de 3ª pessoa do singular e 1ª pessoa do plural impulsiona o uso de *nós*, e a menor diferença, o uso de *a gente*, ou seja, o grau de saliência fônica influencia a escolha do falante. Dessa forma, Omena (1996a) pretende compreender como a concordância do verbo com o sujeito está relacionada ao maior ou menor grau de saliência fônica, partindo da hipótese de que o falante usa mais a forma *nós* na função de sujeito, com as formas verbais em que há maior diferença fônica entre a 3ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural. Para isso, testou os seguintes fatores:

- 1) conservação da sílaba tônica e acréscimo da desinência *-mos* (Ex: falava/falávamos);
- 2) Infinitivo com acréscimo da desinência *-mos* ou formas semelhantes (Ex: cantar/cantarmos);
- 3) deslocamento do acento tônico e acréscimo da desinência *-mos*. Incluem-se aqui os verbos em que há fechamento maior ou menor da vogal pretônica (Ex: fala/falamos);
- 4) redução dos ditongos finais em vogais, com acréscimo da desinência *-mos*. (Ex: cantou/cantamos);

- 5) monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos, aumento ou não de mais uma vogal, fechamento maior ou menor da vogal pretônica, acréscimo da desinência *-mos* (Ex: faz/fazemos);
- 6) diferenças fonológicas acentuadas (Ex: veio/viemos; é/somos) (p. 199-200).

Omena (1996a) verifica que as formas verbais que apresentam menor saliência fônica entre a forma verbal de 3ª pessoa singular e a de 1ª pessoa do plural favorecem o uso da forma *a gente*, forma que foi considerada, na análise dos dados, como valor de aplicação. Esse resultado é o inverso para a forma *nós*, ou seja, as formas verbais de maior saliência entre a forma verbal de 3ª pessoa singular e a de 1ª pessoa do plural favorecem o uso de *nós*.

As formas no gerúndio (em que não há flexão verbal de pessoa), segundo Omena (1996a), impulsionam o uso de *a gente* como sujeito. Além disso, a autora destaca o infinitivo, que apresenta pouca distinção na saliência fônica entre a 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular, que favorece a forma *a gente*. Acrescenta-se o fato de existir uma tendência de evitar na língua o uso do infinitivo flexionado (como por exemplo, *cantarmos*).

Ao analisar a saliência fônica, Omena (1996a) observa que

A maior ou menor saliência fônica na diferença entre as duas formas verbais que acompanham as variantes, já testadas em investigações sobre concordância verbal, evidencia aqui um efeito a indicar que a desinência do verbo seleciona a forma do sujeito. Ou será que o falante aprende a construção como um todo? (p.201)

Sobre o significado gramatical, a autora elenca dois aspectos: o tempo e o aspecto. A frequência e as probabilidades representadas pelos resultados mostram que o presente e os tempos não marcados<sup>3</sup> impulsionam o uso da forma *a gente*, (0,55 e 0,83). Os tempos passado e futuro favorecem a forma *nós* (0,64 e 0,75)

Além dos fatores gramaticais, testou-se a influência da indeterminação e número maior ou menor de referentes. A autora considerou como fatores: grupo grande e indeterminado; grupo pequeno ou intermediário e indeterminado; grupo grande e determinado; e grupo pequeno ou intermediário e determinado.

No que se refere ao número maior de pessoas com referência indeterminada, Omena (1996a) verificou que a indeterminação é um fator que mais se destaca para o favorecimento a forma *a gente* (0,72). Já os grupos intermediário e pequeno, determinado e indeterminado, acontece um processo de neutralização, ocorrência que, para Omena (1996a), é indicativo de perda da marca de indeterminação.

---

<sup>3</sup>Tempos marcados com morfema temporal (futuros e pretéritos); Tempo não marcado (presente do indicativo)

Em relação aos tipos de discurso, a autora destaca que os textos narrativos favorecem o uso da forma *nós*, já que essa tipologia discursiva relata ações praticadas por sujeitos individualizados que são personagens das histórias. Entretanto, quando há a necessidade de falar de si e também de outros, muitas vezes de forma indeterminada, esses tipos de discurso favorecem o emprego da forma *a gente*.

Em Omena (1996b), ao tratar das variáveis sociais, a autora modifica o valor de aplicação e passa a observar os condicionamentos das variáveis sociais na realização do *Nós* (não mais o *A gente*, como em 1996a) na função de sujeito, controlando as variáveis estratificadas: idade, sexo e escolaridade. A variável idade mostrou-se bastante importante na escolha da forma: os falantes mais velhos preferem a forma *nós* e os falantes mais novos favorecem a forma inovadora.

Outra variável social que exerce influência na alternância de *nós* e *a gente* é a escolaridade. Para essa variável, Omena (1996b) considerou os seguintes fatores: crianças com nível de escolaridade primário, crianças com nível de escolaridade ginásial, adultos com nível de escolaridade primário, adultos com nível de escolaridade ginásial, adultos com nível de escolaridade 2º grau. Omena (1996b) verificou que o ginásio exerce influência, tanto para os adultos quanto para as crianças, para o favorecimento do uso da forma *nós*. Entretanto, no 2º grau (atual escolaridade Média), observa que esses usos retornam, quando a taxa é comparada ao uso no primário. Esse fenômeno ocorre de maneira regular em todas as faixas, como pode ser verificado pelas frequências e pesos relativos, “[...] indicando não ser fruto do acaso, má distribuição ou mesmo interferência da idade”. (p. 316) Para a autora, o motivo desse fato é que a escola inicia os estudos da conjugação verbal no fim do primário e no início do ginásio. Isso indica é que o *nós* é introduzido fortemente no ginásio. No 2º grau ele não parece ser alvo de estigma nem é combatido, daí o retorno.

Em relação às variáveis sexo e idade, Omena (1996b) observa que “atua fracamente: as mulheres tendem a usar mais a forma *nós* durante a época em que homens e mulheres trabalham, não havendo diferença sensível [...] nem entre crianças e nem entre os mais velhos.” (p. 322). Quanto às variáveis renda e exposição à mídia, verificamos, segundo Omena (1996b), que os falantes financeiramente menos favorecidos e mais expostos à mídia utilizam, com maior frequência, a forma *nós*, ao passo que o mercado ocupacional e a sensibilidade linguística apresentaram dados irrelevantes para o estudo em questão.

## 2.2 Lopes (1993)

Outro estudo que traz uma contribuição importante para as análises sociolinguísticas dos fenômenos *nós* e *a gente* é a pesquisa de Lopes (1993). Sua investigação sobre a alternância de *nós* e *a gente* surgiu, segundo informações da autora, a partir do seu interesse em desenvolver estudos que não restringissem o olhar aos aspectos sociais e/ou a fala popular, como faziam as pesquisas de cunho variacionista que tinham sido realizadas anteriormente. Lopes (1993) dedica-se a analisar minuciosamente a alternância pronominal do uso de *nós* e *a gente* na norma culta falada e investiga, além dos aspectos sociais, os contextos linguísticos que favorecem o uso dessas formas na função de sujeito.

O *corpus* utilizado por Lopes (1993) é constituído por dados do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) de Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Esse acervo é formado por entrevistas da fala culta, coletadas em cinco capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife), a partir de dados linguísticos de falantes do sexo masculino e feminino, universitários pertencentes a faixa etária de 25 a 35 anos; 36 a 55 anos e maiores de 55 anos. Lopes (1993) utilizou inquéritos de 18 informantes, sendo 6 de cada cidade, distribuídos igualmente, 1 informante de cada sexo em cada uma das 3 faixas etárias. Os inquéritos analisados foram do tipo diálogo entre informante e documentador, em situações comunicativas semi-espontâneas.

Nesse estudo, Lopes (1993) limitou-se a levantar dados de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, já que pertencem a natureza pronominal e mostram-se mais incidentes quando assumem essa função sintática. Dessa forma, como preenchimento do sujeito, considerou quatro variantes:

- 1) O falante culto utiliza a forma *nós* explícita com o verbo na 4ª pessoa gramatical. (Não foi encontrado casos do tipo “*nós* fala”)
- 2) Existe a possibilidade de não se explicitar a forma *nós*, usando apenas o verbo com a desinência de 4ª pessoa gramatical (Embora ocorra com maior frequência com o sujeito preenchido).
- 3) Em oposição a esses dois usos o falante emprega a forma *a gente* explícita acrescida de verbo na 3ª pessoa gramatical (Não foi encontrado ocorrência da forma *a gente* com verbo na 4ª pessoa gramatical).
- 4) Possibilidade de ocorrência do verbo da 3ª pessoa sem a forma do sujeito *a gente* (aqui foram considerados como dados os verbos da 3ª pessoa, sem sujeito explícito, que apresentavam em orações antecedentes ou subsequentes à forma *a gente*). (p. 33-34)

A autora levantou, na sua análise, um total 972 ocorrências, 375 de *nós* (39%) e 333 de *a gente* (34%), 187 sujeito Ø com o verbo na 4ª pessoa gramatical (19%) e 77 com sujeito Ø e

verbo na 3ª pessoa do singular (8%) e controlou diversas variáveis linguísticas e sociais. O programa de análise estatística selecionou os seguintes grupos de fatores: paralelismo formal, sexo, faixa etária, região, eu-ampliado, tempo verbal e modalização; embora tenham sido controlados também os grupos mudança do referente, gênero discursivo, tamanho de grupo e tipo de oração, esses não foram selecionados pelo programa estatístico na análise de regras variáveis.

A variante *nós* foi a considerada como valor aplicação, então os dados apresentados foram analisados a partir do favorecimento dessa variante. Os resultados do paralelismo formal apresentados pela autora mostram que 93% (peso relativo de 0,86) dos casos correspondem a forma precedida por sujeito não explícito com o verbo na 1ª pessoa do plural e, nas ocorrências com a forma precedida de uma oração introduzida por *nós* sujeito explícito, o *nós* ocorre em 87% (peso relativo de 0,79). Esses dados indicam que o uso de *nós*, ao invés de *a gente*, é consideravelmente superior quando há o uso da forma *nós* na oração anterior. O mesmo acontece se o antecedente é a forma *a gente*, explícito ou implícito, o *nós* tende a desfavorecer (peso 0,09 e 0,06, respectivamente). No que se refere ao pronome de 1ª referência e a forma isolada, os resultados apresentaram pesos relativos próximos de 0,50. Entretanto, a escolha da primeira forma influenciará nas escolhas seguintes já que o falante possui uma tendência a empregar a mesma forma em uma sequência discursiva.

Os resultados apresentados por Lopes (1993) corroboram os de Omena (1996a), que faz a observação dessa variável linguística, incluindo a referência feita, se igual ou diferente da anterior. As autoras observam, então, que a forma *a gente* tem mais chance de ser empregada pelo falante quando o seu antecedente é *a gente* e a referência for igual a anterior, ou seja, o falante tem a tendência de “repetir a mesma forma enquanto mantém o mesmo referente, ao passo que mudará a forma quando o referente for outro.” (LOPES, 1993, p. 42)

Com base em estudos sobre o paralelismo, Lopes (1993) constatou que essa variável, no nível discursivo, apresenta-se como um fenômeno funcional, ou seja, ao escolher a repetição de formas semelhantes, o falante elabora uma harmonia discursiva, que é condicionada por fatores discursivos, como referência + ou – determinada; estilo + ou – formal, etc. (p. 43)

Para ter uma melhor visão da influência do paralelismo formal e observar se os fatores discursivos se aplicam, Lopes (1993) isolou o paralelismo de outras variáveis, “a fim de observar se as restrições de natureza discursiva se sobrepunham a ele – embora estivéssemos conscientes de que medir quantitativamente a natureza funcional do paralelismo seria difícil.” (p. 43). A autora estabeleceu os seguintes critérios:

a) as formas variantes que ocorrem em uma oração imediatamente anterior, sem intercalação de outra oração; — “Então, quer dizer, a faculdade pede esses cursos, então entram na espera e quando *nós podemos atender, nós entramos* em comunicação com elas.” (Inq. 0191, RJ, M2)

b) as formas variantes que ocorrem em orações à esquerda havendo intercalação; — “Outra coisa é assistir na boca do túnel junto, comandando que é onde *a gente sofre* mais, então depende como *a gente anda*, o grau de envolvimento que *a gente está*.” Inq 018, PoA, H1)

c) estruturas repetidas idênticas. — “Então depende como *a gente anda*, o grau de envolvimento que *a gente está*, se *a gente tá* mais, se *está* menos.” Inq018, PoA, H1)

De acordo com Lopes (1993), a forma isolada corresponde à oração que contempla uma das variantes não utilizada na sequência discursiva, mas que foi destacada no período. Essa forma pode ocorrer no início ou no meio de um enunciado. Já a terceira pessoa do singular, quando o sujeito não foi explícito, só foi possível identificá-lo quando existia, à esquerda, uma oração com o *a gente* explícito.

A mudança de referência é um fator importante para a análise do preenchimento do sujeito. Fundamentada na análise de Omena (1996a), que associou o paralelismo com a mudança de referência uma vez que seus resultados mostravam que a mudança da forma está subordinada a troca de referência, Lopes (1993), com o objetivo de analisar a força de cada variável linguística, partiu das seguintes hipóteses: 1) o falante muda a forma quando o referente não é mais o mesmo; 2) o que favorece a presença do pronome sujeito de 1ª pessoa é a referência distinta. Assim, para observar a ocorrência dessa variável, analisou os dados de sujeito *a gente* explícito *versus* sujeito ausente com o verbo na 3ª pessoa do singular; e sujeito *nós* explícito *versus* sujeito ausente com verbo na 1ª pessoa do plural.

No que se refere à mudança de referente, há uma maior incidência do sujeito explícito na primeira referência, 84% de ocorrências com o sujeito *nós* e 99% com o *a gente*. A autora observa também que, com o mesmo referente, há uma queda no uso do pronome 63% para *nós* explícito e 69% para *a gente*. Além disso, quando os referentes são diferentes há o favorecimento para o sujeito explícito, (0,56 para *nós* explícito e 0,66 para *a gente*). Os resultados para essa variável mostram que o falante tem uma tendência a empregar o pronome explícito como forma de atenuar o sujeito na sequência discursiva. Entretanto, quando o referente é o mesmo, há um favorecimento do sujeito implícito.

Na observação da saliência fônica, Lopes (1993), após a análise dessa variável nos estudos de OMENA (1986 *apud* LOPES, 1993) e Fernandes e Gorski (1986 *apud* LOPES, 1993), elaborou duas hipóteses: a) quando o falante utiliza a forma *nós* há maior saliência; b)

caso a diferença seja menor, entre as formas niveladas, a preferência é por *a gente* (p. 60). Os dados encontrados confirmam a primeira hipótese, uma vez que há maior saliência fônica entre as formas do singular e plural, favorecendo o emprego do pronome *nós* (nos níveis 3, 4 e 5). Os níveis 1 e 2 apresentam menor diferenciação fônica, favorecendo o uso da forma *a gente*.

De acordo com Lopes (1993), “a passagem singular/plural do pronome de 1ª pessoa implica acrescentar ao **eu** contornos vagos e indefinidos dos autores do discurso” (p. 64). Baseada em Benveniste (1988 *apud* LOPES, 1993), a autora considera como *eu-ampliado* aquilo que corresponde ao eu (pessoa do discurso), não-eu (interlocutor) e as outras pessoas do discurso (*alia*). Lopes (1993) fez uma separação de níveis para compreender melhor a ocorrência dessa variável: 1) aspecto inclusivo [+ determinado], que corresponde ao emissor (eu) e o receptor (não-eu); 2) aspecto exclusivo [+ ou – determinado], que abarca o emissor (eu) e alguém que não é o interlocutor; 3) aspecto genérico [- determinado], que envolve o emissor (eu), o receptor (não-eu) e outras pessoas (não-pessoa). Como os dados do ALiB não têm demonstrado condição de avaliar essa variável, ela não será explorada nesse texto de qualificação, e será avaliada se será objeto de controle para a versão final dessa dissertação.

A variável tempo verbal mostrou-se bastante significativa nas rodadas em quase todas as amostras. Os dados revelam uma preferência dos falantes para o uso de *nós* com os verbos no pretérito perfeito (94% - 0,90) e os tempos que apresentam maior número de marcas: futuro do subjuntivo (0,84), imperfeito do subjuntivo (0,67), presente do subjuntivo (0,58) e futuro do pretérito do indicativo (0,61). Além disso, a autora observou uma ocorrência superior da forma *a gente*, a medida que o uso das formas verbais se dilui ou se amplia, como ocorre com o presente do indicativo, pois é utilizado para indicar acepções excepcionais, equivalendo aos tempos não marcados.

No controle da modalização, os dados revelam que a forma *nós* é empregada pelos falantes quando estes expressam sua opinião pessoal (0,92). Entretanto, quando o falante modaliza o seu discurso através dos auxiliares, a forma *a gente* é mais utilizada (0,69). Assim, os dados confirmam a hipótese levantada pela autora

O *gênero discursivo*<sup>4</sup> foi outra variável importante considerada por Lopes (1993). Dentre os fatores dessa variável (narrativo, argumentativo ou descritivo), os resultados mostraram que nas narrativas, os jovens e os adultos empregam mais a forma *nós*. Nos discursos argumentativos, os falantes mais novos tendem a utilizar, também a forma *nós* (0,70).

---

<sup>4</sup> Embora aqui tenha se usado o rótulo de gênero discursivo (termo usado para caracterizar tipologia textual), a autora está se referindo a uma sequência textual.

Entretanto, nas descrições, há uma maior incidência da forma *a gente* entre os jovens (0,65) e a forma *nós* entre os adultos (0,60).

No controle da variável Sexo, a análise de Lopes (2003) revelou que os homens favorecem o *nós*, com frequência de 69% e peso relativo de (0,61). As mulheres, por sua vez, correspondem a frequência de 49% e peso relativo de (0,41). A autora salienta que o sexo de forma isolada não foi selecionado pelo programa. Entretanto, quando houve o cruzamento do sexo com a faixa etária, em um só grupo, mostrou-se mais significativo para explicar a ocorrência dos fenômenos em questão. A análise revelou que os mais jovens, sejam homens ou mulheres, utilizam mais a forma *a gente* (Mulher faixa etária 1: peso relativo (0,13) e Homem faixa etária 1: peso relativo (0,31) para a variante *nós*. Além disso, os falantes da faixa etária 2 apresentam equilíbrio no uso das duas formas, pois os dados se aproximam (Mulher - faixa etária 2: 0,50 e Homem - faixa etária 2: 0,58), também para a variante *nós*. No que se refere a faixa etária 3, as mulheres favorecem a forma *a gente* com um peso relativo de (0,59), enquanto que os homens favorecem a forma *nós* (0,81). Lopes (1993) constatou que a mudança linguística de *nós* por *a gente* está em processo de desenvolvimento em ambos os sexos. Entretanto, chama a atenção para a necessidade de se investigar outros fatores.

A variável região não é muito comum nas análises variacionistas que estudam a diversidade da língua no Brasil, segundo Lopes (1993); os estudos dessa vertente da sociolinguística têm preferência em considerar apenas uma determinada comunidade. Ao observar a variável região, Lopes (1993) partiu das seguintes hipóteses:

- 1) A diversidade regional do português do Brasil não se restringe apenas a diferenças de pronúncia ou vocabulário, estabelecendo-se inclusive em termos morfosintáticos.
- 2) há localidades que apresentam comportamento linguístico mais conservador e outras mais inovador.
- 3) No Rio de Janeiro (cidade cosmopolita) utiliza-se preferencialmente a forma não-padrão (*a gente*), enquanto em Porto Alegre e Salvador privilegia-se a forma padrão (maior favorecimento de *nós*) [...] (p. 123)

Considerando o *nós* como valor de aplicação, os resultados foram os seguintes, em pesos relativos: Salvador (0,54); Porto Alegre (.64); Rio de Janeiro (0,33). Esses resultados indicam o predomínio da forma *nós* em Porto Alegre e Salvador, e o favorecimento da forma *a gente* no Rio de Janeiro, confirmando a hipótese levantada pela autora.

### 2.3 Omena (2003)

A investigação intitulada *A referência a primeira pessoa do plural, variação e mudança*, desenvolvida por Omena (2003), buscou responder de que forma o processo de substituição do pronome pessoal da primeira pessoa *nós* por *a gente* estava se configurando: seria um caso de variação ou de mudança? Para isso, Omena (2003) valeu-se dos estudos em tempo real de tendência e de painel, observando as mudanças no desempenho linguísticos dos falantes e também da comunidade.

A autora partiu da análise de entrevistas de 32 informantes do acervo de dados do projeto Censo, coletados em 2000 e comparados com dados da década de 1980.

Em linhas gerais, o estudo tendência revelou que a forma *a gente* permanece ascendente em relação ao uso do pronome *nós*. Ao fazer a comparação com os falantes de 80 (C) e 00 (C)<sup>5</sup>, os resultados mostraram que o comportamento linguístico dos falantes em relação ao uso do *a gente* permanece estável.

Ao relacionar o uso da variável *a gente* à idade dos falantes, Omena (2003) observa que:

Com a passagem do tempo, os falantes vão adquirindo a forma mais antiga e mais prestigiada na escrita padrão ou usando-a mais frequentemente. [...] Ao mudar de idade, eles adaptam o seu desempenho ao grupo etário que passam a pertencer. Esse comportamento difere do esperado numa mudança em progresso, quando o previsível é que diferentes gerações conservem sempre sua taxa de uso inicial com aumento crescente da forma inovadora. (p.66-67),

Entretanto, nos resultados obtidos por Omena (2003), no período de tempo considerado na análise, a comunidade não mudou, uma vez que a frequência de variantes se mostrou bem próximos: 78% na amostra 80 (C) e 79% na amostra de 00 (C). Aparentemente, a comunidade apresenta-se instável. Dessa forma, os resultados encontrados pela autora revelam que os falantes mudam comportamento linguístico à medida que mudam de faixa etária.

Em relação à escolaridade, a autora pontua que os falantes do primeiro segmento do ensino fundamental e do ensino médio de 80 (C) tendem a utilizar mais a forma *a gente*, apresentando pesos relativos equilibrados (0,54 e 0,56, respectivamente). Entretanto, na década de 90, há uma diferença acentuada entre os falantes do primeiro segmento do ensino fundamental e do médio, com pesos relativos 0,54 e 0,73. Nesse sentido, Omena (2003) salienta que não é o aumento no nível de escolarização que diminui o uso do *a gente*, e sim o falante estar cursando as séries finais do ensino fundamental ou estar estudando as conjugações

---

<sup>5</sup> Omena (2003) desenvolveu sua investigação a partir do estudo do tipo tendência, com dados do projeto Censo 80 (C) e 00 (C); e do estudo tipo painel, observando o fenômeno na perspectiva do indivíduo 80 (I) e 00 (I). Por esse motivo, a autora fez uso das letras entre parênteses para identificar o tipo de estudo.

verbais. Além disso, a autora afirma que devem ser consideradas as influências interacionais que não foram observadas na análise.

Omena (2003) verificou que os traços semânticos e indeterminação ainda eram conservados pela forma gramaticalizada; com os dados da década de 80 (C) observou -se que esses traços do substantivo *gente* influenciavam a escolha do falante quanto à forma de referência da primeira pessoa do plural. Assim, os falantes empregavam mais a forma *a gente*, ao se referirem a um grupo grande de pessoas, (88% e peso 0,65) ao mesmo tempo que diminuíam seu uso quando faziam referência a grupos pequenos e intermediários (69% e peso 0,38). A relação permanece a mesma com os dados de 2000.

Em relação ao traço de indeterminação, o comportamento é o mesmo. De acordo com Omena (2003), “No processo de gramaticalização, o traço se conservou e a forma ocupou variavelmente os contextos indeterminados da primeira pessoa do plural, mas à medida que vai se estabilizando como pronome, substitui mais e mais a forma antiga (p.68)”. Os dados de 80 (C), segundo o traço +/- determinado do referente 85% e peso 0,53 para indeterminado e 67% e peso 0,44 para determinado, apresentam proximidade dos pesos relativos, comprovando, assim, a falta de especialização da forma *a gente*. Já os dados de 00 (C), apesar de indicarem preferência dos falantes pela forma inovadora na referência determinada (para a autora não são dados confiáveis uma vez que a variável não foi selecionada pelo programa).

Na análise da saliência fônica, que exerce maior pressão sobre o uso das formas, de acordo com Omena (2003), uma vez adquiridas, as formas mais marcadas tendem maior estabilidade do que as não marcadas, o que provavelmente pode acontecer devido ao fator memória. Assim, afirma que: “O pronome de primeira pessoa do plural *nós* (ou *a gente*) pode combinar-se com núcleo verbal que tem a forma mais ou menos saliente. A nova forma se inseriu no ponto mais frágil, o menos marcado [...] (p. 69).” A forma *a gente* tende a ser empregada com formas verbais que, por exemplo, possuem menos distância fonética, mais marcadas (fica/ficamos) do que as que apresentam maiores distâncias, não marcadas (é/somos). Ao relacionar a saliência fônica aos fatores tempo e aspecto verbal, Omena (2003) verificou que os tempos verbais mais marcados (passado e futuro) tendem a conter a mudança enquanto os menos marcados (formas nominais e presente) incentivam-na. A autora salienta que os fatores que impulsionam ou refreiam o emprego de *a gente* mudam com o passar do tempo.

Outro princípio que exerce grande força de atuação entre *nós* e *a gente* é o paralelismo. Os resultados obtidos por Omena (2003) mostram que uma vez escolhida a forma, a tendência é o falante repeti-la, acontecendo principalmente se não houver a mudança do referente. As amostras de 80 (C) e 00 (C) evidenciaram que ao usar a forma *a gente* uma vez, o falante a

repete, com peso relativo de 0,69 e 0,64. O mesmo acontece quando se usa a forma *nós* pela primeira vez, o falante tende a empregá-la novamente. A autora considera ainda que até a primeira referência feita pelo falante não acontece de forma aleatória, ela é influenciada pela forma predominante utilizada pelo falante.

No estudo painel, Omena (2003) verificou que, individualmente, há uma alteração quanto ao uso da forma *a gente*: alguns aumentam o uso, outros diminuem. A autora destaca que a preferência pela forma *a gente* continua predominante, entretanto a forma *nós* continua sendo usada.

Ao analisar, de forma geral, a faixa etária dos falantes, Omena (2003) verificou que os falantes com mais de 50 anos tendem a diminuir o uso de *a gente*. Os falantes de 80 que se encontravam na segunda e terceira faixas etárias (15 a 25 anos e 26 a 49 anos) e que conservam ou aumentam o uso de *a gente*. Já os falantes mais novos (7 a 14 anos) que apresentavam tendência do uso de *a gente*, mostram também raras ocorrências de *nós*. A autora observa que, com o passar dos anos, os falantes que usavam categoricamente a forma inovadora continuam a empregá-la, e a maioria dos falantes aumentaram o emprego dessa forma

Ao observar o efeito de cada condicionamento linguístico e extralinguístico na fala dos indivíduos separadamente, Omena (2003) verificou, na variável saliência fônica, que os falantes utilizam a forma *a gente* com os verbos menos salientes. Constatou ainda três situações diferentes: 1) Há os falantes que usavam o *a gente* em todas as ocorrências, seja com verbos mais salientes ou menos salientes; 2) Havia um grupo de falantes na amostra da década de 80 que apresentava o uso predominante de *a gente* com os verbos menos salientes; 3) E os falantes que usavam o *a gente* com verbos menos salientes e *nós* com verbos mais salientes.

Na análise tipo tendência, Omena (2003) constatou que a forma *a gente* ainda traz consigo o traço semântico de indeterminação do SN (Sintagma Nominal) original, entretanto, com o passar do tempo, vai perdendo essa característica. Dessa forma, a autora afirma que os falantes empregam mais a forma inovadora com verbos menos salientes e na referência indeterminada, apresentando o comportamento linguístico esperado.

## **2.4 Mendonça (2010)**

Outra análise importante sobre a variação entre *nós* e *a gente* é o estudo de Mendonça (2010). A proposta da sua investigação é analisar a variação de *nós* e *a gente* utilizando dados do PortVix, um acervo de dados falados em Vitória do Espírito Santo, desenvolvido pela UFES. Esse banco de dados é constituído por 46 inquéritos orais que foram gravados seguindo os

princípios da metodologia laboviana; o *corpus* utilizado por Mendonça (2010) é constituído de 40 entrevistas do acervo PortVix, assim distribuídos entre sexo, faixa etária (7 a 14 anos; 15 a 25 anos; 26 a 49 anos; e acima de 49 anos) e escolaridade (19 entrevistas correspondem a informantes do ensino fundamental, 11 entrevistas correspondem ao ensino médio e 10, do ensino universitário).

Mendonça (2010) controlou variáveis linguísticas e sociais. Assim, foram consideradas as seguintes variáveis, apresentadas no Quadro:

**QUADRO 1 - Grupo de fatores (MENDONÇA, 2010)**

**Variáveis sociais (Grupo de fatores)**

<b><i>Sexo</i></b>	Masculino Feminino
<b><i>Faixa etária</i></b>	01 = 07 a 14 anos 2 = 15 a 25 anos 3 = 26 a 49 anos 4 = + de 49 anos
<b><i>Escolaridade</i></b>	Fundamental Médio Universitário

**Variáveis linguísticas - (Grupo de fatores)**

<b><i>Expressão morfosintática da 1ª pessoa</i></b>	Explícito Implícito
<b><i>Multireferencialidade</i></b>	Eu Eu+você Eu+você+ele Eu+ele Sem pistas no contexto = indeterminado ou genérico Ele(a) Interrompido
<b><i>Paralelismo</i></b>	Isoladas Séries (na fala do entrevistado) 1º da série não 1º da série precedido de <i>nós</i> explícito não 1º da série precedido de <i>nós</i> implícito não 1º da série precedido de <i>a gente</i> explícito não 1º da série precedido de <i>a gente</i> implícito não 1º da série precedido de <i>nós</i> zero não 1º da série precedido de <i>nós</i> zero <i>nós</i> não 1º da série precedido de <i>a gente</i> -mos não 1º da série precedido de zero em -mos não 1º da série precedido de -mos <i>a gente</i>

<b>Posição sintática</b>	sujeito objeto direto objeto indireto complemento nominal adjunto adnominal predicativo do Sujeito
<b>Tempo verbal</b>	pretérito perfeito pretérito imperfeito presente futuro infinitivo gerúndio particípio
<b>Modo verbal</b>	indicativo subjuntivo imperativo

Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa de Mendonça (2010)

Na primeira análise, Mendonça (2010) examinou 1.900 dados totais de *nós* e *a gente*, em diversas funções sintáticas. De 1745 ocorrências levantadas, os resultados mostram que os informantes de Vitória preferem a forma *a gente* (70,8%) em detrimento do pronome *nós* (29,2%), em percentuais de uso, confirmando a hipótese inicial do autor.

Na análise de regras variáveis, os dados de complemento nominal e adjunto adnominal foram excluídos da rodada pelo número pequeno de dados. Nos resultados apresentados por Mendonça (2010), o programa GodvarbX selecionou os grupos de fatores: paralelismo, explicitude, faixa etária, tempo verbal, sexo, tipo de referência e função sintática. Não foram selecionados o modo verbal e a escolaridade.

Ao analisar a variável social faixa etária, Mendonça (2010) observou que o *a gente* é mais favorecido entre os mais jovens, faixa 01 e faixa 02, com peso relativo 0,76 e 0,70, respectivamente.

Em relação à variável sexo, a pesquisa de Mendonça (2010) revela que as mulheres favorecem mais o uso do *a gente* (80,2%, peso relativo de 0,60) ao passo que os homens desfavorecem a forma inovadora *a gente* (56,9%, peso relativo de 0,35).

No controle da variável linguística Expressão morfossintática da 1ª pessoa, o fator com expressão explícita teve 79,7% e um peso maior, de 0,62. Já a forma implícita, desfavorece o uso de *a gente* com peso relativo de 0,10. Podemos inferir que na referência implícita os falantes tendem a utilizar o pronome *nós*.

Na análise do paralelismo linguístico, do total de 1.745 ocorrências, a referência isolada, apesar de ter um percentual 70,8% da forma *a gente*, teve um peso relativo de 0,38. De forma semelhante, a primeira referência, com percentual de 69,7% apresentou peso relativo de 0,34. Em relação ao fator não primeiro da série precedido por *nós* explícito, o *a gente* teve um percentual de 31,4% e peso relativo de 0,18, revelando também um desfavorecimento. O mesmo ocorre com o fator não primeiro da série precedido de *nós* implícito, tendo um percentual de uso de 26,6% e peso relativo desfavorecendo em 0,21. Mendonça (2010) conclui que nas situações encabeçadas pelo *nós*, as ocorrências seguintes favoreciam a manutenção da forma *nós*. Comportamento semelhante ocorre com o pronome *a gente* quando não é a primeira da série precedida de *a gente* explícito, com percentual de 88,1% favorecendo a forma *a gente*, com peso relativo de 0,71. Assim também acontece com as situações nas quais não são a primeira da série precedidas de *a gente* implícito com percentual de 94,7% e peso relativo de 0,96, havendo assim um favorecimento do uso da forma *a gente*.

Mendonça (2010) constatou que as ocorrências encabeçadas com o pronome *nós* exercem influência nas sequências seguintes com o pronome *nós*, acontecendo o mesmo com a forma *a gente* que igualmente a atrair, comportamento linguístico que comprova a atuação do paralelismo linguístico.

Os resultados obtidos em relação à referencialidade mostram que nas ocorrências com referência determinada, quando o falante se refere a ele próprio, há um favorecimento da forma *a gente*, com 0,70 de peso relativo. A referência *eu + você*, mesmo com um índice pequeno de ocorrências, favorece o uso da forma *a gente* em 0,61 de peso relativo. A referência *eu+você+não pessoa* também apresenta número pequeno de realizações e favorece a forma *a gente* em 0,85 de peso relativo. Já a referência *eu+ele*, desfavorece a forma *a gente*, com 0,43 de peso relativo. Em relação a referência genérica, o autor observou que há equilíbrio entre as duas variantes, com peso relativo de 0,54, ou seja, ambas formas podem ser usadas para indeterminação ou generalização do sujeito. No que se refere a referência à não pessoa, houve um número baixo das ocorrências, o autor verificou que esse fator desfavorece a forma *a gente*.

Devido ao número muito baixo de alguns fatores, Mendonça (2010) resolveu fazer amalgamações para que pudesse obter resultados mais concretos em relação à referencialidade. Assim, considerou *eu*, *eu+ele(s)* e a referência genérica. Os resultados mostraram que a forma *a gente* está se estabelecendo na referência específica, o que “[...] lhe confere ainda mais *status* de pronome pessoal, uma vez que se estabelece como pronome pessoal pleno, sem, contudo, perder seu traço indeterminador, originário da formação substantiva” (p. 82). Para o autor, essa característica é que de fato concretiza o processo da

gramaticalização do substantivo *gente* uma vez que essa forma se apropria de uma nova função gramatical, sem perder sua característica original.

Em relação a posição sintática, os resultados de Mendonça (2010) corroboram sua hipótese inicial e com os estudos de Omena e Braga (1996), de que há mudança linguística em processo da forma *a gente* no sistema pronominal do português brasileiro. Das 1236 ocorrências, 1143 correspondem a posição de sujeito com percentual de 69,6% e 0,47 de peso relativo, 44 como objeto direto, frequência de 95,7% e 0,88 em peso relativo, e 0,49 como objeto indireto, com percentual de 86% e .76 em peso relativo. Os resultados relacionados a posição de sujeito mostram um equilíbrio próximo entre as formas *nós* e *a gente*, como mostram os pesos relativos 0,47 desfavorecimento de *a gente*; e 0,53 favorecimento da forma *nós*. No que se refere ao complemento verbal, o autor constatou que tanto o objeto direto quanto objeto indireto a forma *a gente* é favorecida, 0,88 e 0,76, respectivamente. Os dados mostram, segundo Mendonça (2010) que a forma *a gente* está passando por modificações também nas funções sintáticas.

Os dados sobre o tempo verbal revelaram favorecimento da forma *a gente* pelos tempos presente e o pretérito imperfeito. Das 1074 ocorrências, 809 referem-se ao presente, com frequência de uso de 75,3% e o peso relativo de 0,54 favorecendo a forma *a gente*. Dentre as 279 ocorrências do pretérito imperfeito, 235 correspondem a forma *a gente*, com frequência de 84,2% e peso relativo favorecendo a forma *a gente* em 0,64. Comportamento semelhante ocorre com futuro, há favorecimento da forma *a gente*, com frequência de 75% e peso relativo de 0,55. Já o pretérito perfeito apresenta uma frequência de 45,7% e peso relativo de 0,26, desfavorecendo, assim, a forma *a gente*.

Segundo Mendonça, o favorecimento do tempo presente (0,54) e desfavorecimento do pretérito perfeito (0,26) justifica-se pela ambiguidade das formas quando relacionadas à forma *nós* representadas nesses tempos verbais.

## 2.5 Vianna e Lopes (2015)

Vianna e Lopes (2015) realizaram um estudo levantando os principais resultados de pesquisas realizadas sobre a variação dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito, no âmbito nacional, nos últimos 30 anos. Para isso, as autoras verificaram as pesquisas que foram produzidas em todo território brasileiro e perceberam que algumas áreas do país não possuem estudos desenvolvidos, como na região Norte, e nas demais regiões; os estudos concentram-se nas capitais, como é o caso da região Sudeste. O Sul é a região que possui pesquisas em todos os estados entre cidades e capitais. Na região Nordeste, há pesquisas realizadas apenas em três

estados: Bahia, Maranhão e Paraíba. A região Centro-Oeste só possui estudos no Estado de Goiás.

A partir desse levantamento, Vianna e Lopes (2015) constataram que as variáveis linguísticas paralelismo formal e discursivo, traço semântico do referente, o tempo verbal e a saliência fônica foram as que se destacaram em todas as análises. Em relação às variáveis sociais, foram consideradas significativas, aqui apresentadas na ordem de ocorrência, a faixa etária, sexo, escolaridade e localidade.

As autoras observaram que as amostras, em geral, revelam comportamento semelhante em que todas as localidades: a forma inovadora “*a gente*”, supera o uso do pronome “*nós*”. Entretanto, em alguns locais o processo de uso do *a gente* apresenta um progresso maior do que em outros, como é o caso da investigação de Fernandes (2004 *apud* Vianna e Lopes 2015) que analisou a fala de João Pessoa com dados do projeto variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), na qual obteve 79% para *a gente*, 21% para *nós*. Vianna e Lopes (2015) salientam ainda que, quando são analisadas as falas de informantes com menor nível de escolaridade, o percentual se mostra ainda maior, como as amostras do estudo de Mendes (2007 *apud* Vianna e Lopes 2015), que investiga o perfil da alternância de *nós* e *a gente* dos falantes de Santo Antônio de Jesus, no interior Bahia (93% de *a gente*, 7% para *nós*).

Em relação à região Sudeste, as autoras observaram diferenças e semelhanças no comportamento linguístico dos falantes. Os falantes de Belo Horizonte, aparentemente, apresentam uso mais conservador do que Vitória (62% e 71%, respectivamente). Ao comparar os resultados de Vitória (71%) e Porto Alegre (70%), perceberam uma aproximação no comportamento dos falantes quanto ao uso da forma inovadora. Já Curitiba, nos estudos de Tamanine (2010 *apud* Vianna e Lopes 2015), mostra-se como a mais conservadora, com percentual de uso de 54%.

Ao observar os resultados no que se refere aos informantes com nível de escolaridade mais baixo, Vianna e Lopes (2015) perceberam semelhanças nos dados de diversas capitais. Rio de Janeiro (79%) – Omena (2003); Belo Horizonte (70%) – Maia (2003 *apud* Vianna e Lopes 2015); Florianópolis (72%) – Seara (2000) e mostram que falantes fazem mais uso da forma *a gente*. Já em Curitiba, em relação a essa variável, os falantes mostram um comportamento linguístico mais conservador, com percentual de uso de *a gente* de 64%.

As autoras observaram ainda que, quando se faz uma comparação entres usos dos fenômenos nas capitais e cidades do interior, encontram-se maiores diferenças, as quais podem ser explicadas de acordo com os aspectos socioeconômicos de cada uma delas.

### 3 GRAMATICALIZAÇÃO - UM CAMINHO PARA A MUDANÇA LINGUÍSTICA

Para compreendermos melhor o processo de implementação na língua portuguesa brasileira da forma *a gente*, se faz necessário entender o fenômeno de mudança que aconteceu com essa forma. Esta seção aborda fundamentos teóricos da gramaticalização que foram utilizados como base no desenvolvimento da presente pesquisa. Entre os autores utilizados, destacamos Martelotta *et al.* (1996) e (2003), Votre (1996), Gonçalves *et al.* (2007), Gonçalves e Carvalho (2007), Hopper (1991) – parte dos princípios, Lopes (2003), Zilles (2007), Omena (2003), Omena e Braga (1996) e Menon (1996).

#### 3.1 Entendendo o processo da gramaticalização

Muito se tem estudado sobre o processo da gramaticalização a partir de distintos fundamentos pois o processo de mudança de uma palavra de uma categoria para outra não é uma preocupação nova no português. Segundo Gonçalves *et al.* (2007), a gramaticalização é um dos processos mais comuns a todas as línguas, uma vez que o sistema linguístico passa por processo de renovação constantemente.

Nessa perspectiva de renovação, Hopper (1987 *apud* GONÇALVES; CARVALHO, 2007) compreende que a gramática das línguas é construída de forma fracionada que vai sendo efetivada na fala, associada as estratégias discursivas dos falantes. Nessa concepção, a língua é entendida como dinâmica e está em constante processo de gramaticalização, promovendo o surgimento de uma gramática emergente (Cf. HOPPER, 1987<sup>6</sup>), isto é, para formas existentes, surgem constantemente novos usos e funções.

Nesse sentido, conforme Hopper e Traugout (2003 *apud* GORSKI e TAVARES, 2017), com a gramaticalização “itens e construções lexicais passam, em certos contextos linguísticos, a servir funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (p. 36). Em outras palavras, a gramaticalização é a mudança que ocorre em itens e construções lexicais, que, de acordo com os usos dos falantes, podem adquirir novas funções ou tornar-se mais especializadas, passando a assumir funções gramaticais ou transfigurar-se para mais gramaticais ainda.

---

<sup>6</sup> O termo gramática emergente, instituído por Hopper (1987), estabelece que a regularidade da estrutura linguística é configurada pelo discurso. “[...] sugere que a estrutura, ou regularidade, emerge do discurso e a mesma é moldada pelo discurso assim como o discurso a molda num processo contínuo” (HOPPER, 1987, p. 142, tradução nossa).

Zilles (2007), por sua vez, afirma que, a gramaticalização corresponde à mudança linguística que se dá através da “atribuição de *status* gramatical a um item lexical previamente autônomo” (p. 28) ou, ainda, itens que já tenham caráter gramatical podem ser tornar ainda mais gramaticalizados. Esse processo particular de mudança linguística, segundo a autora, caracteriza-se como processo linguisticamente motivado, uma vez que os fatores cognitivos, socioculturais e comunicativos o impulsionam, ou seja, fatores estes que estão associados à mudanças simultâneas que ocorrem nos subsistemas linguísticos relacionados, configurando-se em feixe de mudanças interrelacionadas.

Além disso, outra característica inerente ao processo da gramaticalização é a unidirecionalidade, isto é, relaciona-se a progressão à mudança. De acordo com Zilles (2007), como acontece com outros processos de mudança linguística, a gramaticalização sucede através de transformações que acontecem de forma gradualmente ao longo do tempo, ou seja, por meio de um *continuum* que pode ser representando pelo seguinte percurso: “ *palavra lexical* > *palavra gramatical* > *clítico* > *afixo* > *zero* (p. 29).”

Para Zilles (2007), nessas transformações, estão envolvidos diversos processos fonéticos, morfossintáticos, semânticos e pragmáticos. Por esse motivo, a autora caracteriza a gramaticalização como um conjunto de mudanças que, conforme Heine (2003 *apud* Zilles 2007, p. 29), pode ser representado pelos seguintes mecanismos:

- a) Dessemantização: redução semântica, “*bleaching*”, perda de conteúdo semântico;
- b) Extensão: generalização contextual, uso de novos contextos;
- c) Decategorização: perda de propriedades morfossintáticas características das formas-fontes, incluindo a perda do status de palavra independente própria da cliticização e da afixação;
- d) Erosão: redução fonética, perda de substância fonética;

Dessa forma, Zilles (2007) considera que, se a gramaticalização envolve múltiplos mecanismos de mudança, estes precisam ser analisados tanto nos aspectos da estrutura linguística quanto nos aspectos sociais, para que se possa entender como procedem esses mecanismos em termos de ritmo, tempo, grupo de falantes e o tipo de avaliação que é feita pelos usuários da língua.

A gramaticalização é vista com concepções diferentes por diversos estudiosos. Para Gonçalves *et al.* (2007), pode significar *processo* quando a investigação se concentra na identificação e estudo dos itens que se tornaram gramaticais. É considerada *paradigma* quando as análises têm como foco evidenciar o modo como as formas gramaticais e construções surgem na língua e são empregadas pelos falantes. Além disso, os estudos sobre gramaticalização

podem ser realizados nas seguintes perspectivas: diacrônica (análise centrada na explicação de como as formas gramaticais ocorrem e se desenvolvem); sincrônica (estudo que se preocupa em identificar graus de gramaticalidade nos usos de determinadas construções); e pancrônica (combinação dessas duas formas metodológicas de estudo).

Segundo Martelotta, Votre e Cezário (1996), gramaticalização e discursivização representam processos diferenciados de mudança linguística. A gramaticalização é o processo que permite os itens lexicais e construções sintáticas a apropriarem-se de funções relacionadas a organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas. A discursivização possibilita ao item admitir função de marcador discursivo, reestruturando a produção da fala tanto para recuperar uma perda de linearidade ou preencher lacunas provocadas por essa perda de linearidade.

A gramaticalização, conforme Martelotta, Votre e Cezário (1996), tem sido utilizada com diversos sentidos, mas para eles o que mais lhes interessa é o processo unidirecional que consiste no modo em que construções sintáticas e itens lexicais, dependendo do contexto que são empregados, podem assumir funções gramaticais, assim, “uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (MARTELOTTA, VOTRE e CEZÁRIO 1996, p. 24).

Martelotta, Votre e Cezário (1996), baseados em Votre (1992), compreendem que as particularidades gramaticais ocorrem de forma regular e são reveladas em diversas relações sintáticas. Dentro dessa perspectiva, sobre gramaticalização, os autores, enumeraram os seguintes fenômenos do processo de mudança linguística:

- a) A trajetória de elemento linguístico do léxico a gramática; (ex. a passagem de um verbo pleno para auxiliar, como o caso do verbo de movimento *ir*)
- b) a trajetória de vocábulo a morfema (Ex: a passagem *amar* + *hei* > *amarei* e *tranquila* + *mente* > *tranquilamente*.);
- c) A trajetória de elemento linguístico da condição de menos gramatical (ou menos regular) para mais gramatical (mais regular); (Ex: *seja* > *seje* e *menos* > *menos*);
- d) A trajetória de elemento linguístico de mais referencial a menos referencial, caracterizada pela perda de significação de referentes extralinguísticos e aquisição de significados baseados em dados pragmáticos, relativos a estratégias comunicativas dos participantes, e em dados textuais, relativos à organização interna dos argumentos no texto, como ocorre com o operador argumentativo *logo*, que inicialmente apresentava valor de advérbio espacial (do latim *locu-*), passando, posteriormente, a assumir função argumentativa como conjunção conclusiva.
- e) A trajetória que leva uma construção sintática a se especializar em expressar função gramatical, como, por exemplo, a construção verbo-

sujeito, que funciona como introdutora de informação nova e de sujeito não-tópico;

- f) A trajetória que leva construções negativas relativamente livres a se tornarem mais fixas em função de estratégias discursivas determinadas. (MARTELOTTA. VOTRE. CEZÁRIO, 1996, p. 25 [grifos dos autores])

Percebemos que o processo da gramaticalização permite compreender toda a trajetória por que passa determinado item lexical, dentro de contextos diversos e ao longo do tempo, ajudando a explicar como tais fenômenos passaram ou deixaram de desempenhar determinadas funções e de que forma foram implementados na língua.

De acordo com Martelotta, Votre e Cezário (1996), para o funcionalismo norte-americano (segundo os fundamentos de Givón 1995) discurso e gramática não são concebidos de forma estanques. O estudo do discurso, na perspectiva funcionalista, refere-se à análise das estratégias que o falante utiliza para organizar, de maneira funcional, o seu texto, para um determinado ouvinte dentro de um contexto comunicativo específico. E a gramática é o resultado sistematizado dos usos, ou seja, são padrões estabelecidos pelos usos. Assim, “a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática.” (GIVON, 1995, *apud* MARTELOTTA; VOTRE; CEZÁRIO, 1996, p.26)

Ao longo do tempo, as palavras perdem traços ou adquirem outros que as tornam mais gramaticais. Nessa visão, conforme Gonçalves *et al.* (2007, p.16), a gramaticalização acontece quando uma forma plena “começa adquirir propriedades de formas gramaticais ou, se já possui estatuto gramatical, tem sua gramaticalidade ampliada”. Dessa forma, a gramaticalização pode ser considerada como paradigma se for observada numa investigação linguística que tenha como foco a análise da maneira como as formas gramaticais e construções aparecem e como são empregadas pelos falantes.

### **3.2 Os princípios de Hopper**

De acordo com Hopper (1991), antes de passarem pelo processo de gramaticalização, os itens lexicais precisam, inicialmente, ser semanticamente gerais e, necessariamente, desempenhar funções exigidas pelo discurso. Seguindo essa direção, passarão a construções sintáticas bem como podem ser fundidas morfologicamente. Nesse sentido, no caminho da unidirecionalidade, há uma relação entre esses dois estágios por que passam os itens lexicais e gramaticais. Segundo Martelotta (2003, p.59) “A noção de unidirecionalidade, tal como proposta pela teoria da gramaticalização, leva à hipótese de que existem fatores de ordem cognitiva, sociocultural e comunicativa que norteiam a mudança”. Isto é, está relacionada às transformações que ocorrem de forma particular, influenciando as construções sintáticas.

Hopper (1991 *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007) afirma que “a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções/valores/usos para formas já existentes [...]” (p.79). Nesse progresso, pode-se verificar os graus de gramaticalização que uma forma assume na nova função que passa a desempenhar.

Nessa perspectiva, Hopper (1991) estabelece cinco princípios pelos quais podemos verificar quando a gramaticalização é iniciada, são eles: Estratificação, Divergência, Especialização, Persistência e Decategorização. Esses princípios deixarão mais evidente que a gramaticalização acontece de forma gradual e contínua, e servirão como suporte para mostrar o processo de gramaticalização da forma *a gente*.

De acordo com o princípio da *Estratificação*, novas formas ou camadas surgem de forma emergente e contínua, entretanto as antigas não são desprezadas. Assim, as camadas/formas antigas passam a coexistir simultaneamente, podendo ser conservadas para que nesse processo de coexistência interajam com as camadas mais novas. Nesse caso, conforme afirmam Omena e Braga (1996), as variantes em estudo, *nós* e *a gente*, são exemplos desse princípio, uma vez que as duas formas coexistem, são intercambiáveis.

O item lexical *gente*, como vimos, deu origem à expressão *a gente*, que passou a competir com as formas *eu* e *nós*, mais frequentemente com esse último.

É postulado que a gramaticalização tipicamente não acontece para preencher falhas no domínio funcional. As alternantes aparecem em competição com outras que exercem a mesma função. No caso de *a gente*, a forma compete com *nós* em alguns contextos. (p.78)

É importante destacar que, como afirmam Gonçalves e Carvalho (2007), “a estratificação não surge para eliminação das formas antigas e a substituição pelas formas novas, mas pelo amontoamento [...] de formas sutilmente diferenciadas que têm aproximadamente o mesmo significado. (p.81)”. Ou seja, esse princípio reafirma que a gramaticalização acontece de maneira gradual. Uma forma gramaticalizada não impede que outra forma, com mesmo valor de sentido, continue existindo.

O princípio da *Divergência* considera que, quando um item lexical sofre gramaticalização, a forma lexical original pode conservar-se como elemento autônomo e sofrer as mesmas alterações. Para Hopper (1991), este princípio refere-se a um caso especial de Estratificação, uma vez que envolve diferentes graus de gramaticalização em domínios funcionais similares, em geral de formas lexicais muito diferentes. Aplica-se a casos em que um ou o mesmo item lexical se torna gramaticalizado em contexto e não em outro, apesar de isso nem sempre ser possível.

Omena e Braga (1996) afirmam que “o princípio da divergência remete à preservação, conservação da forma lexical que deu origem a um processo de gramaticalização. (p.79)”. Nesse sentido, a forma fonte, que dá origem ao processo de gramaticalização, pode ser empregada como palavra autônoma e podem sofrer as alterações relacionadas a classe gramatical a que pertence.

Consoante com o pensamento de Omena e Braga (1996), Gonçalves e Carvalho (2007) apontam que esse princípio estabelece que a forma fonte pode conservar suas características originais e “assim estar sujeita a quaisquer mudanças inerentes à sua classe, inclusive sofrer um novo processo de gramaticalização. (p. 81)”.

No caso de *a gente*, a sua forma fonte, o substantivo *gente*, pode ser empregado em seu sentido original, expressando ideia de grupo de pessoas, permanecendo como item autônomo, como também o *a gente*, forma já gramaticalizada e implementada na língua portuguesa pode ser utilizada com o sentido de *eu* mais outras pessoas, ou seja, mesmo sentido de *nós*, temos portanto, nesse princípio, a coexistência das duas formas.

Omena e Braga (1996) destacam ainda que *gente* permanece independentemente, não passou por mudanças fonológicas, o que ocorreu é que a forma gramaticalizada *a gente* cristalizou a relação com o determinante-determinado, “se estratificou com o artigo indefinido e não admite outras especificações, passou a ter uma mobilidade mais restrita, identificando-se funcionalmente aos pronomes.(p.79)”

Há diferenças importantes entre os princípios da estratificação – *layering* – e da divergência. Conforme Omena e Braga (1996), no princípio da estratificação, formas lexicais e gramaticais distintas correspondem a uma mesma categoria de um domínio funcional, ao passo que no princípio da divergência uma forma fonológica, dependendo do contexto, pode funcionar como item lexical ou gramatical, ou seja, uma mesma forma possui diversos estatutos gramaticais.

A *Especialização*, segundo Hopper (1991), evidencia que, em um domínio funcional em um estágio, é possível uma variedade de formas com diferentes sentidos. Entretanto, à proporção que a gramaticalização acontece, há uma restrição dessa variedade, fazendo com que a construção gramatical assuma realizações mais gerais em relação ao seu significado.

Gonçalves e Carvalho (2007, p.82) consideram que esse princípio está relacionado ao “estreitamento de opções para se codificar uma determinada função”, enquanto uma das formas vai ocupando espaço por ser gramaticalizada, conseqüentemente essa forma vai aumentando a frequência de uso, já que corresponde à mais acelerada no processo da gramaticalização.

Ao observarem o uso do *a gente* em diversas funções, Omena e Braga (1996), verificaram que há uma predileção dos falantes pelo uso da forma *a gente* em todas funções sintáticas. As autoras mostram que as crianças empregam mais a forma *a gente* do que os adultos, fato indicador do princípio da especialização, uma vez que a forma mais gramaticalizada está ocupando mais espaço na escolha dos falantes.

Já na observação da função sintática do sujeito, constataram que a forma *a gente* foi a mais empregada, principalmente pelos mais escolarizados. Gonçalves e Carvalho (2007) consideram que esse comportamento pode ser explicado pela estratégia de o falante evitar o desvio da concordância em 1ª pessoa do plural, já que, na fala cotidiana, o *nós* é flexionado com a 3ª pessoa verbal do singular.

O princípio da *Persistência* estabelece que, quando uma forma passa por gramaticalização, alguns traços originais se mantêm e vestígios de sua história física podem ser refletidos em restrições, em sua distribuição gramatical. Em outras palavras, Gonçalves e Carvalho (2007) pressupõem que traços semânticos da forma-fonte são preservados na forma gramaticalizada, podendo motivar, para o uso da forma gramaticalizada, restrições sintáticas. Omena e Braga (1996) afirmam que

No caso do uso de *a gente* a persistência do traço indeterminador provoca certas restrições. Enquanto o pronome *nós* admite ser modificado por quantificadores, numerais, especificadores, enfim, o mesmo não se dá com a forma *a gente*. *Todo, cada um, nenhum* podem modificar *nós*; mas não *a gente*. (p.81)

Nesse sentido, a forma gramaticalizada *a gente* não permite qualquer construção que necessite de modificadores, especificadores, numerais, uma vez que o traço indeterminador da forma fonte (*gente*) se faz presente na forma inovadora. Assim, o *a gente* que possui o mesmo sentido de *nós*, não permite construções que são admissíveis com o pronome *nós*, ou seja, são inaceitáveis construções do tipo: *todo a gente*, *nenhum de a gente*, como acontece com *nós*: *todos nós*, *cada um de nós*, *nenhum de nós*, entre outras construções.

Dessa forma, em alguns contextos específicos, segundo Gonçalves e Carvalho (2007), a forma *a gente* é empregada quando o seu referente está associado a um grupo grande indeterminado, isso porque, a noção de coletividade que a forma-fonte de *a gente* carrega não permite o uso de *a gente* (gramaticalizada) como determinado seguido de numeral, como em: *a gente três*, *a gente dois*.

A *Decategorização*, segundo Omena e Braga (1996), consiste em que a forma em processo de gramaticalização tem tendência a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e privilégios sintáticos característicos das categorias plenas, assumindo

qualidades específicas de categorias secundárias, ou seja, formas mais gramaticais (advérbios, preposição, entre outras). Dessa forma, Gonçalves e Carvalho (2007) citam, como exemplos desse princípio, que “os nomes deixam de identificar participantes do discurso e os verbos de reportar novos eventos (p. 84)”, ou seja, a forma já gramaticalizada perde a sua categoria inicial e assume características de uma nova categoria, deixando-a mais gramatical.

No processo de gramaticalização de *a gente*, a forma-fonte perde traço de substantivo e assume a categoria de pronome. Omena e Braga (1996) explicam esse processo:

[...] a forma *gente* guarda a mobilidade de colocação dos substantivos, admite flexão de número, derivação de grau, pode ser modificada por quantificadores, determinantes, possessivos, locuções prepositivas, etc. [...] já a forma gramaticalizada *a gente*, embora tenha com o verbo a mesma relação que o substantivo *gente*, ou seja, leva o verbo para a terceira pessoa do singular, apresenta uma variação sintática – *a gente vamos* – que demonstra maior integração ao sistema pronominal, pois concorda com a primeira pessoa do plural. [...] Presente na fala das crianças e de pessoas menos escolarizadas, tal concordância é bem menos frequente que a original. (p.81)

Sobre esse aspecto Gonçalves e Carvalho (2007) asseguram que alguns processos morfossintáticos possíveis para o substantivo *gente* não são aceitos quando associados ao pronome *a gente*. Como substantivo poderia ter flexão de número, como pronome essa flexão não é mais possível, ele se comporta de forma semelhante ao pronome *nós*, demonstrando que mudou de substantivo para pronome.

Assim, ao relacionar esses princípios com o fenômeno em análise, *nós* e *a gente*, conforme Hopper (1991), podemos entender que nesse processo de mudança há uma estratificação, uma vez que a forma *nós* continua coexistindo mesmo com a implementação da forma inovadora *a gente*, o que poderá ser melhor explicado com a análise dos dados. Nesse sentido, conforme afirmam Gonçalves e Carvalho (2007) e Omena e Braga (1996), os princípios propostos por Hopper (1991) são apropriados ao processo de gramaticalização de *a gente*, um processo de mudança em curso que vem modificando o sistema pronominal do português brasileiro.

### 3.3 Gramaticalização do *a gente*

Segundo Lopes (2003), a forma *a gente*, ao adquirir o traço de pessoa, característica dos pronomes pessoais, e da possibilidade de substituir o pronome *nós*, perdeu os traços originais dos substantivos. Os exemplos (4), (5) e (6) mostram essas duas realidades:

(4) [...] Juiz – Agora vamos nós jantar (Quando se dispõem para sair, batem à porta). Mais um! Estas *gentes* pensam que um juiz é de ferro! Entre, quem é? (Séc. XIX, O juiz de Paz na roça, Pena 1815-1848). (LOPES, 2003, p.10)

(5) [...] Amor, o travesso Amor  
Fugia nuzinho em pele,  
Cai aqui, cai acolá  
*Gentes* de bem pegou nele (= substantivo: todo mundo inclusivo)  
(Séc. XVIII, Viola de Lerenó, Caldas Barbosa 1798, p. 324). (LOPES, 2003, p. 107)

(6) [...] e no entanto, graças a deus, todos, eu assim fui criada, dentro duma casa com muito respeito e ela também, meu pai também era a mesma coisa, *a gente* lá em casa não ouvia nada, credo! (PE, inq. 248, M3). (LOPES, 2003 p. 59) (Forma gramaticalizada)

Em (4) e (5), a forma fonte, *gente*, como substantivo admite flexão de número, característica particular dos substantivos que concordam em gênero, número e grau, ao passo que *a gente*, forma gramaticalizada, como pronome, não admite mais essas flexões. Sendo assim, ao substantivo *gente*, agregaram-se determinados valores e funções, implicando que este passasse a pertencer a outra categoria ou classe. Dessa forma, *a gente*, que concorre com o *nós*, é resultante de gramaticalização, pois mudou de categoria, de nome para pronome.

Zilles (2007) salienta que a inserção do *a gente* no quadro pronominal brasileiro não ocorre de forma isolada, é motivada em outros subsistemas da língua. O encaixamento linguístico de *a gente* está associado diretamente às mudanças no paradigma da concordância verbal, uma vez que é muito comum encontrar ocorrências nas quais o *a gente* é empregado com verbos na 3ª pessoa do singular, no entanto, mesmo que, em poucas ocorrências, a depender da comunidade de fala, há realização do *a gente* também com verbos flexionados na 1ª pessoa do plural, principalmente na fala de crianças e de indivíduos menos escolarizados. (GONÇALVES; CARVALHO, 2007).

Lopes (2003), por sua vez, parte da hipótese de que a forma *gente*, quando se pronominalizou, preencheu o espaço deixado pelo *homem* indefinido. É a partir do século XVI que esse termo deixa de ser utilizado como pronome, fato que impede o aparente processo de gramaticalização desse substantivo. Ao estudar *homem* como pronome indefinido, no português arcaico, observou os seguintes fatores linguísticos: substituição por alguém/ninguém; referencialidade; colocação do sujeito na frase em relação ao verbo e posição do sintagma nominal. Ao analisar todos esses fatores simultaneamente, a autora constatou que a aglutinação dos contextos linguísticos mais propícios para a ocorrência de *homem* como pronome indefinido, no que se refere *a homem* como substantivo, aponta para um processo de gramaticalização, uma vez que, como pronome, essa forma teve pouca flexibilidade estrutural apresentando limitação na posição em relação ao verbo e dentro do próprio sintagma nominal.

Nesse sentido, Lopes (2003) destaca como importante a associação entre a perda gradual da referencialidade do substantivo quando pronominalizado e a sua posição no sintagma nominal, mostrando que, quando o nome é acompanhado por determinantes, quantificadores, possessivos, possui mais probabilidade de assumir um caráter referencial. Mas, se acontece dentro do sintagma de forma isolada, é mais provável a leitura genérica. Com essa análise, Lopes (2003) constatou que não houve pronominalização ou gramaticalização do substantivo *homem* de forma efetiva no português, já que houve uma interrupção desse processo de uso, não estabelecendo uma mudança linguística. O uso de *homem* como indeterminado ou pronome é uma característica do português arcaico.

É importante compreender como se deu a gramaticalização do *a gente*, considerando, segundo Zilles (2007), as características intrínsecas ao item lexical que sofreu esse processo. Para a autora, inicialmente, *gens, géntis* – substantivo latino – significava povo. Já no português, o substantivo *gente* era apenas um nome coletivo, fator que contribuiu significativamente para que pudesse assumir futuramente a classificação de pronome indefinido, significando ‘toda e qualquer pessoa’. (p. 32).

Menon (1996), por sua vez, afirma que o substantivo *gente*, herdado do acusativo *gentem*, era empregado com as mesmas características do latim, ou seja, aceitava a flexão de número (*gentes* – correspondendo ao mesmo que as pessoas), poderia formar locuções nominais, concordava com o gênero gramatical do substantivo feminino *gente*. Entretanto,

em um dado momento do português [...] especializou-se o uso da locução formada pelo artigo *a* mais o substantivo *gente*, para designar os seres de maneira coletiva, genérica: especializou-se o sentido, mas não perdeu o significado primeiro. Passa então a ser uma das formas de empregar o ‘sujeito indeterminado’. Desse uso possivelmente derivou o emprego de *a gente* por *nós* e por *eu*. (p. 625)

Dessa forma, segundo Menon (1996), o significante *a gente*, ao passar por esse processo de transformação semântica, não pode mais ser flexionado quanto ao número e nem concordância nominal, ou seja, se neutralizou. Assim, com forma fixa e sendo empregada para indeterminar o sujeito, transformou-se em pronome indefinido, passando a ter concordância de gênero não marcada.

Para entender melhor o processo por que passou o substantivo *gente*, Zilles (2007) apresenta um conjunto de mudanças que caracteriza a gramaticalização, mostrando os mecanismos (dessemantização, extensão, decategorização e erosão), que ocorrem com a nova forma.

A *dessemantização* consiste na redução ou perda de conteúdo semântico do item lexical original. Em relação ao *a gente*, o substantivo *gente* perde o traço de povo e mantém o de pessoa. A *extensão* corresponde à generalização contextual, uso de novos contextos. O emprego de *a gente*, por exemplo, na posição de sujeito, aumenta entre os anos 70 e 90, expandindo novos contextos, isto é, antes era usado apenas em seu sentido genérico, passou a estender seu uso em contextos de referência específica, além de ser empregado também como pronome anafórico dentro da oração.

A *deategorização* relaciona-se à perda de propriedades morfossintáticas das formas-fonte, perda de *status* de palavra autônoma. Nesse caso, quando pronome indefinido, há restrições combinatórias que não correspondem ao seu uso como pronome pessoal. Lopes (2003) mostra que dos séculos XIII ao XV, ainda se encontravam casos de *gentes* (no sentido de pessoas), mas a partir do século XVI, esses casos caem em o desuso. Além disso, segundo Lopes (2003), “percebe-se que, apesar de o substantivo *gente* ter o traço formal [+fem], o gênero semântico não é especificado” (p, 28).

O *mecanismo da erosão*, conforme Zilles (2007), está associado à redução fonética, ou seja, a forma *a gente* apresenta-se como “*a gente, a hente, a’ente* e *’ente*” (p. 33). A autora chama a atenção de que esse mecanismo ocorre em alguns contextos e depende da sua posição sintática sujeito, como acontece também com *você* e *cê*, evidenciando, assim, que a gramaticalização é um processo de mudança inerente ao sistema linguístico.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, segundo a orientação da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]; GUY e ZILLES, 2007). Além disso, expomos informações acerca do Atlas Linguístico do Brasil ALiB, acervo utilizado como *corpus* para este estudo, como também trazemos breves informações sobre cada cidade observada nas sete mesorregiões baianas, foco desta análise e fazemos a descrição das variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas nesta fase da pesquisa.

### 4.1 O Atlas Linguístico do Brasil – ALiB

O Atlas Linguístico do Brasil, ALiB, surge na metade do século XX, a partir do desejo de filólogos e linguistas que perceberam a importância de se ter um acervo de dados linguístico do Brasil.

Os pesquisadores Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Antenor Nascente e Nelson Rossi mostraram, em suas publicações e participação de eventos, a necessidade, urgência e benefícios da elaboração um acervo linguístico que englobasse dados de todo o território do Brasil, entretanto, o sonho foi sufocado por muitos obstáculos: dificuldades financeiras, falta de pesquisadores preparados para fazer o levantamento desses dados de alcance nacional, a precariedade nas estradas e rodovias, como também a ampla extensão territorial do país.

No entanto, a vontade de criar o atlas linguístico renasceu em decorrência da realização do Seminário *Caminhos e Perspectivas da Dialectologia do Brasil*, promovido pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Estado da Bahia, em 1996, sob a coordenação da pesquisadora Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso que enfatizou a importância da retomada da elaboração de um atlas linguístico do Brasil.

O evento, que possibilitou a discussão de diversas temáticas que tinham como foco a elaboração de um Atlas Linguístico, contou com a participação de grandes linguistas de esfera mundial, professores e pesquisadores em estudos da Dialectologia no Brasil. Além disso, a partir das discussões, foi produzida a Carta de Salvador, na qual constava a necessidade de se elaborar o Atlas Linguístico do Brasil e firmava-se o compromisso de realizar ações para concretização do projeto que tinha como objetivo desenvolver um banco de dados que reunisse registros da língua portuguesa falada no Brasil.

Firmado o compromisso, criou-se um comitê Nacional para a estruturação do projeto e implantação da pesquisa. Como o Atlas daria conta de uma grande extensão territorial, o comitê

estabeleceu sete áreas regionais: Pará, Ceará, Bahia, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul. Cada região seria de responsabilidade de Diretores Científico e Executivo, além da equipe regional de pesquisadores.

Em 2014, publicaram-se, como resultado do trabalho em equipe, os dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil. O volume um<sup>7</sup> trata dos aspectos metodológicos, mostrando todos os procedimentos adotados, a elaboração dos questionários, caracteriza os informantes, e especifica as localidades onde foram coletados os dados e o volume II apresenta resultados com dados de 25 capitais do país.

Nessa perspectiva, o ALiB configurou seu banco de dados através rede de pontos, já que este é um dos procedimentos metodológicos primordiais de pesquisas geossociolinguística. Por meio dessa estratégia, segundo Isquierdo, Teles e Zágari (2014), é possível, através de cartas linguísticas, assegurar registros da variação espacial da língua e comparar dados e sua distribuição em um determinado espaço geográfico.

Além disso, segundo Cardoso (2010)

As transformações pelas quais passa a sociedade contemporânea exigem a inclusão, na rede de pontos, de localidades de maior desenvolvimento, maior grau de urbanização e de número populacional mais elevado. Assim, é recomendável que as capitais de região ou estados sejam sempre incluídas quando se constituir uma rede extensa para ser pesquisada e que ao considerá-las, não se perca de vista a pluralidade de falantes que englobam, e, conseqüentemente, as variáveis sociolinguísticas que, necessariamente, esses usuários representam. (p. 91)

Neste caso, o Brasil configura-se nessa realidade, uma vez que apresenta um número populacional elevado nos grandes centros urbanos. Dessa forma, a proposta do ALiB é assegurar o maior número de localidades, atendendo a todas as regiões do Brasil. Para isso, conforme Isquierdo e Teles (2014), a rede de pontos considerou alguns critérios: localidades apresentadas por Antenor Nascentes em 1958; a densidade demográfica; as zonas dialetais e a distribuição espacial das localidades.

Dessa forma, o ALiB possui um acervo de pesquisa bastante amplo, possuindo uma rede de 250 pontos, alcançando cidades de todos os estados brasileiros, incluindo suas respectivas capitais (excetuando Brasília e Palmas, por terem sido fundadas há menos de 100 anos). É um projeto de relevância nacional que serve como *corpus* para diversas pesquisas acadêmicas, além

---

<sup>7</sup> Obra intitulada “Atlas Linguístico do Brasil”, 2014, da qual foram extraídas as informações sobre o acervo do ALiB para a construção deste texto.

de ser um material vasto com inquéritos gravados, catalogados, que já passaram, quando constituído o acervo, pelo comitê de ética.

A Figura 1 mostra os estados e as cidades que são contempladas no ALiB da região Nordeste. Destacando o Estado da Bahia, verifica-se que esse estado possui 22 municípios com registros no ALiB.

**Figura 1: Rede de Pontos Região Nordeste**



Fonte: Isquierdo e Teles (2014), p. 73

Dessa forma, o ALiB registrou dados de 250 localidades brasileiras. Entre essas localidades, 22 municípios da Bahia foram contemplados. Entretanto, para a observação do fenômeno variável deste trabalho, foram consideradas as cidades que pertencem a cada mesorregião da Bahia.

No quadro 02, verificam-se todas as cidades que fazem parte do banco de dados do ALiB, bem como aquelas que serão estudadas nesta pesquisa.

**QUADRO 02: MUNICÍPIOS DE CADA MESORREGIÃO X CONTEMPLADOS NO ALiB X ANALISADOS NA DISSERTAÇÃO**

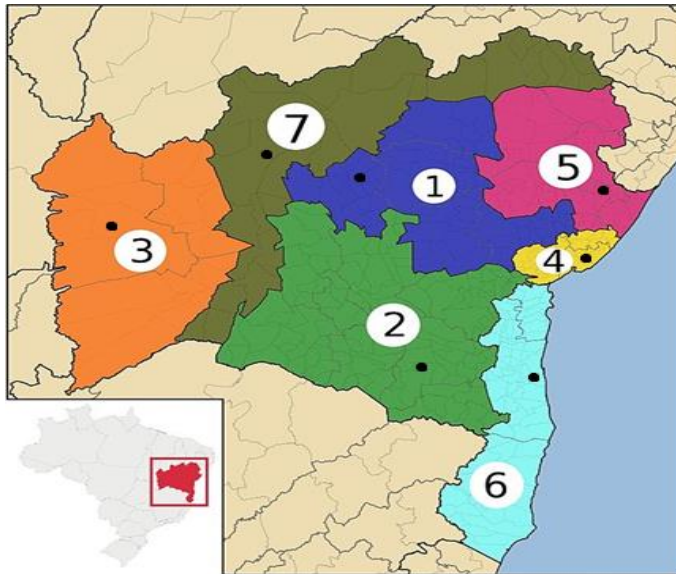
<b>Mesorregião</b>	<b>Número de municípios</b>	<b>Municípios com acervo no ALiB</b>	<b>Municípios alvo de estudo</b>
Extremo Oeste Baiano	24	Barreiras, Santana	Barreiras,
Vale São-Franciscano da Bahia	27	Barra, Juazeiro, Cariranha	Barra
Centro-Sul Baiano	118	Vitória da Conquista, Jequié, Itapetinga, Seabra	Vitória da Conquista
Sul Baiano	70	Ilhéus, Valença, Caravelas, Santa Cruz Cabrália, Caetité	Ilhéus
Centro-Norte Baiano	80	Irecê, Itaberaba, Jacobina	Irecê
Nordeste Baiano	60	Alagoinhas, Euclides da Cunha, Jeremoabo	Alagoinhas
Metropolitana de Salvador	38	Salvador, Santo Amaro	Salvador

Fonte: GUIMARÃES, (2018, p. 50. Adaptado)

É importante salientar que, devido às condições de tempo, não será possível fazer a análise de todo o acervo do ALiB, embora esse tenha sido nosso desejo inicial. Sendo assim, será estudada nesta dissertação a cidade que possui maior importância socioeconômica de cada Mesorregião da Bahia, a saber: Extremo Oeste Baiano, Barreiras; Vale São-Franciscano da Bahia, Barra; Centro-Sul Baiano, Vitória da Conquista; Sul Baiano, Ilhéus; Centro-Norte Baiano, Irecê; Nordeste Baiano, Alagoinhas; e Metropolitana de Salvador, Salvador.

A figura 2 mostra as mesorregiões da Bahia e as respectivas cidades que serão consideradas para a análise.

**FIGURA 2: MAPA MESORREGIÕES DA BAHIA**



Fonte: [www.googlemaps.com.br](http://www.googlemaps.com.br)

**LEGENDA:**

1. Centro-Norte Baiano – Irecê
2. Centro-Sul Baiano – Vitória da Conquista
3. Extremo Oeste Baiano – Barreiras
4. Metropolitana de Salvador – Salvador
5. Nordeste Baiano – Alagoinhas
6. Sul Baiano – Ilhéus
7. Vale São-Franciscano da Bahia - Barra

Seguindo os aspectos propostos pela teoria da variação, o *corpus* alvo de observação constituiu-se de diferentes entrevistas realizadas com quatro falantes. Para a constituição do acervo do ALiB, as entrevistas são norteadas por perguntas apresentadas pelos questionários de caráter fonético-fonológico (QFF), semântico-lexical (QSL) e morfossintático (QMS), algumas questões voltadas para pragmática, além de entrevistas semi-dirigidas, que permitiam aos falantes se expressarem de maneira mais espontânea, perguntas metalinguísticas e um texto para leitura.

Esses questionários foram aplicados aos informantes distribuídos em sexo (homens e mulheres) e faixa etária (faixa etária 1- entre 18 e 30 anos; faixa etária 2- entre 50 e 65 anos). Foram coletadas entrevistas de 04 informantes de cada ponto, com escolaridade do nível fundamental. E nas capitais, foram considerados também falantes de nível superior, perfazendo um total de 8 entrevistas.

Por se tratar de uma pesquisa que analisa a língua falada, não foi considerada a leitura do texto pelos informantes. Após a audição das entrevistas e o levantamento dos dados, fez-se a codificação para a submissão ao programa computacional para análise dos dados, o GoldVarb X.

Como os questionários aplicados no ALiB não são muito diversificados, na sua maioria, são perguntas seguidas de respostas simples, houve certa dificuldade de encontrar a ocorrência de *nós e a gente* em contextos diferentes; mas na parte do questionário em que o falante falou de forma mais espontânea, houve a possibilidade de analisar melhor o fenômeno em estudo.

No que se refere aos informantes, estes são distribuídos igualmente em homem e mulher, pertencentes às faixas etárias 1 e 2, somando 4 informantes por cada mesorregião, perfazendo um total de 28 informantes. Por conseguinte, foram analisadas 28 entrevistas. Como no acervo do ALiB, apenas nas capitais, foram coletados dados de falantes de nível superior, falantes com essa escolaridade não foram utilizados para este estudo, só foi considerado o nível de escolaridade fundamental<sup>8</sup> em todas as mesorregiões, inclusive na Metropolitana de Salvador.

#### **4.2 Aspectos históricos e socioeconômicos das Mesorregiões/Cidades**

A Bahia é o estado que mais faz divisa com outros estados. Além disso, destaca-se entre os demais por apresentar uma extensa costa, banhada pelo oceano Atlântico. Entre os estados nordestinos, ganha destaque em maior extensão territorial, número de habitantes, produto interno bruto e também quantidade de município que possui. No que se refere à constituição populacional, por ter sido um dos núcleos de rica produção açucareira do Brasil, sofreu grande influência de africanos que eram escravizados pelos colonizadores para a comercialização.

A população baiana foi constituída pelos indígenas que já habitavam no território, pelos negros que foram trazidos como mão de obra e pelos portugueses colonizadores que exploraram a terra e todos os recursos que nela encontravam. As particularidades de cada grupo influenciaram bastante na formação do português falado na Bahia. Atualmente, através de diversas pesquisas já desenvolvidas sobre a língua falada, pode-se identificar a vasta contribuição dessa constituição histórica para a língua falada neste Estado.

De acordo com o IBGE (2021),

Entende-se por mesorregião uma área individualizada, em uma unidade da Federação, que apresente formas de organização do espaço definidas pelas seguintes dimensões: o processo social, como determinante; o quadro natural, como condicionante, e a rede de comunicação e de lugares como elemento da articulação espacial. (p. 8)

---

<sup>8</sup> Em relação a escolaridade, vale salientar que o acervo do ALiB é constituído por informantes alfabetizados, tendo cursado, no máximo, o ensino fundamental, excetuando as capitais de Estado nas quais são acrescentados mais quatro informantes de nível universitário. Nesse caso, como trabalhamos com o Estado da Bahia e apenas uma cidade (a capital do estado) que possui dados universitário, consideramos para esta pesquisa apenas dados dos informantes de nível fundamental,

Considerando esses aspectos, a Bahia está dividida em sete mesorregiões. As mesorregiões são resultado de uma identidade regional que foi estruturada ao longo do tempo por meio da contribuição da sociedade. Por se tratar de uma pesquisa geossociolinguística, consideraram-se, na análise do *corpus*, dados do ALiB que foram coletados nas seguintes mesorregiões: Centro Norte Baiano; Vale São Franciscano da Bahia; Extremo Oeste Baiano; Nordeste Baiano; Metropolitana de Salvador; Centro Sul Baiano e Sul Baiano. De cada mesorregião, foi escolhida uma cidade, que apresentasse destaques em diversos aspectos históricos e socioeconômicos das demais cidades. As subseções que se seguem objetivam caracterizar as mesorregiões citadas.

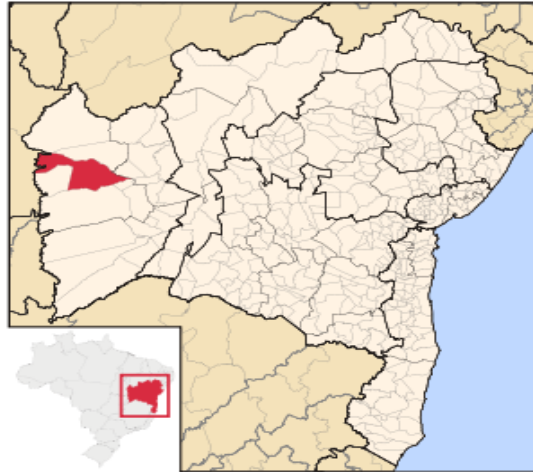
#### **4.2.1 Extremo Oeste baiano - Barreiras**

O território do Extremo Oeste Baiano, segundo o IBGE, possui uma fronteira agrícola que representa uma ligação importante entre o seu processo de ocupação e o uso que é feito da terra. É uma região que possui uma produção de soja significativa.

Barreiras é a principal cidade do Oeste baiano já que é a mais desenvolvida dessa mesorregião. A sua população estimada em 2020 era de 156.975 habitantes, sendo que no censo de 2010, os registros somaram 137.427 habitantes e a sua densidade demográfica é de 17,49 hab/km<sup>2</sup>. É considerada a capital do oeste baiano por ser um importante polo agropecuário e o principal centro urbano, além de compor a maior fronteira agrícola do Nordeste. Destaca-se política e culturalmente em relação às suas cidades circunvizinhas.

Além dessas particularidades, possui grande rotatividade de atividade comercial, atendendo a toda região, por isso sobressai-se entre os maiores centros econômicos e populacionais do estado. É banhada por um afluente principal do Rio São Francisco e sua localização é beneficiada pela presença de três rodovias federais, fato que a consagra como um importante entroncamento rodoviário da região. A Figura 3 apresenta a localização de Barreiras.

**Figura 3:** Localização da cidade de Barreiras, Bahia



Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

A região, que atualmente, corresponde a cidade de Barreiras pertenceu a Pernambuco até meados 1824. Barreiras passou por intensas transformações, Campo Largo, Barão de Cotegipe, Cotegipe, até ganhar estatuto de cidade,. Com a chegada do progresso, no início do século XX, os grandes casarões dos Coronéis foram dando espaço às estruturas inovadoras que caracterizam o espaço urbano, apesar de a cidade contar com um número pequeno de construções residenciais. Nesse período, surge o jornal "Correio de Barreiras" e inaugura-se o Cine Teatro Ideal, a urbanização foi tomando conta das terras provinciais. A energia elétrica passou a ser mais utilizada, uma nova usina hidrelétrica é instalada, fazendo com que muitas indústrias fossem atraídas para essa região, tendo um desenvolvimento mais avançado do que as cidades vizinhas. Como situava-se às margens do Rio Grande, passou a ser porto comercial para gêneros alimentícios, transporte da borracha mangabeira e ouro dos garimpos de Goiás. Aos poucos, a cidade deixou de ser apenas porto de transporte de mercadorias e passou a ter produções significativas do campo. A partir de 1970, com o baixo valor das terras, os créditos governamentais destinados à agricultura e os movimentos migratórios, a produção agrícola passou a se modernizar em Barreiras. Atualmente, continua progredindo com grande produtividade em agronegócios, destacando-se na produção de algodão. Continua sendo uns dos centros urbanos comerciais alimentícios, abastecendo toda a região no raio de 300km. Além disso, é um importante polo regional de saúde.

#### 4.2.2 Nordeste Baiano - Alagoinhas.

De acordo com o IBGE, a mesorregião Nordeste Baiano apresenta características específicas com estruturas de produção particulares e uma distribuição populacional variável. A cidade que é centro regional dessa mesorregião é Alagoinhas, que possui vínculo com todas as outras microrregiões que fazem parte do Nordeste Baiano.

Situada na porção Sul do Nordeste Baiano e no agreste do estado da Bahia, Alagoinhas caracteriza-se como um relevante entroncamento rodoviário, pois é nessa cidade que se encontram rodovias federais importantes como a BR 101 e a BR 110, além de outras rodovias estaduais.

Na figura 4, pode-se verificar a localização do município de Alagoinhas.

**Figura 4:** Localização da cidade de Alagoinhas, Bahia.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

Possui uma extensão territorial de 718.089 quilômetros quadrados, população estimada em 2020 de 152.327 habitantes, sendo que, no censo de 2010, os registros totalizaram 141.949 pessoas, sua densidade demográfica é 188,67 habitantes por quilômetro quadrado. Nesse município, estão localizados rios importantes, lagoas e córregos; a hidrografia é uma das maiores riquezas de Alagoinhas, pois possui água de qualidade excelente, podendo ser reconhecida como a segunda melhor do mundo. Inclusive o nome Alagoinhas está associado à existência de diversas pequenas lagoas na região.

O movimento populacional de Alagoinhas iniciou-se no século XVIII, com a fundação da Capela em homenagem a Santo Antônio. Em torno dessa capela, o povoado Santo Antônio de Alagoinhas foi formado. Posteriormente, devido à intensa movimentação, o povoado prosperou e passa a ser chamado de freguesia de Santo Antônio das Alagoinhas. Em 1852, essa freguesia é desvinculada de Inhambupe e passou a ser reconhecida como Vila.

Com a abertura da Estação Ferroviária, a vila ganhou um grande desenvolvimento econômico e crescimento da população. Em 1880, já como Alagoinhas, é construída a segunda estação ferroviária, sinal de progresso urbano. Foi uma cidade de grande importância durante a Guerra de Canudos pois serviu de abrigo para tropas e também como ponto de apoio médico para os soldados.

Em 1920, a cidade passou por transformações na sua arquitetura e na inserção da tecnologia. Foi construída a Santa Casa de Misericórdia, surgiu o Serviço de Transportes Coletivos, houve a construção do Coreto Municipal, e da Capela "da Praça Kennedy", além da instalação da energia elétrica.

A cidade de Alagoinhas teve grande contribuição no período da Segunda Guerra Mundial, já que muitos dos jovens que moravam na cidade se disponibilizaram para enfrentar a batalha na Itália. Ademais, em 1964, houve a descoberta do petróleo no município, fazendo com que a Petrobras se instalasse na cidade, resultando na geração de empregos, contribuindo para desenvolvimento economicamente, tornando-se polo de sua região.

A cidade possui destaque na produção agrícola de limão, sendo o maior produtor do estado de abacate, laranja, entre outras.

#### **4.2.3 Sul Baiano - Ilhéus**

Segundo Wanderley *et al.* (2014), a mesorregião Sul Baiano possui uma área geográfica de 128.472,72 km<sup>2</sup>, sendo composta por 118 municípios. No período compreendido entre 2006 e 2012, obteve o aumento de 46% na geração de empregos.

Conforme registros do IBGE, essa mesorregião é caracterizada por uma estrutura econômica tradicional que contribuiu para organização do seu espaço, por meio da produção cacaeira, porém, com o passar do tempo, foi se expandindo para o cultivo de outros produtos agrícolas e também pela pecuária.

Sua extensão compreende as faixas de terras que vão de Valença a Mucuri, sendo constituída por terrenos sedimentares e cristalinos, com relevo sendo formado por planície litorânea, terrenos ondulados e elevações. Possui um clima quente e úmido.

É uma área que possui uma antiga ocupação e que, pelo fato de ser recortada pelas baías do litoral, tendo uma localização esparsa, deu origem aos primeiros habitantes, o que corresponde às cidades de Porto Seguro, Camamu, Caravelas e Ilhéus. Devido ao insucesso do cultivo da cana-de-açúcar, essa cultura foi substituída pela plantação de cacau que, devido às condições favoráveis dessa região, ganhou espaço para o cultivo, sendo, por um grande tempo, a monocultura do cacau, base da economia da região.

Além do cacau, outros produtos agrícolas foram ganhando espaço nas lavouras comerciais para abastecimento local, como dendê, cravo da índia, pimenta do reino, piaçava, café, cana-de-açúcar, mamão, banana e laranja. A partir de meados da década de 60, a pecuária começou a progredir na região.

Outro aspecto importante dessa mesorregião, por ser uma região litorânea, é o turismo, que tem contribuído para a economia dos municípios que dela fazem parte como, por exemplo, a cidade de Ilhéus.

Ilhéus é o município que possui densidade demográfica de 104,67 hab/km<sup>2</sup>. Dispõe também do mais extenso litoral entre os demais do estado, tendo sua extensão territorial de 1.588,555 km<sup>2</sup>. Sua localização pode ser observada na figura 5.

**Figura 5:** Localização da cidade de Ilhéus, Bahia.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

Foi fundada em 1536 como "Vila de São Jorge dos Ilheos", e considerada cidade em 1881. Conforme informações divulgadas na página oficial da prefeitura, a história de Ilhéus confunde-

se com a história do cacau. Ao longo dos anos, o cultivo e a produção do cacau contribuíram para que o Brasil e o mundo conhecessem sua riqueza, e, com a sua comercialização, contribuiu para o crescimento do país, ajudando seu povo a combater e superar crises.

Na década de 80, devido à Vassoura de Bruxa, Ilhéus encarou uma grande crise econômica, fazendo com que a população investisse em outras formas de produção. Algumas alternativas encontradas pelo governo e municípios para sair dessa crise foram o turismo, a produção de chocolate artesanal e a criação do Parque Tecnológico

Conhecida como Princesinha do Sul, Ilhéus está entre a cidade mais importante do Estado. O município possui uma grande variedade de ecossistemas naturais, patrimônio cultural, histórico e arquitetônico. Além de admirável infraestrutura turística, com diversas praias, hotéis, bares e restaurantes, possui um leque de atrações para turistas de diversos cantos do país, movimentando, assim, a área do turismo. Além disso, é conhecida por ser cenário das histórias de diversos dos romances de Jorge Amado, renomado escritor baiano, como *Gabriela, Cravo e Canela* e *Terras do Sem Fim*.

#### **4.2.4 Centro Norte Baiano - Irecê**

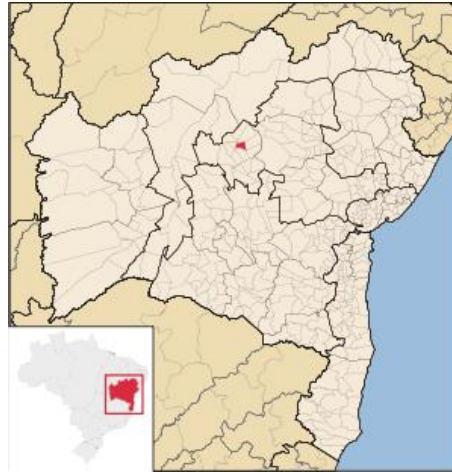
A mesorregião do Centro Norte Baiano corresponde à porção setentrional do planalto baiano, que se estende entre o litoral e a depressão sanfranciscana. De acordo com Wanderley *et al.* 2014, o Centro Norte baiano possui uma área geográfica de 81.354,22 km<sup>2</sup> com 80 municípios. Entre 2006 e 2012, verificou-se uma taxa de crescimento do emprego de 49%.

Segundo o IBGE, essa mesorregião é constituída por um relevo elevado e grandes planuras cristalinas intercaladas por pequenas serras até a área da Chapada Diamantina, cortada pelos rios Itapecuru-Mirim e Jacuípe. Nessa mesorregião, estão presentes a vegetação de caatinga e, em áreas mais elevadas, encontra-se a mata.

O povoamento dessa região aconteceu a partir do séc. XVIII, por indivíduos que adentravam o sertão à procura de indígenas, riquezas mineiras e grandes áreas para cultivar plantações e criação de animais, especialmente a de gado, para a produção de carne e utilização dos animais para tração. Contribuíram para povoamento e economia dessa região a mineração, o cultivo de algodão e do fumo. Entretanto, é a agropecuária que se destaca para o desenvolvimento da economia em toda a mesorregião. Não se pode esquecer a produção de feijão, cujo cultivo é bastante expressivo em todo o estado.

A cidade de Irecê, conforme a figura 6, localiza-se na região setentrional da Chapada Diamantina e possui uma população estimada, segundo IBGE de 2020, em 73.524 habitantes.

**Figura 6:** Localização da cidade de Irecê, Bahia.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

Embora seja localizada na região da Chapada Diamantina, Irecê não é centro de atração dos turistas. Entretanto, nos festejos juninos, por realizar tradicionalmente essas festas típicas, costuma ser bem visitada.

Segundo o *site* Wikipédia, a região, antes denominada Carahybas, passou a ser chamada de Irecê em 1986. Foi fundada em 1926, mas foi em 1933 que conquistou a sua independência política.

A cidade de Irecê destaca-se pela grande produção agrícola e agropecuária, principalmente pela produção expressiva de feijão. Por causa de grandes safras de colheita entre os anos de 1980 e 1990, chegou a receber o título de "Cidade do Feijão". Além da alta produção de feijão e mamona, a economia do município e região baseia-se também na produção de cebola, tomate, beterraba, cenoura, pinha, na pecuária e no comércio local.

Irecê configura-se como polo dessa região, por ser bastante próspera no comércio e serviços. No que se refere ao setor industrial, o município possui indústrias de móveis, confecções, gráficas, abate de frangos e atua ainda no ramo de laticínios e doces.

Em relação às cidades baianas, conforme o Wikipédia, Irecê se situa na 17ª posição do IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, o que tem motivado a abertura de muitos projetos educacionais. Possui *campi* da Universidade Federal do Vale São Francisco (UNIVASF-SEAD), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e do Instituto Federal da Bahia (IFBA), além de instituições privadas do ensino superior.

#### 4.2.5 Vale São Franciscano da Bahia - Barra

A mesorregião do Vale Franciscano da Bahia possui estrutura espacial bastante distinta: a forma de um arco. Faz divisa com os estados de Pernambuco e Alagoas. Nessa mesorregião, estão situados o centro regional de Juazeiro e Bom Jesus da Lapa, cidade bastante conhecida como a Capital Baiana da Fé.

Conforme dados do IBGE, na região do Vale, ocupava uma população oriunda do Recôncavo, que chegava a essa região com suas boiadas, e, com essas idas e vindas, a região tornou-se centro de expansão dos currais. Nessa região, predominava a pecuária extensiva de gado; e a atividade agrícola, com baixa expressividade, resumia-se à lavoura de alimentos e de algodão.

De acordo com Wanderley *et al.* (2014), a mesorregião possui área geográfica de 115,850,25 km<sup>2</sup> e uma população, em 2011, de 964 000 habitantes, aproximadamente, que participa com 6,87% da população da Bahia, bem como uma densidade demográfica de 8,2 hab./km<sup>2</sup>. A taxa de crescimento do emprego, no intervalo de 2006 e 2012, foi de 16%. O Vale São-franciscano é uma das mesorregiões que possui os maiores produtores de cana-de-açúcar no estado da Bahia.

Foi habitado, inicialmente, por diversos povos indígenas às margens do Rio São Francisco. O povoamento da região surgiu com o comércio de gado. A atividade econômica da população consistia em pecuária e agricultura, com o cultivo da cana-de-açúcar. Nesse período, ainda era capitania de Pernambuco. Em 1752, foi elevada a Vila de São Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande. Já em 1873, a vila transformou-se em cidade, sendo denominada a Barra do Rio Grande, e, posteriormente, passou a ser chamada de Barra.

Devido à localização geográfica, Barra configurou-se como local de passagem obrigatória aos desatinados ao sertão do São Francisco e das boiadas do Piauí, Maranhão e Goiás. Consequentemente, nesse período - entre 1891 e 1912, o comércio era bastante agitado. vivendo grande efervescência comercial e social entre 1891 e 1912. Outro fator que incentivou o crescimento do comércio foi o regular tráfego do vapor Saldanha Marinho, além da exploração de borracha e de maniçoba.

Localizada no Oeste da Bahia, na confluência do Rio Grande (Serra de Goiás) com o Rio São Francisco (Minas Gerais), Barra possui uma localização distinta. Na figura 7, verifica-se a localização da cidade Barra.

**Figura 7:** Localização da cidade de Barra



Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

De acordo com o IBGE cidades, Barra possui uma grande área territorial de 11.428,112 km<sup>2</sup> e tem uma população, conforme dados de 2019, de 53 578 habitantes. Atualmente, destaca-se por possuir grandes belezas e encantos naturais, como o encontro do Rio Grande e Rio São Francisco, fato que atrai muitos visitantes. A cidade mantém casarões com estruturas ainda do século XVIII, bem conservados, que deixam ainda a cidade mais bonita e conserva também a produção de cachaça artesanal. Possui um *campus* da Universidade Federal do Oeste da Bahia com os cursos de graduação em agronomia e medicina veterinária.

#### **4.2.6 Centro Sul Baiano - Vitória da Conquista**

O Centro Sul Baiano é a mesorregião, segundo o IBGE, que se configura pela produção tradicional da agropecuária, uma vez que se apresenta em diferentes estágios quanto aos sistemas de criação, como também na produção agrícola, que não está restrita, apenas, ao cultivo de alimentos.

É a mesorregião que abarca a parte meridional do planalto baiano que se estende do litoral até a depressão sanfranciscana e suas encostas que convergem com os vales e rios que desembocam no Rio São Francisco. Sua ocupação originou-se dos moradores do litoral do Recôncavo Baiano e Porto Seguro, do interior do Morro do Chapéu, como também alguns paulistas que vieram interessados pela mineração.

A pecuária é uma atividade praticada no Centro Sul Baiano. Já no setor agrícola, destacam-se o cultivo de o algodão, o café e o cacau. Entretanto, há vários produtos cultivados

nessa mesorregião: mandioca, feijão, cana-de-açúcar e frutas que se desenvolvem em solos úmidos.

Entre as cidades que fazem parte da mesorregião Centro Sul baiano, Vitória da Conquista ganha destaque entre as cidades do centro Sul Baiano, pois é considerada a 3ª maior cidade do Estado da Bahia. Com população estimada em 2020, conforme o IBGE, de 341.128 habitantes, é a capital do Sudoeste Baiano que possui uma localização geográfica favorável ao comércio. Sua localização pode ser observada na figura 8.

**Figura 8:** Localização da cidade de Vitória da Conquista.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

De acordo com o IBGE, a cidade de Vitória Conquista possui uma densidade demográfica de 91,41 hab/km<sup>2</sup> e possui extensão territorial de 3.356,886 km<sup>2</sup>. No ano de 1840, era considerada Vila Imperial da Vitória, ampliando o acesso a cidades vizinhas ao longo dos anos, conquistando título de cidade grande em 1920. Nessa época, o comércio foi ganhando destaque com a venda de produtos agrícolas e pecuários produzidos pela população local e de cidades vizinhas.

É um município que possui importância economicamente pois funciona como centro de comércio de serviço da Mesorregião, sendo este setor responsável por mais de 70% do PIB – Produto Interno Bruto do município, segundo informações dá pagina da prefeitura. Os serviços educacionais e os de saúde, bem como o forte comércio, colaboram significamente para o desenvolvimento da cidade. A construção civil é outro tipo de atividade que impulsiona o

crescimento do município, contribuindo para consolidação do mercado local e também para criação de empregos.

#### **4.2.7 Metropolitana de Salvador - Salvador**

De acordo com o IBGE, a Mesorregião Metropolitana de Salvador compreende a cidade de Salvador e os municípios que estão situados em seus arredores e que são diretamente influenciados por ela. Conforme Wanderley *et al.* (2014), essa mesorregião abrange uma área geográfica de 11.241,06 km<sup>2</sup>, sendo constituída com 38 municípios. Entre os anos de 2006 a 2012, documentou uma taxa de crescimento do emprego de 36%.

Segundo o IBGE, a partir da década de 40 o sistema econômico agrário exportador, que tinha como foco a produção de cana-de-açúcar, fumo e cacau, entra em crise. Já no Sul/sudoeste do Recôncavo, era desenvolvida a cultura da mandioca, fonte de base da produção de farinha que abastecia os mercados de Salvador bem como de outras cidades, como por exemplo Nazaré, que era conhecida devido a esse cultivo como Nazaré das Farinhas.

Já na década de 50, a economia dessa mesorregião começa a se expandir no mercado industrial, acarretando modificações no espaço mesorregional com a construção da BR- 116 (ligação Norte Nordeste), o funcionamento da Usina de Paulo Afonso (que passou a fornecer energia para região), a criação do Banco do Nordeste do Brasil (que contribuiu para o fornecimento do financiamento industrial) e a implantação da Refinaria da Petrobrás em Camaçari. Esse crescimento do setor secundário deu espaço à criação do Polo Petroquímico de Camaçari.

A inserção do espaço mesorregional ganhou força por causa da relevância da atividade industrial que tem ocorrido nessa região nas últimas décadas. Como consequência dessas transformações, ocorrem os grandes fluxos migratórios, decorrentes também de todo processo de ocupação do território, associado à exploração agrícola. Outro fator importante que favorece a integração das áreas periféricas de Salvador está associado à ampliação da rede viária, o grande número de rodovias federais e estaduais, a ferrovia e o serviço do *ferry-boat*, tendo maior concentração de rodovias na direção norte.

A cidade de Salvador é uma das cidades mais antigas do país e o espaço que contribuiu para o povoamento do interior baiano. De acordo com o IBGE, retém, em sua história, autênticos monumentos de arte colonial, as igrejas e diversos casarões, que são testemunhas que toda a riqueza que já passou pela cidade. Vale ressaltar que é uma das primeiras cidades planejadas no mundo.

A história de Salvador está diretamente associada a história do Brasil, já que essa cidade foi a primeira capital até 1763. Foi descoberta em 1510 quando um navio de franceses naufragou na Bahia. Durante o período de divisão do Brasil em Capitânicas Hereditárias e no governo de Tomé de Souza, Salvador era o centro de desembarque dos navios que vinham para o Brasil explorar as riquezas dessa terra. Nesse período, a Bahia era grande produtora e exportadora de açúcar, por esse motivo despertava interesse de outros. Dessa forma, devido às desavenças dos acordos políticos, em 1624, os Holandeses invadem a Bahia com cerca de 26 navios. Embora, tenha deixado de ser sede da coroa, a cidade se destacava no período de colonização do país.

O título de capital do Estado da Bahia já mostra a importância dessa cidade. Possui um turismo expressivo, uma vez que recebe visitantes de todos os cantos do país e do exterior pela beleza de suas praias, arquitetura, patrimônios históricos, festas populares como Carnaval, Lavagem do Bonfim, Festival de Verão, como também por ser grande centro de comércio e indústria do Estado. Além disso, compreende grandes centros de referência para tratamento de saúde com clínicas e hospitais e especializados, atendendo a toda população das cidades circunvizinhas, da região Metropolitana como também do Recôncavo baiano.

Salvador possui uma densidade demográfica de 3.859,44 hab/km<sup>2</sup> e localiza-se no litoral da Bahia, em uma pequena península que separa a Baía de Todos os Santos do Oceano Atlântico, como se pode ver na figura 9.

**Figura 9:** Localização da cidade de Salvador



Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

### 4.3 Variáveis

Toda pesquisa Sociolinguística se inicia com a identificação de um fenômeno variável na língua e a listagem de formas diferentes das quais o falante faz a sua escolha ao falar. Em seguida, o sociolinguista cria hipóteses para explicar a escolha do falante para planejar a sua pesquisa, pois ele sabe que os usos variáveis não são aleatórios. Nesta seção, detalhamos informações sobre a variável dependente e as variáveis independentes ou grupos de fatores controlados na pesquisa realizada nesta dissertação.

#### 4.3.1 Variável dependente

Nesta pesquisa, tomamos como variável dependente o fenômeno variável da expressão do sujeito de primeira pessoa do plural do português. São consideradas as variantes: *nós* e *a gente* como formas diferentes de preenchimento do sujeito com o mesmo valor, deixando de fora as outras possíveis ocorrências em funções sintáticas diferentes. Assim, na posição de sujeito, serão consideradas a forma explícita com *a gente* (7) ou *nós* (8) e a forma *nós* apenas implicitamente marcada com a desinência de número *-mos* (9),

(7) **A gente explícito:** [...] ele é muito cestroso, cheio de coisa, mas **A GENTE** usa um cavalo manso, né? (ALiB 087/03 – Homem, Faixa 2, Barreiras)

(8) **Nós explícito:** Aqui **NÓS** já tamos sabendo aqui é a frente... aqui é a costa. (ALiB 087/03 – Homem, Faixa 2, Barreiras)

(9) **Nós implícito:** [...] depois DEMOS uma limpadinha, botamos (init) alguma arrumação também... (ALiB 088/03 – Homem, Faixa 2, Alagoinhas)

### 4.3.2 Variáveis independentes

Nesta subseção, apresentamos informações sobre as variáveis linguísticas controladas neste estudo. As variáveis independentes refletem o pressuposto de toda pesquisa sociolinguística de que a variação não ocorre por acaso, sendo sempre condicionada por questões linguísticas estruturais e/ou sociais ou contextuais. Essas variáveis, também referidas como grupos de fatores, são controladas a partir de hipóteses do pesquisador, aliado a conhecimento de pesquisas anteriores já realizadas sobre o tema. Nas subseções 4.3.2.1 e 4.3.2.2 mostramos as variáveis controladas, a importância do controle dessa variável, os fatores de cada uma delas, com exemplos, e as hipóteses iniciais.

#### 4.3.2.1 Variáveis independentes linguísticas

As variáveis linguísticas controladas nesta dissertação foram: o Paralelismo formal; o Paralelismo documentador/entrevistado; a Saliência fônica; o Tempo verbal.

##### a) Paralelismo formal

O controle da variável Paralelismo formal tem como objetivo observar a escolha da variante pelo falante, quanto a uma prática já testada em outras pesquisas sociolinguísticas de o falante usar formas variantes repetindo-as em uma sequência discursiva. Para Scherre (1998)

A própria repetição das variantes de uma mesma variável dependente no discurso tem se evidenciado como uma restrição importante na análise de fenômenos variáveis de todos os subsistemas linguísticos em diversas línguas. Esta restrição ou variável independente ocorre entre as cláusulas (plano discursivo), no interior da oração (plano oracional), no interior do sintagma (plano sintagmático), e entre palavras e no interior da palavra (plano da palavra). (p. 30)

Considerada como variável estatisticamente significativa nos estudos de Omena (1996a, 1996b) e Lopes (1993), o paralelismo formal consiste na repetição de um mesmo referente que já foi mencionado anteriormente; normalmente quando se muda o referente também se muda a

forma, isto é, “[...] no nível do discurso [...] é como o falante ‘optasse’, num processo cognitivo, por repetir a mesma forma enquanto mantem o mesmo referente, ao passo que mudará a forma quando o referente for outro” (LOPES, 1993, p. 42).

Nesse sentido, a predileção por uma forma inicial exerce influência na escolha das demais formas na sequência discursiva. Dessa forma, considerar essa variável nesta pesquisa deve-se ao fato de, além de já ser alvo de observação em várias pesquisas sobre muitos fenômenos, como OMENA (1996a, 2003), LOPES (1993, 2003), MENON (1996), MENDONÇA (2010), VIANNA E LOPES (2012), FOEGER (2013), MATTOS (2014), entre outros, tem evidenciado ser um importante elemento fornecedor de condicionamentos nos estudos da variação linguística.

Nessa perspectiva, partindo dos fatores também analisados por Lopes (1993) e Omena (1996a, 1996b, 2003), considerou-se:

-1ª referência

(10) É muitas coisas que **A GENTE** fala assim...no comum... mas... **a gente** entende um bando de coisa do comum...agora hoje assim tá especial... (ALiB087/03 - Homem, faixa 2, Barreiras)

-Forma Isolada com sujeito explícito

(11) **A GENTE** fala que o tempo fechou. (ALiB 088/01 Homem, faixa 1, Alagoinhas.)

-Forma Isolada com sujeito implícito

(12) oi... **VAMOS** chegar.... Cadê o menino pra trazer um cafezinho... um café... **nós** tamo todo mundo tomando um cafezinho... (ALiB 087/03- Homem, faixa 2, Barreiras)

-Forma precedente *a gente*

(13) que **a gente** conhece aqui, toda vida que subiu e desceu de quando **A GENTE** é menino é tipo balinha. Primeiramente é o caramelo chamado.... Desde quando **a gente** entendeu assim... (ALiB087/03 - Homem, faixa 2, Barreiras)

-Forma precedente *nós*

(14) **nós** chamamos ... como **CHAMAMOS**... caiu um cisco no meu olho. (ALiB088/02. Mulher, faixa 1, Alagoinhas.)

-Forma precedida por *-mos*

(15) e **mudamo** pra vê...se **NÓS** não podemos fazer, né? Se não pode fazer **nós** tamo mudano, né? (ALiB 087/03 Homem, faixa 2, Barreiras)

Não foi considerado verbo na 3ª pessoa do singular sem sujeito explícito precedente, uma vez que alguns falantes nem sempre fizeram a concordância, impossibilitando, por isso, o entendimento se o falante se refere a *nós* ou *a gente*.

De acordo com Omena (2003), “uma vez escolhida a forma, o falante tende a repeti-la, principalmente se não muda o referente (p.72).” Em outras palavras, se o falante opta pela forma *a gente* inicialmente em sua fala, é provável que utilize a mesma forma relacionada ao mesmo referente (fato que acontece tanto com a forma *nós* quanto com a forma *a gente*)

Em relação a essa variável, partimos da hipótese de que, em uma sequência discursiva, a primeira forma mencionada condiciona as ocorrências seguintes, ou seja, as repetições. Dessa forma, quando o falante faz uso da forma pronominal *a gente* (16), provavelmente continuará usando essa forma no discurso seguinte. Comportamento semelhante acontecerá se o falante optar pela forma *nós* (17), a tendência é utilizá-la sequencialmente.

(16) Não. As vezes **A GENTE** andando, no caso, encontra a pessoa que já vem procurando **pela gente** e aí dá certo.. encaixa.. aí **a gente** já diz ... ohh rapaz.. aí **a gente** já pegou o serviço né... **a gente** anda, eles também vêm... procura ... (ALiB 087/03 - Homem, faixa 2, Barreiras)

(17) Ah! Na minha rua, **NÓS** temos lá, *nós* temos, **nós** temos dois... que é eu e mais dois, que aí é... é... feriado, isso aí é indiscutível (ALiB 085/03 - Homem, faixa 2, Irecê)

Observamos também raras situações em que os falantes iniciam a sequência discursiva com uma forma pronominal e ao retomar o referente muda a forma, ou seja, ocorrências que o paralelismo não acontece.

(18) é...algumas indústria que hoje *nós* num temos. Né. Hoje **A GENTE**... fica muito a mercê...o desenvolvimento da sua própria família viver na cidade, né..... *nós* temos aqui o petrolar que é hoje o maior de que inhambupe que, alagoinhas foi município de inhambupe. então, *nós* temos hoje um bairro maior de que a cidade de inhambupe, né. sem desmerecer, tá compreendendo?. agora em termo, vamos dizer, assim, político, *nós* tamos muito... (ALiB 088/03 - Homem, faixa 2, Alagoinhas)

(19) Todos... Todos os dias eu levanto seis horas da manhã, [...] tem um amigo meu que senta lá na pista, **NÓS vamos** ouvi o jornal da manhã, aí **a gente** volta, aí agora, é os trabalhos que eu tenho pra fazer, é vacinar cachorro. (ALiB 085/03 - Homem, faixa 2, Irecê)

Em (18), o informante usa a forma *a gente*, aqui empregada no sentido amplo, para dizer que as pessoas de forma geral ficam vulneráveis ao crescimento da cidade, e em seguida usa a forma *nós*, indicando os moradores de Alagoinhas no sentido de eu (falante)+os outros moradores da cidade e a presença da indústria na cidade. Percebemos, então, nesse exemplo (18), mudança de referente. Em (19), no início da fala, o informante utiliza a forma *nós* para se referir a ele e o amigo que escutam o jornal da manhã e, em seguida, utiliza a forma *a gente*

para se referir ao mesmo referente, ele e o amigo. Nesta dissertação, não controlamos se houve ou não manutenção de referente, planejamos fazer isso na continuidade da pesquisa.

b) Paralelismo documentador/entrevistado

A variável Paralelismo documentador/entrevistado busca entender se há, na realização dos dados dos entrevistados do ALiB, condicionamento para a escolha da variante pelo falante a partir da fala do documentador. O acervo observado nesta pesquisa, do entrevistas do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), já discutido em 4.1 é composto de entrevistas realizadas a partir de um conjunto de questionários que tem o objetivo de conseguir respostas acerca do que a pergunta se propõe.

Segundo Oliveira (2006)

A ocorrência de formas em cadeia pode acontecer no discurso do próprio locutor ou pode ocorrer que uma forma apareça depois de outra emitida pelo interlocutor, fenômeno também conhecido como “efeito gatilho”. Neste último caso, a forma presente na fala do interlocutor “engatilha” um uso que pode ou não ser repetido pelo informante. (p. 119)

Nessa perspectiva, a partir da característica de pergunta, fizemos o controle se há o *nós* (explícito ou implícito) ou *a gente* na fala do documentador e, na análise, buscamos observar se houve o condicionamento dessa variante na fala do entrevistado. De acordo com Freitag (2011), no par pergunta-resposta, há contextos com ocorrências de repetição de uma mesma estrutura.

Então, o nosso objetivo é investigar se nesta pesquisa o efeito gatilho atua nas respostas dos informantes, conforme o dado (20):

(20) DOC.- O quê que acontece nessa hora? **A GENTE** olha assim e vê o quê?  
INF.- **A GENTE** vê boca de noite, né? (ALiB 098/03 – Homem, Faixa 2, Vitória da Conquista)

Percebemos que o documentador emprega a forma *a gente* e esta é por vezes preservada na fala do entrevistado. Assim, segundo Freitag (2011), esse comportamento linguístico é o que estabelece a continuidade do tópico discursivo. Para a autora, “o efeito gatilho é a estratégia que promove o encadeamento dos enunciados, servindo, portanto, como recurso de coesão.” (Freitag, 2011, p.248)

Na ocorrência (21), por sua vez, o falante não conserva a forma mencionada pelo documentador, como podemos observar.

(21) DOC: E assim de amanhã cedo **A GENTE** vai dirigindo quase não consegue enxergar?  
INF.- Aí é a névoa que **NÓS** dizemos, névoa, né? A cerração. **aí nós**. (ALiB 098/03 – Homem, Faixa 2, Vitória da Conquista)

Nesse sentido, buscamos compreender como o efeito gatilho, a variável Paralelismo documentador/entrevistado, atua nos dados em análise. Partimos da hipótese de que, quando o documentador emprega uma forma pronominal, esta será mantida pelo entrevistado.

Para isso, consideramos como fatores para esse grupo:

- *Nós* na fala do entrevistador

(22) DOC: **NÓS** estávamos comentando a história, né?

INF - Eh, tem pessoas que têm influência... num é, que *A GENTE* num...ignora, porque nunca passou, vê fala. Às vezes *A GENTE* num pode tá nem criticando, porque quanto mais critica, mais vai cair na mão daquele... (risos) (ALiB 088/03 – Homem, faixa 2, Alagoinhas)

- *A gente* na fala do entrevistador

(23) DOC: Às vezes *A GENTE* diz q outro jeito...

INF - Um desvio. É que *A GENTE* confunde, eu tô pelo nome de hoje, mas chamada a palavra grega antiga é desvio. (ALiB 087/03 – Homem, faixa 2, Barreiras)

- Apenas o *-mos* na fala do entrevistador

(24) DOC: Agora **VAMOS** dizer uma situação que aconteceu com quatro pessoas, a mesma situação e quem viu foi um jovem, certo? Então primeiro...um rapaz jovem deixou cair...um ...algum objeto dele e não viu, e como é que um jovem que tava lá vendo, chama a atenção desse outro jovem pra dizer que o objeto dele caiu?...Que a chave , por exemplo...

INF: É ...acho que ele deve dizer assim olha...**VAMOS** supor que caiu a carteira... a sua carteira caiu aqui óh ...essa carteira não é sua? (ALiB 084/03 – Homem, faixa 2, Barra)

- Ausência de gatilho

(25) DOC: Uma pessoa que deixa as contas penduradas sem pagar, é o que ?

INF- *A GENTE* chama de caloteiro ou .. lá mesmo *a gente* chama de quebrão. (ALiB 093/01 – Homem, faixa 1, Salvador)

A partir da análise desses fatores, é possível verificar se há interferência e/ou indução entre a fala do documentador e entrevistado,

### c) A variável Saliência Fônica

O princípio da saliência fônica tem como pesquisadores pioneiros Naro e Lemle. Entretanto, outros pesquisadores como Lopes (1993, 2003), Omena (1996, 2003), Scherre (1988) já investigaram sobre esse princípio.

Scherre (1988, p.64), por sua vez, afirma que a saliência fônica é um princípio que corresponde a “estabelecer que as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes ”, ou seja, é provável que as formas

mais salientes propiciem a realização da marcação de plural do que as formas menos salientes. Consoante com o que é estabelecido por Scherre (1988), Lopes (2003) considera que

Entre duas formas niveladas, que se opõem, é mais provável a manutenção dessa oposição quando existem entre elas uma diferenciação fônica acentuada. Caso contrário, ou seja, quando for menor essa distinção, há uma tendência de se neutralizar a oposição e prevalecer o uso de apenas uma das formas. (p.57)

Em outras palavras, no que se refere à ocorrência da variação entre *nós* e *a gente*, Omena (1996) afirma que, se a concordância está vulnerável ao maior ou menor grau de saliência fônica verbal, é mais provável que os falantes flexionem o *-mos* com o sujeito do que com formas que existam maiores diferenças.

Para Zilles *et al.* (2000), a saliência fônica consiste em uma hierarquia das formas verbais devido às diferenças (maior ou menor contraste) entre as formas *nós* e *a gente*. De acordo com Omena (2003), o grau de diferenças entre as formas da 1ª e 3ª pessoas verbais influencia a ocorrência ou não da forma *a gente*. Ao comparar o emprego das formas, verifica-se que, quando há uma maior diferença, é favorável o condicionamento da forma *nós*, e a menor, para forma *a gente*.

Dessa forma, seguimos o que propõe o estudo de Lopes (1993), utilizando os mesmos fatores para esta variável, a saber:

- 1) Diferença com o acréscimo da desinência –mos - falava/falávamos  
(26) Ah, sim. Pelo certo... palavrões, gírias de hoje em, de hoje em dia que tem aqui, eu acho que não, falava, assim, do mesmo jeito que **A GENTE** fala hoje mais sofisticado, não com... certos palavrões, e muita gíria que até a gente assim, bem mais velha que eu já adotou assim. As gírias de o dia-a-dia. (ALiB 099/01 - Homem, faixa 1, Ilhéus)
- 2) Não Coincidência entre a sílaba tônica – fala/falamos  
(27) **NÓS** aqui falamos flor, né? Pra não falar pedra, pra não falar pedra, granizo, tá vendo? Aí nós falamos que choveu flor. (ALiB 098/01 - Homem, faixa 1, Vitória da Conquista)
- 3) Monossílabos tônicos ou oxítonos no singular passam para paroxítonos com o acréscimo de –mos - está/estamos  
(28) quando quer saber uma coisa então **A GENTE** tem de procurar saber... se informar (ALiB 088/04 - Mulher, faixa 2, Alagoinhas)
- 4) Acréscimo de –mos e perda da semivogal no plural – vai/vamos  
(29) É... porque... assim... pelo menos **A GENTE** chama aqui, quando a gente vai na padaria que pede... é... de sal, eles dão esse aqui pequeno... ou quando é francês é do grande... (ALiB 099/01 - Mulher, faixa 1, Ilhéus)
- 5) Diferencias fonológicas entre o singular e plural acentuadas – teve/tivemos

(30) Não, veja bem, aí o que que quero falar pra senhora: eu li uma reportagem quando os astronautas foram na lua, tá vendo [...] Inclusive, **NÓS** tivemos uma grande escritora que eu fui admirador dela... de Raquel de Queiroz , tá vendo? (ALiB 098/03 - Homem, faixa 2, Vitória da Conquista)

6) Formas do infinitivo (acréscimo de *-mos*) – cantar/cantarmos

(31) O motorista que às vezes... eu mesmo pongo direto, mas têm muitos que não gosta e outros já deixa **A GENTE** pongar. (ALiB 098/01 - Homem, faixa 1, Vitória da Conquista)

7) Gerúndio – cantando

(32) liquidação...**A GENTE** conversando vai assim lembrando... risos (ALiB 087/03 - Homem, faixa 2, Barreiras)

Nessa perspectiva, a partir da observância das investigações de Omena (1996a, 2003) e Lopes (1993), partimos das hipóteses de que a forma *a gente* é favorecida pelos níveis que apresentam menor saliência fônica (1, 2 e 3), quando há contextos de maior saliência fônica a forma *nós* é preferida pelos falantes, ou seja, nos níveis mais altos (4, 5, 6 e 7).

#### d) Variável Tempo Verbal

A variável do tempo verbal já foi investigada em diversos estudos linguísticos. Pesquisas como as de Omena (1996a, 2003), Lopes (1993), Mendonça (2010), Foeger (2014), avaliaram a influência dessa variável para a compreensão do encaixamento linguístico das formas *nós* e *a gente*. Scherre, Foeger e Yacovenco (2017), consideram a importância de se analisar o tempo verbal, e evidenciam que relacioná-lo a saliência fônica é bastante significativo para se observar escolha verbal do falante mediante às variantes *nós* e *a gente*.

Omena (1996a) verificou em sua investigação que apesar de haver uma interferência do grupo de fatores da saliência fônica juntamente com o tempo verbal, este último mostrou-se significativo e foi selecionado pelo programa. Os dados analisados pela autora mostram que

A tendência que tem o falante, sujeito do seu discurso, de centralizá-lo na primeira pessoa, aliada a referência indeterminadora e mais ou menos geral do substantivo *gente* a um agrupamento de seres humanos, acabou por expandir o significado do substantivo para incluir a pessoa do falante. Na ocorrência das duas formas, porém, *a gente* continua ser preferida para a referência mais geral, indeterminadora. (p.202)

Nessa perspectiva, Omena (2003) considera que, mesmo com traços de primeira, segunda e terceira pessoas gramaticais, a forma *a gente* só se relaciona como *nós* no seu significado. Dessa forma, avaliar a variável do tempo verbal possibilita verificar a relação do pronome sujeito com as formas verbais, uma vez que a substituição de uma forma por outra afeta a

relação com o verbo, possibilitando contextos que favorecem ou não o encaixamento da forma inovadora.

Lopes (1993), por sua vez, a partir dos estudos de Fernandes e Gorski (1986) e Omena (1996a), verifica que as formas mais marcadas impulsionam o uso de *nós*, ao passo que as menos marcadas favorecem o uso do *a gente*. A autora considera que isso ocorre porque português as formas mais marcadas são constituídas por desinência, modo-temporal e desinência número pessoal específicas. Além disso, a autora chama atenção para as formas nominais, gerúndio e infinitivo, que se apresentam com uso categórico.,

Nossa hipótese é que as formas verbais menos marcadas, pretérito imperfeito e o presente, favorecem mais o uso do *a gente*; e as formas verbais mais marcadas, o futuro e o pretérito perfeito impulsionam o uso do pronome *nós*, conforme verificaram Omena (1996a, 2003) e Lopes (1993), Mendonça (2010), Foeger (2013), Mattos (2014). Assim controlamos os seguintes fatores:

Presente do indicativo

(33) É o bicho... bicho de goiaba... **A GENTE** chama assim (ALiB 087/02 – Mulher, faixa 1, Barreiras)

Pretérito perfeito do indicativo

(34) Ah, eu num gostei disso, minha filha **A GENTE** ficou aquele susto, aquela paixão, né? [...] Porque tem vestido que a gente se sente bem, né? (ALiB 088/04 – Mulher, faixa 2, Alagoinhas)

Pretérito imperfeito do indicativo

(35) [...] aí a gente tem que misturar um pouco do teatro, mas não do teatro falado, entendeu? só representado com a dança pra passar a mensagem pra quem está assistindo... é assim que funciona o nosso grupo... e assim... é um pouco puxado e... **A GENTE** ficava muito cansada sentindo dor essas coisas, mais... (ALiB 099/02 – Mulher, faixa 1, Ilhéus)

Futuro do presente indicativo

Não houve dados

Presente do subjuntivo

(36) Eu acho que o prefeito precisa trabalhar muito, agora, eu ainda acho que nossa cidade precisa que nós que moramos aqui, **VENHAMOS** a ter um costume mais adequado... (ALiB 085/03 – Homem, faixa 2, Irecê)

Pretérito imperfeito do subjuntivo

(37) O povo mais antigo. Eu era menina, eu me lembro que eu morava no bairro Brasil na avenida Ilhéus, eu dei uma volta quase no outro bairro por causa de uma poça de água que eles dizia que se **A GENTE** pisasse naquela poça de água com o arco-íris ali que a velha pegava a gente, aí eu e minha colega, eu tinha que levar ela em casa que ela era medrosa também, né? [...] (ALiB 098/02 – Mulher, faixa 1, Vitória da Conquista)

Futuro do subjuntivo

(38) É, se **NÓS** jogar lá pro extremo sul do país, nós aqui moramos, realmente, numa cidade baixa. estamos no planalto (risos). (ALiB 098/03 – Homem, faixa 2, Vitória da Conquista)

#### 4.3.2.2 Variáveis independentes sociais

Esta dissertação busca condicionamentos sociais, além de linguísticos, para a variação na expressão do sujeito de 1ª pessoa do plural no português nas mesorregiões baianas observadas. Na análise, foram controladas as variáveis extralinguísticas Idade, Sexo e mesorregião/cidade. Em 4.5.1, 4.5.2 e 4.5.3, discutimos a importância de cada variável, os fatores e informamos nossas hipóteses. Por fim, sintetizamos, no Quadro 03, a distribuição dos informantes nas células.

##### a) Variável Faixa Etária

O grupo de fatores idade, observados através de 2 faixas etárias diferentes, é de grande importância para se depreender a movimentação da língua no tempo, pois através dessa variável é possível verificar se os fenômenos em estudo estão apenas em processo de variação ou já apresenta uma tendência de mudança em progresso.

As análises de Omena (1996a, 1996b), no Rio de Janeiro, apontam que a alternância entre *nós* e *a gente* acontece em todas as faixas etárias, entretanto ocorre de forma mais acelerada entre os jovens e de maneira mais lenta entre os idosos. Lopes (1993) afirma, a partir de suas investigações, que os falantes mais jovens tendem a empregar com maior frequência a forma *a gente* ao passo que os mais velhos usam a forma *nós*. Nesse sentido, corroborando as investigações de Lopes (1993, 2003) e Omena (1996a, 1996b), partimos da hipótese de que os falantes mais jovens das cidades/mesorregiões baianas preferem a forma mais inovadora, ou seja, *a gente*.

Nesta dissertação, a análise da variação entre as faixas etárias, considerou os fatores:

Faixa etária 1 – 18 a 30 anos

Faixa etária 2 – 50 a 65 anos

##### b) Variável Sexo

O controle da variável Sexo é de muito valor em análises sociolinguísticas. De acordo com Labov ([1972] 2008, p.281), as mulheres tendem a utilizar formas que estão mais próximas do padrão, uma vez que “as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio”. Além disso, o autor pressupõe

que não se trata apenas de ser mais sensível à forma padrão, mais do que isso, esse comportamento das mulheres indica um importante papel no mecanismo da mudança.

Em relação a essa variável, Lopes (1993), em sua investigação verificou que as mulheres tendem a empregar mais a forma *a gente* do que os homens. Em nossa investigação, partimos da hipótese de que as mulheres em todas as cidades/mesorregiões, utilizam mais a forma inovadora *a gente*.

### c) Cidade/Mesorregião

A localidade geográfica não é muito considerada em análises variacionistas, já que muitos deles centram as análises em uma determinada comunidade de fala ou grupo de falantes. Normalmente, isso ocorre em estudos geolinguísticos. Lopes (1993) salienta que esse fato se deve “a dialectalização brasileira não se caracterizar por uma variedade intensa” (p.122). A autora salienta ainda que, embora, nos centros urbanos, haja uma grande influência da televisão, existem regiões brasileiras que ainda são linguisticamente conservadoras e outras apresentam comportamento linguístico mais conservador.

Para esta pesquisa, consideramos a divisão mesorregional da Bahia, que distingue 07 mesorregiões. Corroborando a hipótese de Lopes (1993), consideramos que algumas localidades da Bahia apresentam comportamento linguístico mais conservador, ao passo que outras possuem um comportamento linguístico mais inovador. Isso ocorre porque, conforme evidencia Lopes (1993), as diferentes regiões do Brasil não apresentam diferenças no português falado no Brasil apenas no que diz respeito à pronúncia ou ao vocabulário.

O Quadro 03 apresenta as células em que se distribuem os informantes pesquisados.

**QUADRO 03 - CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA DAS VARIÁVEIS SOCIAIS**

Faixa Etária	Sexo		Cidades/ Mesorregião
	Homem	Mulher	
F1 15 a 25 anos	087/01	087/02	Barreiras/ Extremo Oeste Baiano
	088/01	088/02	Alagoinhas/ Nordeste Baiano
	084/01	084/02	Barra/Vale São-Franciscano da Bahia
	099/01	099/02	Ilhéus/Sul Baiano
	085/01	085/02	Irecê/ Centro Norte Baiano
	098/01	098/02	Vitória da Conquista/Centro-Sul Baiano
	093/01	093/02	Salvador/Metropolitana de Salvador
F2 26 a 49 anos	087/03	087/04	Barreiras/ Extremo Oeste Baiano
	088/03	088/04	Alagoinhas/ Nordeste Baiano
	084/03	084/04	Barra/Vale São-Franciscano da Bahia
	099/03	099/04	Ilhéus/Sul Baiano
	085/03	085/04	Irecê/ Centro Norte Baiano
	098/03	098/04	Vitória da Conquista/Centro-Sul Baiano
	093/03	093/04	Salvador/Metropolitana de Salvador

Fonte: Elaboração própria.

Acreditamos que os falantes de Salvador e de Vitória da Conquista, pelo fato de serem mesorregiões mais desenvolvidas economicamente do Estado Bahia, com mais contato exterior com outros grandes centros, tendem a fazer uso da forma inovadora, *o a gente*, ao passo que as cidades de Barra, Barreiras, Irecê, Ilhéus e Alagoinhas fazem uso da forma conservadora, *o nós*.

#### **4.4 Programa de análise estatística utilizado: o GoldVarb X**

Seguindo os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista para análise linguística, deve-se fazer uso de metodologia qualitativa e quantitativa. Qualitativamente, precisa-se: identificar o fenômeno variável que se deseja estudar e definir o envelope da variação; estabelecer as hipóteses e os objetivos almejados; escolher o *corpus*. Quantitativamente, a partir da identificação das ocorrências no *corpus* em estudo, é necessário: codificar os dados identificando as variantes e as informações relativas aos fatores. Nesse

processo, os dados devem ser analisados estatisticamente na busca dos condicionantes para a escolha da variante, definida como valor de aplicação.

De acordo com Guy e Zilles (2007), ao estudar a variação linguística, através de investigações quantitativas, o pesquisador pode compreender a sistematicidade, o encaixamento linguístico e social e a sua relação com a mudança linguística.

Nesta pesquisa, utilizamos o Programa GoldVarbX para análise quantitativa dos dados (Guy e Zilles, 2007), que permite não só analisar percentagens de usos das variantes, mas também estabelecer os pesos relativos, dando oportunidade de avaliação das hipóteses e entendimento dos condicionamentos para as escolhas das variantes.

A utilização de procedimentos estatísticos, segundo Guy e Zilles (2007, p. 73), trouxe às análises sociolinguísticas a possibilidade de mostrar a relevância da variação para se compreender questões do tipo: “identidade, solidariedade do grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre outras.” Nesse sentido, após seguir todos os procedimentos metodológicos da sociolinguística quantitativa, para a análise do fenômeno aqui em estudo, alcançamos os resultados qualitativos acerca dos usos de *nós* e *a gente* na fala dos informantes das mesorregiões baianas, que serão apresentados na seção seguinte.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos da observância da variável *nós* e *a gente* nas mesorregiões da Bahia. Descrevemos o desempenho das formas *nós* e *a gente* como sujeito, objetivando traçar os condicionamentos para a escolha da variante. Dessa forma, mostramos os fatores considerados estatisticamente relevantes pelo programa Goldvarb X.

Na análise estatística geral dos dados, realizada através do GoldVarb X, chegamos inicialmente aos resultados que se seguem na Tabela 1a.

**TABELA 1a:** A realização do pronome sujeito de 1ª pessoa do plural nas mesorregiões baianas: frequência geral

VARIANTES	Nº/TOTAL	%
<b>A gente</b>	843/1175	<b>71,7%</b>
<b>Nós</b>	214/1175	18,3%
<b>Ø</b>	118/1175	10%
	1175/1175	100%

Fonte: Elaboração própria.

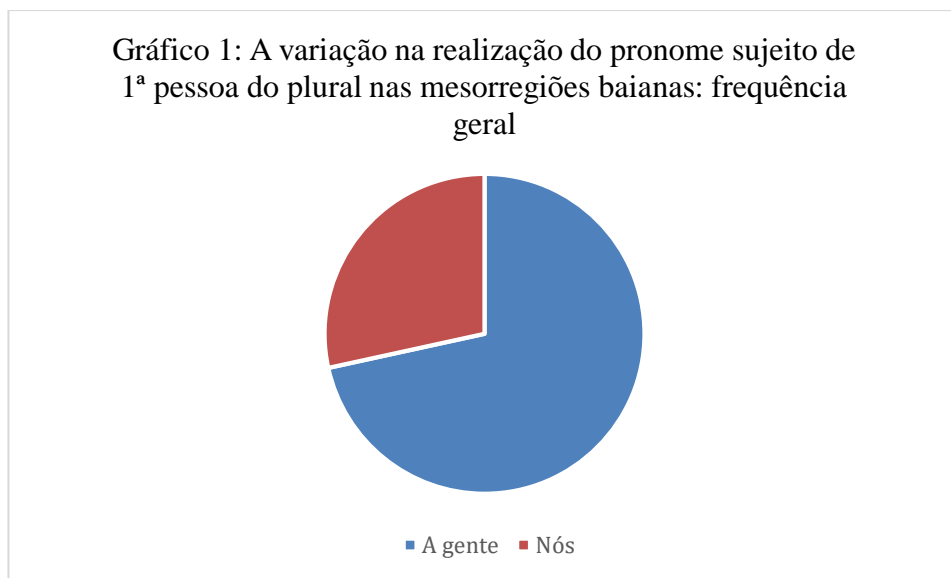
Os resultados apresentados na Tabela 1a evidenciam que a variante *A gente* é a variante mais utilizada na função de sujeito nas mesorregiões observadas. Os percentuais mostram que, enquanto o *Nós* é utilizado em 18,2% dos dados (214 das 1175 ocorrências), o *A gente* ocorre em 71,7% do total (843 das 1175 ocorrências). Além dessas variantes, foram identificados 118 dados sem o *A gente* nem o *Nós*, mas com o verbo na forma flexionada de 1ª pessoa de plural, com um percentual de 10%.

Em seguida, apresentamos uma outra análise realizada, amalgamando a variante *Nós*, que alcançou percentual de 18%, à variante expressa pelo sujeito elíptico e verbo na 1ª. pessoa do plural, que registrou 10% dos dados. A decisão por esse amálgama se deu por três motivos: (i) por considerar que as duas variantes são expressão da mesma variante; (ii) pela necessidade de análise com variantes binárias para análise de regras variáveis, a ser posteriormente realizada; (iii) para reduzir os 14 Knochouts de 100% ou 0% da 1ª análise. A tabela 1b refaz a Análise Geral, amalgamando as duas variantes de menor percentual (variantes Ø+Nós *versus* *A gente*).

**TABELA 1b:** A realização do pronome sujeito de 1ª pessoa do plural nas mesorregiões baianas: frequência geral (com Ø +*Nós* juntos)

VARIANTES	<u>Nº/TOTAL</u>	%
<i>A gente</i>	843/1175	<b>71,7%</b>
<i>Nós</i>	332/1175	28,3%
<b>Total</b>	1175/1175	100%

Fonte: Elaboração própria.



Fonte: Elaboração própria

Os resultados indicam que a forma *nós* mostrou-se em menor ocorrência e frequência no total de dados (28,3%); o pronome *a gente* na posição de sujeito apresenta um uso muito mais elevado em relação ao *nós* no português falado nas mesorregiões baianas (71,7%), conforme são apresentados na Tabela 1b. Dos 1175 dados de *nós* e *a gente*, 332 correspondem à escolha da variante *nós* e 843 da forma *a gente*. Observando a Tabela 1b, percebemos que os falantes preferem a forma *a gente* que, por um longo tempo, foi estigmatizada pelo ensino formal da língua portuguesa. O resultado obtido corrobora os de outras pesquisas: Mendonça (2010), com dados de Vitória chegou a *a gente*, com 70,8%, em detrimento do pronome *nós*, com 29,2%.

De acordo com Omena (1996a), na fala do Rio de Janeiro, a porcentagem geral para o uso de *nós* e de *a gente*, observando todas as funções sintáticas, é de 69% de frequência para *a gente*; na função de sujeito, a forma inovadora aparece em maior número. Ao realizar o estudo

tipo tendência, Omena (2003) verificou que a variante *a gente* continua predominante, com as respectivas frequências: 80 (C) 78% e 90 (C) 79%<sup>9</sup>.

### 5.1 Alternância entre *nós* e *a gente*: frequência das variantes entre as variáveis controladas

Nesta subseção, para iniciarmos a análise dos dados, apresentamos os percentuais das variantes, considerando cada fator de todas as variáveis linguísticas e sociais controladas. As frequências de cada variável podem ser visualizadas na Tabela 2. Esses dados serão importantes para o entendimento dos resultados da análise de regras variáveis. Os fatores com bem poucos dados têm o número correspondente de ocorrências apresentado entre parênteses; o mesmo é feito quando ocorre frequência de 100%.

Na observação da Tabela 2, já se pode identificar que há fatores em que não há variação entre o *nós* e o *a gente*. Esses fatores não poderão participar da análise de regras variáveis. Estão, nesse caso, os seguintes fatores:

- (i) na variável Paralelismo formal, o fator Forma isolada com sujeito implícito tem 79 dados de sujeito implícito, todos com o *nós*. Isso ocorreu pois, como houve casos de falta de concordância com o sujeito *nós*, não se considerou o contexto de sujeito implícito com verbo em 3ª pessoa como sendo caso de sujeito implícito *a gente*. Esse fator, dessa forma, deixou de se fazer parte da continuidade da análise.
- (ii) na variável Presença de gatilho, o fator *Nós* na fala do entrevistador, só há dois dados, todos são ocorrências de *a gente* e nenhum de *nós* na fala do informante. Também esse fator não continua na análise.
- (iii) na variável Tempo verbal, 4 fatores deixam de continuar da análise, 3 do modo subjuntivo: o presente, o pretérito imperfeito e o futuro do subjuntivo e 1 do modo indicativo, o fator relativo ao futuro de presente. Nos tempos presente e futuro do subjuntivo, não houve ocorrências de *a gente*, 3 dados de *nós* em cada um dos dois tempos. No imperfeito do subjuntivo, só houve uma ocorrência, a variante escolhida pelo falante foi o *a gente*. Os fatores relativos aos três tempos do subjuntivo também não fazem parte, por isso, não participam da continuidade dos dados. O fator relativo ao futuro de

---

<sup>9</sup> Conforme a nota (5, p. 47, da subseção 2.3), Omena (2003) desenvolveu sua investigação a partir do estudo do tipo tendência, com dados do projeto Censo 80 (C) e 00 (C); e do estudo tipo painel, observando o fenômeno na perspectiva do indivíduo 80 (I) e 00 (I). Por esse motivo, a autora fez uso das letras entre parênteses para identificar o tipo de estudo.

presente saiu da rodada por ausência de dados, motivada pelo tipo de questionamento que se fazia ao paciente (“Como vocês falam...”)

**TABELA 2:** Frequência das variantes em cada fator das variáveis controladas

<b>Variantes/ Fatores</b>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>
<b>Paralelismo formal</b>		
1ª referência	73,3%	26,7%
Forma Isolada com sujeito explícito	84,7%	15,3%
Forma isolada com sujeito implícito	0%	100% (79)
Forma precedente <i>nós</i>	26,1%	73,9%
Forma precedente <i>a gente</i>	85,1%	14,9%
Forma precedida por <i>-mos</i>	23,8% (5)	76,2% (16)
<b>Saliência fônica</b>		
1. Acréscimo da desinência <i>-mos</i>	85,9%	14,1%
2. <i>-mos</i> e não coincidência entre a sílaba tônica	80,8%	19,2%
3. <i>-mos</i> em monossílabos tônicos ou oxítonos no singular, que passam para paroxítonos	62,2%	37,8%
4. <i>-mos</i> e perda da semivogal no plural	42,6%	57,4%
5. <i>-mos</i> e diferenças fonológicas entre o singular e plural acentuadas	66,7%	33,3%
6. <i>-mos</i> em formas do infinitivo	82,4%	17,6%
7. Gerúndio	90%	10%
<b>Presença de gatilho</b>		
<i>Nós</i> na fala do entrevistador	100% (2)	0%
<i>A gente</i> na fala do entrevistador	70,1	29,9
Apenas o <i>-mos</i> na fala do entrevistador	40,9% (9)	59,1% (13)
Ausência de gatilho	72,4%	27,6%
<b>Tempo verbal</b>		
Presente do indicativo	72,2%	27,8%
Presente do subjuntivo	0%	100% (3)
Pretérito perfeito indicativo	54,4%	45,6%
Pretérito imperfeito indicativo	84,6%	15,4%
Imperfeito subjuntivo	100% (1)	0%
Futuro do presente indicativo	-	-

Futuro subjuntivo	0%	100% (3)
Infinitivo	88,9	11,1% (2)
Gerúndio	90% (9)	10% (1)
<b>Sexo</b>		
Homem	69,7%	30,3%
Mulher	77,4%	22,6%
<b>Faixa etária</b>		
FE1	80,9%	19,1%
FE2	68,7%	31,3%
<b>Mesorregiões</b>		
Salvador	93,3%	6,7%
Ilhéus	83,1%	16,9%
Irecê	85,2%	14,8%
Barreiras	65,8%	34,2%
Barra	76,4%	23,6%
Alagoinhas	69,5%	30,5%
Vitória da Conquista	29,3%	70,7%

Fonte: Elaboração própria

Na continuidade da análise, buscamos ir além da análise da frequência das variantes em cada fator de todas as variáveis, mas podemos perceber, pelas informações apresentadas, que há maior uso da variante *a gente*. A análise estatística de regras variáveis selecionou cinco variáveis, sendo duas linguísticas, Paralelismo formal e Saliência fônica; e três sociais, Sexo, Faixa etária e Mesorregião/cidade. As variáveis Paralelismo documentador/entrevistado e Tempo verbal não foram selecionadas.

Nas subseções de 5.2.1 a 5.2.5, apresentamos os resultados das variáveis selecionadas. Na análise estatística, a variante considerada como Valor de Aplicação foi a forma *a gente*. Dessa forma, os resultados obtidos expostos na tabela devem ser interpretados como fatores que favorecem ou não o emprego dessa variante na variação entre *a gente e nós*. Foram considerados como dados correspondentes a variante *nós*, o pronome *nós* e verbos flexionados em primeira pessoa marcados pela desinência *-mos*.

## 5.2 Variáveis selecionadas

Na análise realizada através do programa estatístico de regras variáveis, o GoldVarb, selecionou as seguintes variáveis: Paralelismo formal, Saliência fônica, Sexo, Idade e Mesorregião.

### 4.2.1 – Paralelismo formal

Os resultados da análise do Paralelismo formal (Tabela 3), nas mesorregiões baianas, reafirmam a importância de se analisar essa variável linguística nos estudos da variação entre *nós* e *a gente*. A tendência de o falante repetir a variante anteriormente utilizada se confirma na fala baiana, na observação da variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoa do plural. A Tabela 3 apresenta os resultados da análise dessa variável, com a frequência e pesos relativos de cada fator.

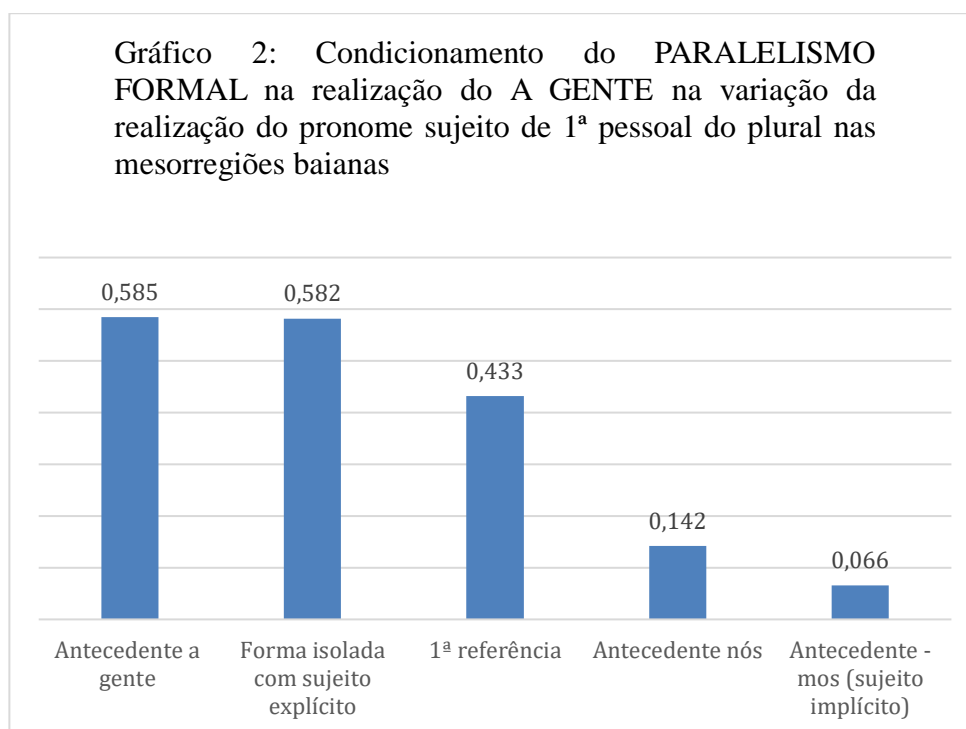
**TABELA 3:** Condicionamento do PARALELISMO FORMAL na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoa do plural nas mesorregiões baianas

Fatores	Dados/Total	Peso relativo
Antecedente <i>a gente</i>	189/222 85,1%	<b>0,585</b>
Forma isolada com sujeito explícito	486/574 84,7%	<b>0,582</b>
1ª referência	140/191 73,3%	0,432
Antecedente <i>nós</i>	23/88 26,1%	0,142
Antecedente <i>-mos</i> (sujeito implícito)	5/21 23,8%	0,066

Fonte: Elaboração própria.

Ao realizarmos a análise do condicionamento do **Paralelismo formal** no uso da forma *a gente* nas mesorregiões baianas, nos dados do ALiB, percebemos que a variante *a gente* é mais favorecida em contextos de antecedente *a gente* e em forma isolada, com frequência, respectivamente, de 85,1% e 84,7% e pesos relativos, respectivamente de 0,585 e 0,582. No contexto de 1ª referência, apesar de ter um percentual de 73,3%, apresenta um peso relativo que a desfavorece, 0,433. O desfavorecimento também ocorre em contexto de forma precedente *nós* (26,1%, peso relativo de 0,142). Foram considerados como forma precedente o *nós* explícito ou o *nós* implícito (com o verbo flexionado na 1ª pessoa do plural marcado pela desinência – *mos*). Em situações em que a forma precedente é *nós* implícito, verifica-se ainda mais o desfavorecimento do pronome inovador, uma vez que apresenta peso relativo de 0,066.

O Gráfico 2 permite melhor visualização dos nossos resultados.



Fonte: Elaboração própria.

Os nossos resultados do Paralelismo formal, nesta pesquisa, se aproximam dados encontrados por Omena (1996a) e Lopes (1993) mostram uma maior probabilidade de o falante usar *nós* ou *a gente* quando as formas pronominais já foram mencionadas em uma sequência anterior.

Os estudos de Omena (1996a) e Lopes (1993) mostram que, quando o antecedente é igual à forma anterior, essa probabilidade aumenta, ao passo que na mudança do referente essa probabilidade diminui. Para Omena (2003), quando o falante usa a forma *a gente* a tendência é que ele faça uso novamente do mesmo referente (0,69, na amostra de 80; e 0,64 na amostra de 90). Comportamento semelhante acontece nos estudos de Mendonça (2010) para esta variável. Os resultados apresentaram um favorecimento da forma *a gente* com mesmo precedente com pesos relativos 0,87 e 0,71, respectivamente.

Ao empregar as formas *nós* e *a gente* na posição de sujeito, o falante pode utilizá-la na primeira vez, isto é, primeira referência, conforme exemplos (39) e (40):

(39) Às 12 horas aqui é o seguinte.... Hoje em dia.... o pessoal novo da *gente* num quer... desconhece aquele feijão com osso...assim comum... chamado com a carne... [...] mas **NÓS**... no tempo da roça... como **nós** estamos lá ... é o feijão com osso... (ALiB 087/03 Homem, faixa 2, Barreiras)

(40) uma vizinha... Ela sempre dizia **A GENTE** q não era casada, que nunca teve filho,. E ontem **a gente** ficou sabendo que ela tem dois filhos... (ALiB 088/02 - Mulher, faixa 1, Alagoinhas)

Ou ainda, quando já houve uma referência anterior, pode ter sido realizada com uma das possibilidades de formas de primeira pessoa do plural: *nós* e *a gente*, podendo ser o mesmo referente ou referente diferente, como acontece em (40) e (41)

(41) eu só posso falar pela metade. **Nós** se reunimos, né? **NÓS** se reunimos lá na igreja, aí quer dizer... ela passa um trabalho pra gente, pra gente sair de duas em duas pra ir visitar as casa, né? ... **a gente** conversa, conforta aquela pessoa doente... (ALiB 088/04 - Mulher, faixa 2, Alagoinhas)

(42) Uma vizinha... Ela sempre dizia **a gente** q não era casada, que nunca teve filho,. E ontem **A GENTE** ficou sabendo que ela tem dois filhos (ALiB 088/02 - Mulher, faixa 1, Alagoinhas)

Há possibilidade de ocorrência de verbo na 1ª pessoa plural sem sujeito explícito (43), ou forma *nós* e *a gente* antecidos por *-mos*, como ocorre em (44) e (45).

(43) Ali é.. **VAMOS** dizer assim. não é uma estante. Mas faz o papel de uma estante né... (ALiB 088/01 -. Homem, faixa 2, Alagoinhas)

(44) Feijão...pode ser passado no tempero seco.... Ou então se for com caldo.... Ou então assim... Como **FALAMO**... a pouco instante... chegou o tempo de **NÓS** botar até o mocotó...tipo de uma feijoada... (ALiB 087/03 - Homem, faixa 2, Barreiras)

(45) E não **conseguimos**. [...] E aquilo sumiu que num ficou nem a cicatriz. Graças a Deus, nunca mais voltou. Então, coisa incrível, né. Que eu num sô de, de negócio de reza, eu sô meio... **A GENTE** sabe, né, queira ô num queira, tem pessoa que tem umas influências. ALiB 088/03 - Homem, faixa 2, Alagoinhas)

O verbo em 1ª pessoa do plural sem sujeito explícito também pode ser antecido por outro verbo sem sujeito explícito, como ocorre no exemplo (46).

(46) ...05 estante, 04 balcão... depois **demos** uma limpadinha, **BOTAMOS** (init) alguma arrumação também. (ALiB 088/01 -. Homem, faixa 1. Alagoinhas)

Além disso, *nós* e *a gente* podem ocorrer de forma isolada na sentença conforme o exemplo (47) e (48).

(47) Aqui **NÓS** já tamo sabendo aqui é a frente... aqui é a costa... (ALiB 087/03 - Homem, faixa 2, Barreiras)

(48) **A GENTE** fala que o tempo fechou (ALiB 087/03 -. Homem, faixa 2, Barreiras)

É importante salientar que ao realizarmos o levantamento da ocorrência da forma *nós*, incluímos os casos em que o falante utilizou apenas a desinência *-mos*, isto é, na ausência do sujeito não foram consideradas as ocorrências, a não ser em casos de desinência marcada com o *-mos*. Mas, os verbos flexionados na 3ª pessoa do singular sem o sujeito pronominal explícito,

a forma *a gente*, não foram considerados nessa análise, por terem sido observados casos de *nós* também com verbo na 3ª pessoa do singular (sem concordância verbal).

Dessa forma, constatamos que os falantes das mesorregiões baianas são impulsionados a empregar a forma *a gente* em contexto de forma isolada ou quando já houve um antecedente *a gente*. Assim, a forma *a gente*, uma vez empregada pelo falante, é atraída para ser utilizada novamente, o mesmo ocorre com o pronome *nós*, fato que comprova a ocorrência do paralelismo linguístico nas mesorregiões baianas, confirmando a nossa hipótese inicial.

### 5.2.2 Saliência Fônica

A saliência fônica foi a segunda variável selecionada pelo programa. Explorada em diversos estudos como os de Scherre (1988), estudando a concordância, além de Lopes (1993), Omena (1996a, 2003), observando a oposição *nós/a gente*, o princípio da saliência fônica consiste na análise da diferenciação fônica que existe entre as formas mais salientes e menos salientes e sua relação com a escolha de variantes no fenômeno da variação linguística.

A tabela 4 mostra como atua a saliência fônica no uso de *a gente* na fala dos informantes nas mesorregiões baianas, considerando os fatores definidos e já apresentados no item c em 4.3.2.1.

**TABELA 4:** Condicionamento da SALIÊNCIA FÔNICA na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas

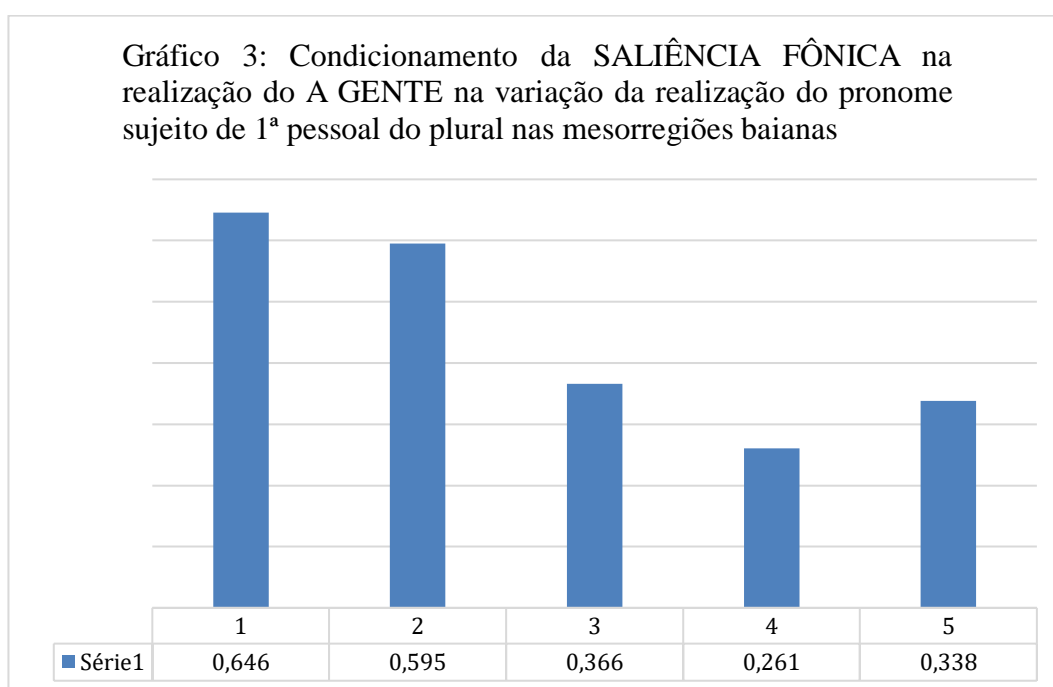
Graus de saliência	Dados de <i>a gente</i> /total	%	Peso relativo
1. Acréscimo da desinência <i>-mos</i>	55/64	85,9%	<b>0,646</b>
2. <i>-mos</i> e não coincidência entre a sílaba tônica	529/667	80,8%	<b>0,595</b>
3. <i>-mos</i> em monossílabos tônicos ou oxítonos no singular, que passam para paroxítonos	135/217	62,2%	0,366
4. <i>-mos</i> e perda da semivogal no plural	75/176	42,6%	0,261
5. <i>-mos</i> e diferenças fonológicas entre o singular e plural acentuadas	16/24	66,7%	0,338
6. <i>-mos</i> em formas do infinitivo	14/17	82,4%	<b>0,761</b>
7. Gerúndio	9/10	90%	<b>0,609</b>

Fonte: Elaboração própria, a partir de Lopes (1993)

Os dados apresentados na tabela 4 mostram que os níveis de menor diferenciação fônica, os graus 1 e 2, tendem a favorecer a forma *a gente*, com 85,9% e 80,8% de frequência e 0.646

e 0.595 de peso relativo. Ao passo que nos níveis de maior saliência (3, 4 e 5) entre as formas do singular e plural, há redução da forma *a gente*, conseqüentemente, favorecendo a forma *nós*.

Os níveis 6 e 7, formas do infinitivo com acréscimo de *-mos* e *gerúndio*, apesar de mostrar o favorecimento da forma *a gente* com frequência de uso 82,4% e 90% e peso relativo 0.761 e 0.609, respectivamente, tem um número insignificante de ocorrências em relação aos outros fatores, o que normalmente ocasiona pesos comprometidos e não confiáveis. O Gráfico 3, que não inclui resultados dos fatores 6 e 7, pelas razões já apresentadas, permite melhor entendimento desses resultados.



Fonte: Elaboração própria

Os dados da nossa pesquisa confirmam a nossa hipótese inicial e corroboram os resultados das investigações de Omena (1996a, 2003) e de Lopes (1993), pois a forma inovadora é impulsionada pelos níveis que apresentam menor saliência fônica (1 e 2), enquanto a forma *nós* é favorecida em contextos de maior saliência fônica, os níveis 3, 4, 5.

Há convergência também com a análise de Foeger (2014) em que o pronome inovador é favorecido nos níveis de menor saliência, excetuando os verbos do pretérito imperfeito. E também nos níveis 2 e 3 de saliência (tempo presente) e no nível 6. No nível de saliência 4, no tempo presente, apresenta 0,53 de peso relativo, e no pretérito perfeito, desfavorece bastante a forma inovadora, com 0,34. E o nível que mais desfavorece a forma *a gente* é o nível 5 com peso relativo de 0,23.

### 4.2.3 Sexo

A variável sexo tem se apresentado, em diversos trabalhos, como fator relevante a ser considerado nas análises linguísticas, uma vez que existem diferenças no comportamento linguístico dos homens e das mulheres, além de essa variável ser capaz de contribuir para o entendimento da mudança linguística.

Os resultados obtidos nesta pesquisa, conforme as análises de Omena (1996b, 2003), Lopes (1993), Mendonça (2010), Foeger (2014) e Mattos (2013), mostram que as mulheres impulsionam o emprego da forma *a gente*.

A tabela 5 apresenta os resultados do controle da variável Sexo, na observação de todos os dados levantados da pesquisa.

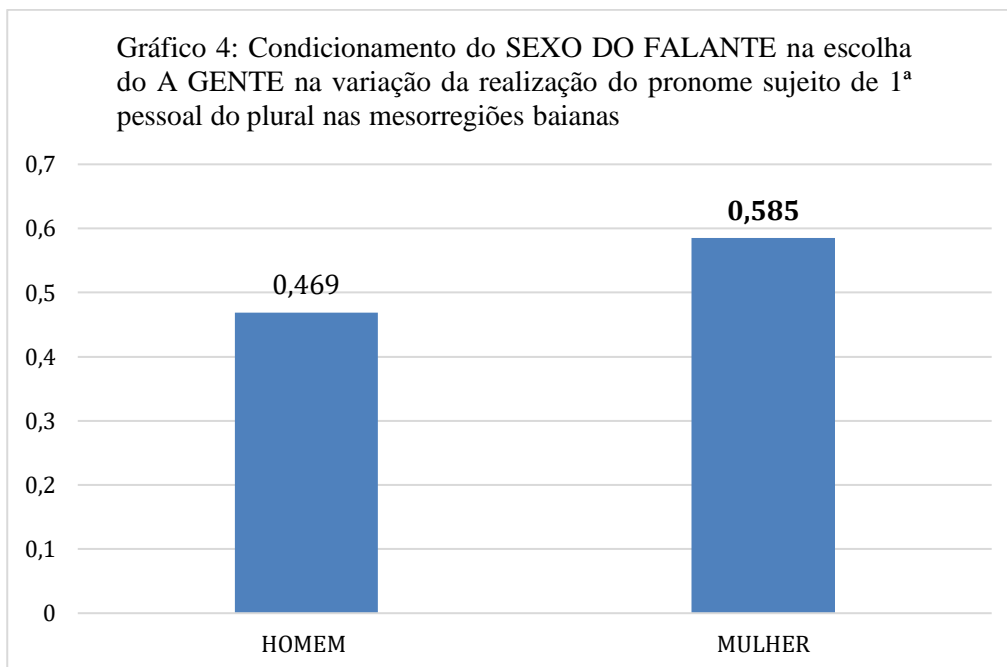
**TABELA 5:** Condicionamento do SEXO DO FALANTE na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas

Sexo	Quantidade	%	Peso relativo
<b>Homem</b>	600/861	69,7	0.469
<b>Mulher</b>	243/314	77,4	<b>0.585</b>

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da tabela 5 mostram que a variante *a gente tem* maior frequência no uso das mulheres com percentual 77,4% e peso relativo de 0,585. Na fala dos homens, comparado com as realizações das mulheres, a forma *nós* revela uma frequência menor de 69,7% e peso relativo de 0,469. Os resultados confirmam a tendência dos estudos sociolinguísticos nos quais apregoam que as mulheres tendem a empregar as formas mais inovadoras, principalmente nos centros urbanos, quando não estigmatizadas, como é o caso de *a gente*.

O Gráfico 4 permite melhor visualização dos resultados



Fonte: Elaboração própria

Estudos sociolinguísticos têm revelado que as mulheres usam formas mais prestigiadas que os homens em zonas urbanas (LABOV, 2008 [1972]) e os dados trabalhados são de zona urbana. Nas mesorregiões baianas, as mulheres não encabeçam o uso do *nós* (forma conservadora e considerada padrão, prestigiada pela tradição), elas encabeçam o uso de *a gente*. Isso pode levar ao entendimento de que a forma *a gente*, se não a mais valorizada, pelo menos não sofre estigma na variedade dos municípios observados. Os estudos sociolinguísticos revelam que as mulheres em zonas urbanas têm um papel importante na indicação de tendência a mudanças, pois elas encabeçam a mudança quando não é alvo de estigma.

Lopes (1993) mostra que os homens tendem a utilizar o pronome *nós* e as mulheres apresentam um leve favorecimento da forma inovadora, embora essa variável, como fator isolado, não foi selecionada pelo programa. Os resultados de Mendonça (2010) revelaram que as mulheres são as propagadoras da forma *a gente*. Os dados mostram um favorecimento acentuado da forma inovadora *a gente*, com peso relativo de 0,60 e frequência de uso 80,2%, ao passo que os homens desfavorecem a forma com peso relativo de 0,35 e frequência de uso de 56,9%.

Na análise de Foeger (2014), são as mulheres leopoldinenses que lideram a implementação da forma inovadora, com o percentual de 58,5% e peso relativo de 0,53. Comportamento semelhante ocorreu nas amostras de Mattos (2013), as mulheres de Goiás favorecem o uso de *a gente* (0,60) e os homens desfavorecem esse uso (0,41). Para a autora, o aumento do uso da forma inovadora deve-se ao processo de urbanização crescente no estado.

Labov (1990 *apud* LOPES, 1993, p. 101) considera dois princípios básicos que destacam a variável sexo: “Numa estratificação sociolinguística estável, os homens usam com uma frequência maior, as formas “não-padrão”. Na maioria dos fenômenos de mudança linguística são as mulheres que inovam, usando formas “não-padrão”.

Dessa forma, Labov (1990 *apud* LOPES, 1993) destaca que, no processo de variação estável, as mulheres optam pelo uso de formas padrão de maior prestígio. No entanto, em processo de mudança linguística, as mulheres comportam-se de forma inversa, tendo predileção para formas mais inovadoras. O autor chama a atenção ainda para o fato de que esse comportamento não será sempre igual nas diversas esferas da sociedade, já que é preciso considerar a outros aspectos sociais, e não apenas o sexo.

Esta pesquisa revela, assim como as pesquisas já realizadas sobre a alternância de *nós* e *a gente*, que os falantes das mesorregiões baianas, em particular as mulheres, são as que encabeçam o uso da forma inovadora, confirmando a nossa hipótese inicial e corroborando dados de pesquisas já apresentadas anteriormente. A análise da variável sexo nos indica uma mudança em curso avançada na implementação de *a gente*.

#### 4.2.4 Faixa etária

Os resultados do controle da variável Faixa etária estão apresentados na Tabela 6, e mostram um favorecimento da forma *a gente* por parte dos mais jovens.

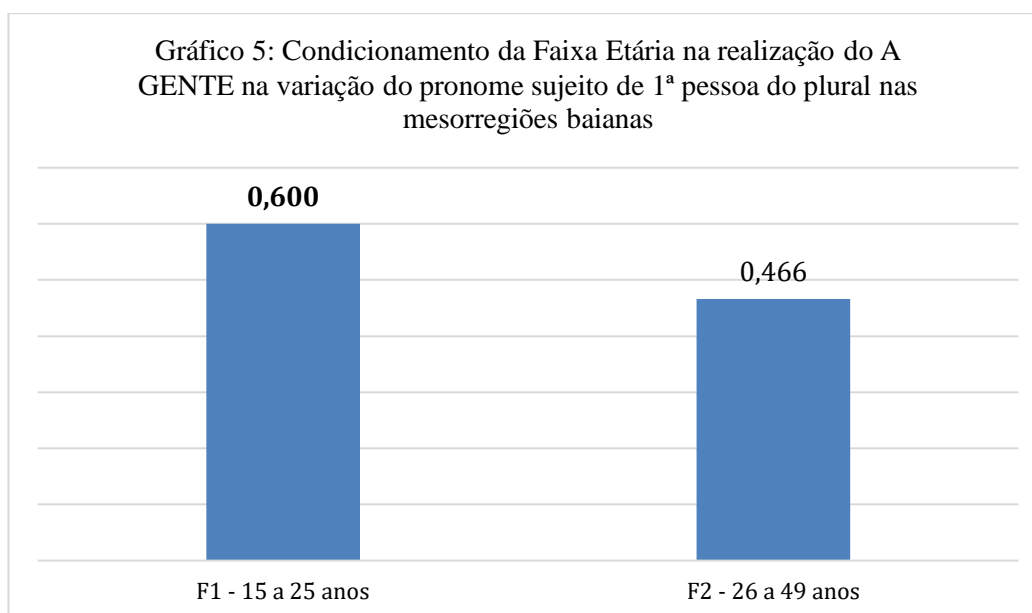
**TABELA 6:** Condicionamento da Faixa Etária na realização do *A GENTE* na variação do pronome sujeito de 1ª pessoa do plural nas mesorregiões baianas

FAIXA ETARIA	QUANTIDADE	%	PESO RELATIVO
F1 - 15 a 25 anos	237/293	80,9	<b>0,600</b>
F2 - 26 a 49 anos	606/882	68,7	0,466

Fonte: Elaboração própria.

Os falantes mais jovens em relação a uso de *a gente*, apresentam uma frequência de 80,9%, enquanto os mais velhos mostram uma frequência de 68,7%. Ou seja, os informantes da faixa etária 1 apresentam uso mais frequente da forma *a gente* do que os da faixa 2. Observando os pesos relativos, verificamos que a forma inovadora é impulsionada pelos falantes mais jovens, com peso relativo 0,6, ao passo que o peso relativo dos mais velhos foi de 0,466.

O Gráfico 5 permite melhor visualização dos resultados dessa variável.



Fonte: Elaboração própria.

Nos estudos de Omena (1996b), a variável idade mostrou-se significativa. Os dados mostram que os falantes mais velhos tendem a empregar a variante *nós* e os falantes mais novos fazem uso da forma inovadora. Lopes (1993), por sua vez, constatou que mais jovens, sejam homens ou mulheres, utilizam mais a forma *a gente*.

Para essa variável, os dados de Mendonça (2010) mostram que o *a gente* é a forma mais favorecida entre os mais jovens, uma vez que os informantes dessa faixa etária são menos conservadores, sendo assim impulsionadores da forma inovadora.

Todos os resultados de estudos acerca da alternância de *nós* e *a gente* mostram que os jovens têm tendência de favorecer a forma inovadora. Nesses estudos e em diversas pesquisas variacionistas desenvolvidas são os jovens que lideram o uso da forma em processo de implementação.

O aspecto social da idade é um fator significativo para a compreensão do comportamento linguístico dos falantes de uma comunidade. Considerando essa variável nas análises, é possível avaliar se os fenômenos em estudo estão em processo de variação estável ou uma mudança em progresso. Dessa forma, a partir dos dados obtidos nessa análise, verificamos que os falantes das mesorregiões baianas, no uso das formas de expressão de 1ª pessoa, configuram-se no processo de mudança em progresso.

Lopes (1993) destaca que a variável idade é muito importante para análises da variação e da mudança, pois o comportamento linguístico dos falantes para este processo não é o mesmo.

Durante o processo de variação, as variantes convivem com grupos de falantes mais jovens e mais velhos apresentando o mesmo comportamento. No processo de mudança, a variante mais inovadora é frequentemente empregada pelos mais jovens, e menos utilizada pelos mais velhos. (p.114)

Pesquisas como a de Omena (1996b) mostram que a substituição de *nós* por *a gente* tem acontecido em diversas faixas etárias, mas é com os falantes mais jovens que se encontram mudanças de maneira mais emergente, ocorrendo o inverso com os falantes mais velhos. Corroborando os estudos de Omena (1996b), as análises de Lopes (1993) demonstram que a forma *a gente* é mais frequente na fala dos informantes mais jovens, já os falantes mais velhos preferem a forma *nós*.

### **5.2.5 Mesorregiões/cidades.**

Analisar a variável Mesorregiões/cidades é de extrema importância para se verificar o comportamento linguístico de determinada variante. Como já foi mencionado na subseção 4.3.2.2, ao trabalharmos dados das cidades baianas que são contempladas no ALiB temos intuito de conhecer de forma mais ampla como se configura o português falado no estado da Bahia.

Segundo Cardoso (2010), é importante ter o conhecimento sistemático e geral da realidade linguística brasileira. Daí a importância do acervo do ALiB já que, através dos estudos com dados de diversas regiões, é possível compreender os fenômenos linguísticos e suas variantes, “eliminando visões distorcidas que privilegiam uma variante tida como culta e estigmatizam as demais variantes, causando, desse modo, ao ensino-aprendizagem da língua materna consideráveis prejuízos.” (p.169)

Dessa forma, para a variável cidade/mesorregião temos os resultados da tabela 7.

**TABELA 7:** Condicionamento da Mesorregião na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas

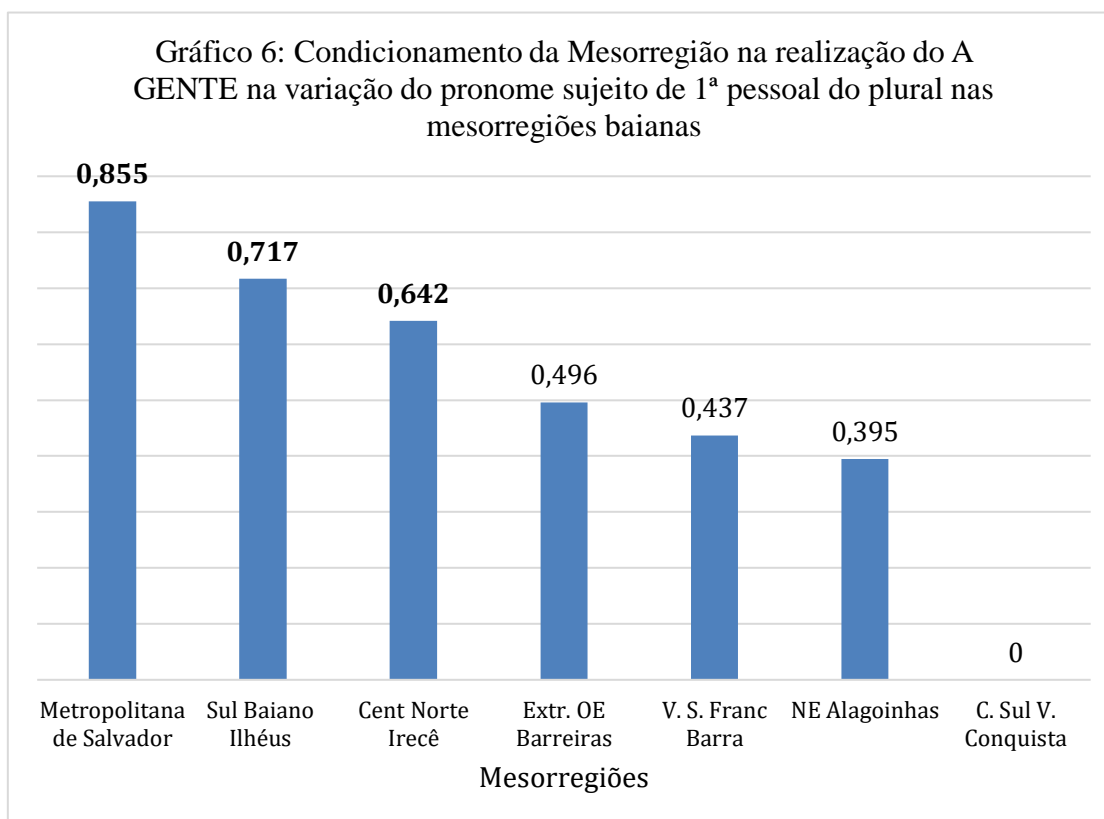
MESORREGIÃO/CIDADE	A GENTE/TOTAL	%	PESO RELATIVO
Extremo Oeste Baiano/BARREIRAS	175/266	65,8	0,496
Nordeste baiano/ALAGOINHAS	139/200	69,5	0,395
Sul Baiano/ILHÉUS	49/59	83,1	<b>0,717</b>
Centro-Norte Baiano/IRECÊ	207/243	85,2	<b>0,642</b>
Metropolitana de Salvador/ <b>SALVADOR</b>	111/119	93,3	<b>0,855</b>
Vale São-Franciscano da Bahia/BARRA	126/165	76,4	0,437
Centro-Sul Baiano/VITÓRIA DA CONQUISTA	36/123	29,3	0,095

Fonte: Elaboração Própria

A tabela 7 mostra que, das sete mesorregiões analisadas apenas três favorecem o uso da forma inovadora, **Metropolitana de Salvador** / Salvador (0,855); Sul Baiano / Ilhéus (0,717) e **Centro-Norte Baiano** / Irecê (0,642). Vale salientar que as duas cidades que apresentaram peso relativo mais alto encontram-se no litoral da Bahia. As demais mesorregiões / cidades, **Extremo Oeste Baiano** / Barreiras (0,496), **Vale São-Franciscano da Bahia** / Barra (0,437), **Nordeste baiano** / Alagoinhas (0,395) e **Centro-Sul Baiano** / Vitória da Conquista (0,095), desfavorecem o uso da forma *a gente*. A mesorregião que mais desfavorece é a Centro-Sul Baiano, com os dados de Vitória da Conquista., resultado que merece mais investigação.

As mesorregiões Metropolitana de Salvador e Sul Baiano, cujas falas foram analisadas através dos dados de Salvador e Ilhéus, respectivamente, indicaram maior favorecimento da variante *a gente*.

O Gráfico 6 permite melhor visualização dos dados.



De todas as mesorregiões baianas, acreditamos ser fácil explicar que a Metropolitana de Salvador encabece mudanças quando se refere à implementação de variante não estigmatizada. Ao lado da Metropolitana, também se mostra com a variante *a gente*, com implementação bastante adiantada, a mesorregião Sul Baiano, através dos estudos com os dados de Ilhéus. Causam-nos surpresa os resultados do Centro-Sul Baiano, observada pelos dados de Vitória da Conquista. A continuidade desta pesquisa deve se centrar na busca de respostas para esses resultados. Também se esperava que houvesse alguma semelhança entre os resultados das mesorregiões Nordeste Baiano e Metropolitana de Salvador, diante de certa proximidade física entre as duas.

As mesorregiões Extremo-oeste Baiano e Vale-São Franciscano da Bahia apresentaram resultados próximos ao ponto neutro da variação, que consideramos esperado. Ao mesmo tempo, os resultados atestados no Centro-Norte, através da análise dos dados de Irecê, apresentaram resultados que demonstram favorecer o *a gente*, com peso relativo de 0,642, o que nos parece no mínimo inesperado, apesar de não ser peso alto como Ilhéus e Salvador, pois não consideramos que essa mesorregião tenha muitos contatos exteriores, como as citadas de maior registro do *a gente*.

### 5.3 Variáveis não selecionadas

As variáveis paralelismo documentador/entrevistado ou efeito gatilho e o tempo verbal não foram selecionadas pelo programa, entretanto achamos pertinente incluí-las na discussão, buscando entender a razão de elas não terem sido selecionadas.

#### 5.3.1 Paralelismo documentador/entrevistado ou efeito gatilho

Para tentarmos entender por que algumas variáveis não foram selecionadas, faz-se necessária a remissão à Tabela 2.

Na variável Paralelismo Documentador/Entrevistado, comumente tratada com Efeito Gatilho, é necessário que se observe o que se apresenta na Tabela 8, que retoma parte da Tabela 2, referente a essa variável. O fator *nós* na fala do entrevistador só teve 2 dados, todos com *a gente*. Nessa variável, há, como se vê, dois fatores com bem poucos dados de *a gente*, uma delas com 100%; as duas restantes têm quase o mesmo percentual da variante. Quando os percentuais da variante de todos ou quase todos os fatores são próximos, o GoldVarbX não tem elementos de definir os pesos relativos em uma análise de regras variáveis. O número muito pequeno de dados, por vezes, provoca erros, por isso é costume retirar fatores com número de dados abaixo de 10.

**TABELA 8:** Atuação do **EFEITO GATILHO** na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas

<b>PARALELISMO DOCUMENTADOR/ENTREVISTADO</b>	<b>DADOS DE A GENTE/TOTAL</b>	<b>%</b>
<i>A gente</i> na fala do entrevistador	54/77	70,1
Apenas o <i>-mos</i> na fala do entrevistador	9/22	40,9%
<i>Nós</i> na fala do entrevistador	2/2	100%
Ausência de gatilho	778/1074	72,4%

Conforme os estudos de Freitag (2011), nem sempre a estrutura apresentada na fala do entrevistador será mantida pelo falante, entretanto há grande possibilidade de o falante repetir o que foi mencionado na fala do entrevistador e ser mantido na fala do entrevistado.

Nesse sentido, verificamos que o possível efeito gatilho, o paralelismo documentador/entrevistado, não foi identificado nos dados.

### 5.3.2 Tempo verbal

A variável Tempo verbal não se mostrou significativa segundo os dados estatísticos expostos pelo GoldVarbX. Vejamos a Tabela 9 (a partir da parte referente ao Tempo verbal apresentado na Tabela 2).

**TABELA 9:** Frequência dos fatores do **TEMPO VERBAL** na realização do A GENTE na variação da realização do pronome sujeito de 1ª pessoal do plural nas mesorregiões baianas

<b>TEMPO VERBAL</b>	<b>DADOS DE A GENTE/TOTAL</b>	<b>%</b>
<b>Presente do indicativo</b>	<b>719/996</b>	<b>72,2%</b>
<b>Presente do subjuntivo</b>	0/3	0%
<b>Pretérito perfeito indicativo</b>	43/79	54,4%
<b>Pretérito imperfeito indicativo</b>	55/65	<b>84,6%</b>
<b>Imperfeito subjuntivo</b>	1/1	<b>100%</b>
<b>Futuro do presente indicativo</b>	-	-
<b>Futuro subjuntivo</b>	0/3	0%
<b>Infinitivo</b>	16/18	<b>88,9%</b>
<b>Gerúndio</b>	9/10	<b>90%</b>

Fonte: Elaboração própria.

Na variável Tempo verbal, os percentuais não permitiram análise de regras variáveis, pelos seguintes motivos: (i) em 3 dos 9 fatores não houve variação (ou foi 0% ou 100% do *a gente*; (ii) além disso, em 1 deles não houve dados; (iii) dos cinco restantes, em 4 os percentuais estão muito próximos (72,2%, 84,6%, 88,9%, 90%), restando apenas 1, com 54,4%, muito próximo do ponto neutro. Apesar de serem muitos fatores inicialmente, o programa não tinha quase material pra avaliar, por isso a variável Tempo verbal não foi selecionada. Os percentuais parecem indicar que, em contextos com os tempos do indicativo e com formas nominais do verbo, há o maior uso do *a gente*. Mas sem os pesos, não se pode apresentar resultados confiáveis.

#### 5.4 Visão geral da análise realizada

A análise da variação na realização do pronome de 1ª pessoa do plural no português das mesorregiões baianas, aqui realizada, chegou aos seguintes condicionamentos da variante *A GENTE*:

- a. quanto ao Paralelismo Formal, são contextos favorecedores: (i) um antecedente *a gente*; (ii) o *a gente* em 1ª referência;
- b. quanto à Saliência Fônica, é contexto favorecedor: (i) quando a diferença entre a 3ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural da forma verbal se restringe apenas acréscimo de -mos;
- c. quanto à variável Sexo, as mulheres são favorecedoras;
- d. quanto à variável Faixa Etária, os jovens são os favorecedores;
- e. quanto à variável Mesorregiões, são favorecedoras as mesorregiões Metropolitana de Salvador, Sul Baiano e Centro-Norte Baiano.

Os resultados indicam que a variante *a gente* parece estar em processo de mudança, o que pode ser entendido pelo resultado das variáveis Faixa etária e Sexo. Na observação em tempo aparente (LABOV, 2008[1972]), os resultados da Faixa etária indicam que o *a gente* é a variante mais presente entre os jovens. Ao lado disso, são as mulheres que mais utilizam a forma. Sabendo-se que as mulheres encabeçam a mudança que envolve variante não estigmatizada, podemos admitir que a variável é uma candidata à mudança na Bahia. Como esse quadro não ocorre da mesma forma em todas as mesorregiões, imaginamos que esse processo, ainda que ocorra, não parece ser em curto prazo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa observou a variação na realização do pronome sujeito de 1ª pessoa do plural. Tomando como pressuposto teórico e metodológico a Sociolinguística Variacionista, esta dissertação estudou a alternância *nós/a gente*, com o pressuposto de que a escolha da variante não é aleatória.

Tomamos como *corpus* entrevistas do Atlas Linguístico do Brasil realizadas em 7 cidades baianas, escolhidas das 7 mesorregiões do estado da Bahia. Foi analisada a fala de entrevistados dos dois sexos e duas faixas etárias diferentes em cada cidade e levantaram-se 1175 dados, sendo 843 de *a gente* e 332 correspondentes a *nós* (*nós* explícito e implícito, ou seja, apenas marcados pela desinência *-mos*.)

Podemos constatar com esta investigação, como muitas pesquisas o fizeram, que, no português falado pelos brasileiros, a forma *a gente* é o pronome mais utilizado em diversas comunidades para referência à primeira pessoa do plural. Na busca de elementos condicionadores, foram controladas as variáveis independentes linguísticas: paralelismo formal, saliência fônica, presença de gatilho, tempo verbal e as variáveis independentes extralinguísticas: sexo, faixa etária e mesorregiões.

Ademais, observamos que, diferente de uma acidente linguístico ou situações aleatórias, os usos de *nós* e *a gente* na função de sujeito nas Mesorregiões baianas são ocorrências motivadas por fatores linguísticos e sociais, como: paralelismo formal, Saliência fônica, sexo, faixa etária e Mesorregião, variáveis que, na, análise de regras variáveis, foram selecionadas pelo programa estatístico GoldVarb X.

Em relação à variável paralelismo formal, os resultados indicam um maior favorecimento da forma *a gente* quando esta tem o mesmo referente precedente, ou seja, *o a gente*, ou quando o a forma inovadora *a gente* é a primeira referência utilizada pelo falante. Esse resultado comunga com a ideia de que há um processo mental que promove a manutenção e repetição de estruturas, comprovando a nossa hipótese.

Ao analisarmos a saliência fônica, os resultados obtidos mostraram como o ambiente favorecedor dessa variável o acréscimo, apenas, do *-mos* como distinção entre a 3ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural. Dessa forma, nos níveis de menor diferenciação fônica é a forma inovadora que é preferida pelos falantes. Nesse sentido, nossa pesquisa, assim como os estudos de Omena (1996a, 2003) e Lopes (1993), confirma a hipótese de que são nos níveis de menor saliência que a forma *a gente* é impulsionada.

A variável sexo configura-se como importante para análise nos estudos sociolinguísticos, uma vez que a forma de falar entre homens e mulheres apresentam diferenças significativas que podem nos ajudar a compreender a mudança linguística. Assim, no controle dessa variável, identificamos que as mulheres impulsionam o uso da forma inovadora, a forma *a gente*, ratificando resultados encontrados em outras pesquisas do fenômeno em questão, como a de Mendonça, (2010), Lopes (1993), Omena (1996b, 2003) e Mattos (2013).

Com este resultado, a nossa hipótese se confirma, já que esperávamos que as mulheres tivessem predileção pela forma *a gente*, uma vez que as mulheres em zonas urbanas tendem a usos de formas linguísticas mais valorizadas. Além disso, de acordo com as pesquisas variacionistas são as mulheres que são mais propícias ao uso de formas que encabeçam mudança na língua. Assim, podemos afirmar que, nas mesorregiões baianas não há estigma para a forma *a gente*, embora o pronome inovador não seja, ainda, a forma mais valorizada.

Nesse sentido, o uso da forma *a gente* de modo geral não mostra que seja estigmatizado pelos falantes. Entretanto, parece-nos são alvo de estigma ocorrências com a forma *a gente* + verbos com desinência *-mos*, *a gente* falamos. Embora esses casos não tenham sido analisados nesta pesquisa, entendemos que seja um aspecto importante de ser investigado e esperamos poder contemplá-lo na continuidade desta pesquisa.

No que se refere à variável faixa etária, os dados analisados mostram que são os falantes mais jovens que encabeçam o uso da forma inovadora, confirmando a nossa hipótese inicial, pois esperávamos que os falantes mais jovens empregassem com mais frequência a forma *a gente*. O mesmo acontece nos estudos desenvolvidos por Omena (1996b, 2003), Lopes (1993), Mendonça (2010), Vianna e Lopes (2012).

A variável mesorregião tem como propulsoras para o uso da forma inovadora as Mesorregiões: Metropolitana Salvador, Sul baiano e Centro Norte Baiano, ou seja, é nas falas de informantes dessas mesorregiões, observadas através de dados das cidades de Salvador, Ilhéus e Irecê, que a forma *a gente* é mais utilizada.

Os resultados alcançados nesta dissertação nos levam a pensar em possibilidade de mudança a caminho da implementação do *a gente*. São motivadores dessa ideia principalmente dois dos resultados aqui alcançados: (i) os relativos à variável Faixa etária e (ii) os referentes ao Sexo do falante. Os jovens e as mulheres são os grupos nas mesorregiões baianas que colocam o *a gente* na dianteira da realização do pronome de 1ª pessoa do plural. Tomando a conhecida expressão de que o futuro é dos jovens, pode-se entender a importância da observação do que eles dizem e de como eles dizem as coisas.

Através do estudo dos fenômenos por meio da análise em tempo aparente, na perspectiva laboviana (LABOV, 2008[1972]), tem-se a visão das indicações de mudança que os jovens representam. Ademais, como são as mulheres que, normalmente, lideram a mudança quando a variante não é estigmatizada na comunidade, é possível considerar que o *a gente* é aspirante à mudança na Bahia. Embora essa realidade não aconteça da mesma forma e com a mesma intensidade em todo território da Bahia, deduzimos que esse processo ainda irá acontecer ao longo do tempo, de forma gradual, como costuma ocorrer no processo de uma mudança linguística.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tania. Sociolinguística In: MUSSALIN, Fernanda & Anna Christina BENTES (2001) (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Volumes 1, São Paulo: Cortez Editora. 2005, p. 21-48.
- BORGES, P. R. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro**: análise Histórico social linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. (Tese de doutorado). UFRS: Porto Alegre, 2004.
- BRIGHT, William. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, Moema Facure (orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974[1964], p. 17-22.
- BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis**. Florianópolis: UFSC, 2009. (Dissertação de Mestrado)
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda & Anna Christina BENTES (2001) (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Volumes 1, São Paulo: Cortez Editora. 2005, p. 49-75.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil – Introdução**, Vol. 1, Londrina: Eduel, 2014.
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015
- FOEGER, CAMILA CANDEIAS. **A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES**. Dissertação de Mestrado.UFES: 2014.
- FOEGER, C. C., Yacovenco, L. C., & Scherre, M. M. P. (2017). **A primeira pessoa do plural em Santa Leopoldina/ES: correlação entre alternância e concordância**. *Letrônica*, 10(1), 5-17. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.1.25067>
- FREITAG, Mesiter Ko, Raquel; MATOS, Santos, Andreia.; & SILVA, Araújo Amanda. (2012). **O “efeito gatilho” e a continuidade tópica: atuação do domínio tempo, aspecto e modalidade**. *Signótica*, 23 (2), 247–265. <https://doi.org/10.5216/sig.v23i2.15221>
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite *et al.* Tratado geral sobre gramaticalização In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. LIMA-HERNANDES, Maria Célia. CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. (Org) **Introdução a gramaticalização: Princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de gramaticalização In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. LIMA-HERNANDES, Maria Célia. CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. (Org) **Introdução a gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GORSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE, Tânia Ferreira. **Dinâmicas Funcionais da Mudança Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p.35-64.
- GUY, Gregory. A Identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação lingüística. **Organon**, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28 e 29. p. 17-32.2000.
- GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.
- ISQUERDO, Aparecida Negri; TELES, Ana Regina Torres Ferreira; ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. A rede de pontos. In : CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.*, **Atlas Linguístico do Brasil – Introdução**, Vol 1, Londrina: Eduel, 2014, p.37-78.

- HOPPER, Paul J. Emergent grammar. **Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, 1987. p. 139-157.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E & HEINE, B. **A Approaches to grammaticalisation**, v. 1. Amsterdam: Benjamins, 1991.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOPES, C. R. dos S. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**, Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português**. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v.18. p.174. ISBN: 84-8489-061-9
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. VOTRE, Sebastião Josué. CEZÁRIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. (Org.) **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Departamento de Linguística e Filologia/UFRJ, 1996.
- MARTELOTTA, MARIO Eduardo. Mudança Linguística. In: **Linguística funcional: teoria e pratica**. CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mario Eduardo (orgs.) Rio de Janeiro: DP&A, 2003.p. 59-71
- MATTOS, Shirley Eliany Rocha. **Goiás na primeira pessoa do plural**. Tese de doutorado. UNB: 2013.
- MENDONÇA, Alexandre. K. de. **Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba**. Dissertação de mestrado. UFES: 2010.
- MENON, Odete Pereira da Silva. **A gente: um processo de gramaticalização**. In.: Estudos Linguísticos. XXV: 622-628 (Anais do XLIII sem. Gel. UNAERP, Ribeirão Preto), 1996, p. 622-628.
- MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs) **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2019. P. 27- 31.
- NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs) **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2019. P. 43- 50.
- OLIVEIRA, Josane Moreira de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- OMENA, Nelize Pires de. A referência á primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996a, p. 183-215.
- \_\_\_\_\_. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, , 1996b, p. 309-323.
- \_\_\_\_\_. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs.). **Mudança Linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 63-80.
- OMENA, Nelize Pires de; BRAGA, Maria Luiza. A gente está se gramaticalizando? In: MACEDO, Alzira Tavares de Macedo; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996, p.75-83.

- PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Mudança Linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs) **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 179-190
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riediliger. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1913].
- SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. Visão de Conjunto das Variáveis Sociais. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Rio de Janeiro: Departamento de Linguística e Filologia, 1996, p. 335-378.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. Rio de Janeiro: UFRJ/Departamento de Linguística e Filologia, 1988 (Tese de Doutorado).
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. **Revista de Estudos Linguísticos**. Belo Horizonte, v.7, n.2, p.29-59, jul./dez. 1998.
- SEARA, I. C. *A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana*. Organon, Porto Alegre, 2000, p. 179-194.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática.1997
- VIANNA, Juliana Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs). Mapeamento Linguístico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2015, p. 109-131.
- VIANNA, Juliana Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. **A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador**. Caligrama, Belo Horizonte. V17, n2, p. 117-161, 2012.
- VOTRE, Sebastião Josué. CEZÁRIO, Maria Maura. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. (Org.) **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ Departamento de Linguística e Filologia/UFRJ, 1996.
- VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs) **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2019. P. 51-57.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].
- WANDERLEY, Lívio Andrade; SANTOS, Nanety Cristina Alves dos; PORTUGAL, Wellyngton Barbosa. Um estudo de dinamismos setoriais por mesorregiões do Estado da Bahia, no intervalo entre 2006 e 2012, através do modelo shift-share analysis. *Revista Nexos Econômicos, UFBA*. v.8, n. 1, jan-jun. 2014
- ZILLES, Ana Maria S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? **Letras de Hoje**. Porto Alegre: 2007, p. 27-44
- ZILLES, Ana Maria Stahl; MAYA, Leonardo Zechlinski; & SILVA, Karine Quadros da. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. **Revista Organon**, v. 14, n. 28-29, 2000. <https://doi.org/10.22456/2238-8915.30205>

#### SITES CONSULTADOS

- IBGE Cidades: Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/> Acesso em: 14 jun 2021
- Cidades do meu Brasil Disponível em: <https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/ba/> Acesso em: 14 jun 2021
- Site prefeitura Municipal de Barra: Disponível em: <http://barra.ba.gov.br/barra-historia/> Acesso em: 14 jun 202
- Site do ALiB. Disponível em: <https://alib.ufba.br/> Acesso em: set 2020.

Página Prefeitura Municipal de Ilhéus. Disponível em: <  
<https://www.ilheus.ba.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia-completa-de-ilheus/6495>>

Acesso em: 14 jun 2021

Site Wikipédia: História das cidades baianas: Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/>>

Acesso em: 14 jun. 2021

Site História de Salvador: Disponível em: < <http://www.salvadorbahiabrasil.com/historia-salvador.htm>> Acesso em: 14 jun. 2021

Página prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. Disponível em: <

<https://www.pmvc.ba.gov.br/primeiros-habitantes/>> Acesso em: 14 jun. 2021

Página prefeitura Municipal de Alagoinhas. Disponível em:

<https://www.alagoinhas.ba.gov.br/index.php/historico/>?. Acesso em: 30 jun. 2021.